

DM  
COIM. 1

# INSTITUTO SUPERIOR DE PSICOLOGIA APLICADA

MESTRADO EM  
COMPORTAMENTO ORGANIZACIONAL

Dissertação sobre o tema:

O que os Portugueses pensam dos Espanhóis  
*Abordagem Etnometodológica*

*Maria da Luz Dias Coimbra*

ORIENTADOR: Jorge Adelino Cunha Ribeiro Pires  
*Instituto Politécnico de Tomar*

**Lisboa, 2001**

ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada  
Centro de  
Documentação  
Registo: 14477  
Data: 6, 11, 2003  
Tel.: 21 831 17 50 • [bib@ispa.lisboa.pt](mailto:bib@ispa.lisboa.pt)

...nem os macacos gostam dos espanhóis  
(In recolha de estórias)

Agradecimentos - Gostaria de nestas linhas deixar registado o meu reconhecimento às pessoas que tornaram possível a concretização de um sonho, e essas pessoas foram;

O Professor Doutor Orlindo Gouveia Pereira, pelos ensinamentos fornecidos, sugestões, críticas oportunas e pelo permanente incentivo na realização deste projecto.

O Mestre Jorge Pires, pelo apoio amigoso e eficiente.

Os imprescindíveis portugueses respondentes, nas abordagens efectuadas.

José António Marques, um amigo que se disponibilizou para a leitura do texto contribuindo com as suas sugestões.

Manuela Sampaio, na área de informática.

O arquitecto Fernando Pedro Faria, pelos desenhos que propositadamente criou, para apresentação deste trabalho.

Um grupo fundamental que faz parte da minha vida pessoal, o meu pai, os meus tios e os meus primos.

A memória da minha saudosa mãe, pela força interior que sempre me tem transmitido.

A todos, o meu Bem Hajam.

## ÍNDICE

### I – INTRODUÇÃO

Etnometodologia .....	9
A Atitude Natural e a Intersubjectividade .....	10
As regras, a ordem social e as experiências .....	13
Desenvolvimento sobre o uso e a interpretação das regras .....	17
A análise conversacional .....	23
Abordagem Etnometodológica .....	25
Representações Sociais .....	30
A Teoria do Núcleo Central .....	32
Objectivos do Estudo .....	36

### II – MÉTODO

Sujeitos e Procedimentos .....	37
Material .....	37

### III – RESULTADOS

Histórias .....	40
Tipologia das histórias .....	58
Relato Etnometodológico .....	60
Representação Social dos Espanhóis .....	67
Objectivação e Estrutura Interna da Representação no Presente Estudo .....	67
Ancoragem da Representação .....	69
Matriz de semelhança do presente estudo .....	75

#### IV – ESTUDO COMPARATIVO

Estrutura Interna da Representação Social dos Dois Estudos .....	80
Categorias do Presente Estudo e do Estudo Nacional .....	83
Matrizes de Semelhança dos dois Estudos .....	85

V – DISCUSSÃO .....	88
---------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	92
----------------------------------	----

ANEXOS .....	98
--------------	----

Anexo 1 – Histórias recolhidas

Anexo 2 – Base de dados brutos

Anexo 3 – Lista das categorias e distribuição das palavras pelas categorias

## ÍNDICE DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1: Estrutura Interna da Representação Social no Presente Estudo.....	68
Quadro 2: Estrutura Interna da Representação Social no Presente Estudo .....	80
Quadro 3: Estrutura Interna da Representação Social no Estudo Nacional .....	80
Tabela 1: Distribuição da percentagem encontrada face ao tipo de histórias .....	59
Tabela 2: Relação entre o contexto geográfico e níveis de escolaridade .....	59
Tabela 3: Distribuição por categoria segundo as palavras surgidas e percentagem de aparecimento, no presente estudo .....	74
Tabela 4: Distribuição em percentagem dos termos e total de aparecimento por categoria, nos dois estudos .....	83

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 : O termo cria o contexto .....	19
Figura 2 : Árvore máxima das categorias do presente estudo .....	77
Figura 3 : Presente estudo .....	86
Figura 4 : Estudo nacional .....	86

## RESUMO

Apresenta esta Dissertação o estudo que recaiu sobre o que pensam os portugueses quando o tema são os espanhóis.

O método utilizado para responder ao problema proposto, consistiu na utilização de uma abordagem etnometodológica.

“A realidade dos factos sociais é abordada (pela etnometodologia) como uma contínua realização de actividades combinadas da vida de todos os dias. As actividades sociais, a linguagem quotidiana, enquanto interacções, constituem os factos sociais, que não existem independentemente das práticas que os constituem” (Garfinkel, 1994).

Para a comparação deste estudo com o estudo nacional “A Espanha vista de Portugal” (O.G.Pereira et al., 1997), foi feita uma aproximação às representações sociais enquanto “conjunto de conhecimentos, crenças e opiniões partilhadas por um dado grupo em presença de um dado objecto social” (Moscovici, 1986), e em particular à Teoria do Núcleo Central formulada por Claude Abric (1976,1984). Para análise dos dados das representações sociais utilizámos o conceito de Análise de Similitude (Flament, 1986) e a operacionalização de Vergès (1992, 1994).

A amostra probabilística foi de 41 sujeitos e as regiões intervenientes foram a grande Lisboa e a zona fronteiriça de Vilar Formoso.

Na abordagem escolhida para o objecto em estudo, foi pedido aos indivíduos que relatassem histórias cujos protagonistas fossem espanhóis.

Tendo-se criado um relato único, fruto dos vários relatos obtidos, onde os resultados indicaram que da época de Franco se perpétua a lembrança da Guerra Civil, Nacionalismo e a violência a ele associada.

Que nos nossos dias se mantém a ideia de criminalidade e violência, mas também é construída uma imagem de desenvolvimento, elogiado o domínio cultural, referida a contagiante alegria do povo espanhol, bem como sentimentos de amizade e religiosidade que sempre acompanham este povo.

Quanto às representações sociais, obtidas pelo tratamento das histórias com a mesma metodologia do estudo nacional sobre “O que os portugueses pensam dos espanhóis”, os resultados mostraram que na sua componente mais estável e duradoura a representação assenta em espanhola, discoteca e Guarda Civil, associando as noções de Madrid, música, pesetas, fuga e simpatia, na componente mais relacionada com o contexto imediato e quotidiano dos sujeitos.

A categoria que engloba maior número de termos é aspectos sócio-políticos, seguida de traços negativos.

A comparação dos dois estudos, sugere uma proximidade semântica no caso das representações sociais e uma dimensão histórica, contextualizada no relato etnometodológico.

## I - INTRODUÇÃO

A presente investigação visa, primariamente, determinar o modo como os portugueses pensam os espanhóis, usando o método etnometodológico, e, secundariamente comparar os resultados com ele alcançados, com os do estudo nacional “A Espanha vista de Portugal” (O. G. Pereira, et al 1997) que adoptou técnicas de pesquisa mais habituais em Psicologia Social, num inquérito (compreendendo a avaliação de atitudes, representações sociais, diferenciador semântico, estereótipos, etc.).

Uma vez que se utiliza na primeira forma de estudo um método pouco comum, integrado numa corrente divergente da ciência positiva, convém começar por considerar o que é a Etnometodologia.

### ETNOMETODOLOGIA

A Etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e, ao mesmo tempo, realizar as suas acções de todos os dias : comunicar, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a Etnometodologia será, portanto, o estudo dessas actividades quotidianas, quer sejam triviais ou eruditas. Como observa (George Psathas, 1980), a Etnometodologia apresenta-se como uma prática social reflexiva, que procura explicar os métodos de todas as práticas sociais, inclusivé os seus próprios métodos. “Onde outros vêem dados, factos, coisas, a Etnometodologia vê um processo através do qual os traços da aparente estabilidade da organização social são continuamente criados”, (M. Pollner, 1974).

A Etnometodologia tem uma história significativamente agitada. Como refere Garfinkel (1968), o seu inventor, cria-a para dispor de um rótulo que designe o tipo de considerações que faz nos seus vários estudos.

Já Cicourcel (1972), fala de Sociologia Cognitiva, quando se refere a Etnometodologia. Outros como Giddens (1976), um crítico favorável a Garfinkel, escolheram a designação de Sociologia Interpretativa, para se referir à Etnometodologia, sendo este último, o nome geralmente utilizado para referir a dita orientação.

A posição teórica dos etnometodólogos, inclina-os para se interessarem por situações limites.

### **A atitude natural e a intersubjectividade.**

Das várias influências que os etnometodólogos recebem, sem dúvida a mais representativa é a de Alfred Schütz. A pesquisa Etnometodológica organiza-se em torno da ideia, segundo a qual, nós todos somos “sociólogos em estado prático”. O real já se acha descrito pelas pessoas. A linguagem comum diz a realidade social, descreva-a e ao mesmo tempo constitui-a.

Schütz desenvolve a noção do compreender e propõe o estudo dos processos de interpretação que utilizamos na nossa vida quotidiana, para dar sentido às nossas acções e às dos outros. Aqui reside, provavelmente, o contributo essencial de Schütz. Como sublinha Patrick Pharo (1985), é a ideia simples que se encontra em Schütz, segundo a

qual a compreensão se acha sempre já realizada nas actividades mais simples da vida diária. Segundo Schütz (1962), a linguagem quotidiana esconde todo um tesouro de tipos e características pré-constituídos, de essência social, que abrigam conteúdos inexplorados.

O mundo social de Schütz é o da vida quotidiana, vivida por pessoas que não têm interesse teórico, à priori, pela constituição do mundo. Este mundo social é um mundo intersubjectivo, mundo de rotinas, em que a maioria dos actos da vida quotidiana são, em geral, realizados maquinalmente. A realidade parece natural e sem problemas, mas para Schütz, a realidade social é:

*“ A soma total dos objectos e dos acontecimentos do mundo cultural e social, vivido pelo pensamento de senso comum de homens que vivem, juntos, numerosas relações de interacção. É o mundo dos objectos culturais e das instituições sociais em que nascemos, todos nós, onde nos reconhecemos.... Desde o princípio, nós, os actores no cenário social, vivemos o mundo como um mundo ao mesmo tempo de cultura e natureza, não como um mundo privado mas intersubjectivo, ou seja, que nos é comum, que nos é dado ou que é potencialmente acessível a cada um de nós. E isto implica a intercomunicação e a linguagem “.*

As bases do pensamento de Alfred Schutz, encontram-se na Fenomenologia e na Sociologia Compreensiva, com ponto de partida na filosofia de Marx Weber, que concebe o significado como um fenómeno intersubjectivo (Benson e Hughes, 1983). Por seu lado, Schütz influenciou, de forma notória e decisiva, Garfinkel e Cicourel, entre outros. Schütz questiona-se, precientificamente, com a estrutura fundamental da realidade, e entende que esta dada pela experiência, é evidente por si mesma (Wolf, 1979). Para ele, os pressupostos

da vida quotidiana estão no que Husserl (1935) chamou de atitude natural, isto é, a atitude originária e normal das pessoas perante o mundo e os seus objectos.

As Ciências Naturais estudam objectos. As Ciências Sociais ocupam-se de pessoas. Estas interpretam quotidianamente a realidade através do seu sentido comum. Esta é a atitude natural das pessoas. Uma atitude que considera supostamente a existência do mundo, assim como as nossas experiências. E o crucial desta atitude é que unicamente a erupção de um elemento estranho no nosso conhecimento pode fazer rever a nossa crença de que objectos e factos do mundo quotidiano são o que parecem ser. A consequência é que as Ciências Sociais, se têm de compreender a acção social, devem referir-se a esta, nos mesmos termos em que fazemos, quando interpretamos a realidade. Schütz (1962), seguidor de Weber, defende a compreensão, como o método adequado para tal, particularizando que é um método subjectivo, não porque a compreensão dos motivos das acções de outra pessoa dependam de uma intuição privativa, incontrolável e inverificável pelo observador, ou porque se referirá ao seu sistema privado de valores, mas porque a sua meta é averiguar o que o actor “significa”, com o seu desempenho, em contraste com o significado que esta acção tem para o interlocutor ou para um observador neutro.

O eixo da questão permanece situado, na intersubjectividade humana, tema em que Schütz continua, Dilthey, Husserl e Scheler (Zaner, 1961) e no que é, aparentemente, acompanhado com (Parsons, 1937). Como partindo da subjectividade de cada um podemos chegar a partilhar pensamentos, sentimentos, atitudes e situações? A isto responde Schütz, referindo que o mundo social é possível, uma vez que experimentamos o mundo em comum e que o nosso conhecimento da realidade resulta de um complexo

processo de socialização, o qual, caracteriza pela reciprocidade de perspectivas, uma estrutura social.

### **As regras a ordem social e as experiências**

Uma primeira preocupação de Garfinkel tem sido esclarecer o que se tem de entender por Etnometodologia, pois poderia pensar-se, precipitadamente, que se trata de elaborar os métodos da Ciência Etnológica. Mas tal não acontece, referindo-se, mais literalmente, ao estudo da metodologia popular, isto é, aos métodos que as pessoas utilizam para entender o mundo social, o que equivale a dizer para intervir nele e constituí-lo (moldá-lo).

Garfinkel, (1967), afirmou que a Etnometodologia analisa as actividades quotidianas para compreender como é que as pessoas as tornam racionais e explicáveis na prática. Isto significa estudar as estruturas formais das actividades comuns (Garfinkel e Sacks, 1970). Por outras palavras, o interesse dos etnometodólogos, focaliza-se no receituário ao qual nós deitamos mão para conhecer e actuar (“Cookbook Knowledge”) na realidade (Filmer et Al., 1972), porque supõem não só, que tal receituário existe, como também que graças a este, as pessoas constroem um mundo quotidiano. Dizendo de outra forma, a Etnometodologia apresenta-se como o estudo dos métodos que as pessoas utilizam ao inter-actuar. Para que, ao nível psicossocial, a interacção seja possível e estável, e ao nível sociológico, para que se possa criar a ordem social.

Quando criou o neologismo Etnometodologia, conta Garfinkel (1968), que estava interessado em conhecer como actuavam os jurados no desempenho das suas funções

(tema em que trabalhara já em 1954: cf. Hill e Crittendon, 1968). Como é sabido, a missão de todo o júri é averiguar “ o que de facto aconteceu – conhecer a matéria de facto”, e isto segundo umas regras de actuação que o Juiz recorda, previamente, ao júri. Mas dada a polivalência das situações, na prática, o jurado não pode segui-las, porque se vê obrigado a interpretar, ou seja, a dotar de sentido as questões de facto que lhe são submetidas. Ao inquirir sobre as deliberações do Júri, Garfinkel pode comprovar que o conhecimento se produzia nos membros do júri, não como uma forma de apreciação (do ponto de vista técnico-jurídico ou do Juiz), mas através do mero sentido comum, de tal modo, que uma prova ou uma descrição apresentadas, eram consideradas simplesmente adequadas ou não. De facto, apesar de a análise dos depoimentos ou declarações, mostrar que os elementos do júri tinham actuado segundo o sentido comum, em vez de segundo os critérios técnicos. Eles afirmavam ter-se considerado de acordo com a sua função de jurados. E se se insistia com eles, mostrando-lhes a análise dos depoimentos, ficavam desconcertados e nervosos, impelindo, inclusive, uma certa agressividade se se continuasse a falar no assunto.

Garfinkel (1952) e os seus seguidores, não se limitam a uma análise de casos através da conversação. Levam a cabo extravagantes “experiências” de campo, baseadas na observação e participação manipuladora da realidade. As previsões de Garfinkel (1967) são que os sujeitos responderão demonstrando : perplexidade, incerteza, hesitação, conflito interno, isolamento, ansiedade aguda e inexpressável, sentimento de despersonalização.... Este quadro constitui o que pode qualificar-se como “Síndrome Etnometodológico”. Nas suas linhas gerais, caracteriza-se pela reacção de desconcerto das vítimas, de irritação, hostilidade da situação.

Assim sucedeu no mencionado estudo sobre jurados. O imprevisível e significativo do caso é que, também ocorre em experiências que se referem aos aspectos aparentemente mais inofensivos e a situações da vida quotidiana. A técnica experimental de Garfinkel corresponde a um esquema trifásico :

- 1 – Cria-se uma situação não interpretável como experiência, jogo ou engano pelo sujeito;
- 2 – Não se dá possibilidade, nem tempo a este , para reconstruir a situação;
- 3 – É forçado a fazer novas definições da situação.

(Denzin, 1970)

Para levar isto a cabo, o investigador tem de entrar na situação, não conceptualmente, mas inter-actuando. Mas o “getting inside”, necessário para poder analisar a realidade desde dentro e compreendê-la, actua aqui , não mantendo a situação como no interaccionismo simbólico, mas destruindo-a. Para tanto, manipulam-se elementos presumidamente constitutivos da ordem social para que possam revelar-se como tais.

A Etnometodologia conduz a uma metodologia que descreve a prática através da qual se tornam observáveis os traços substantivos do mundo quotidiano (Zimmerman e Pollner, 1970). Os elementos mencionados são as regras ou rotinas que definem a situação. Para as tornar visíveis, isto é, directamente observáveis, basta simplesmente violá-las. Assim se converte o quotidiano em estranho, quebrando-se então, o significado comum partilhado e, por último, a atitude natural. O aparecimento do Síndrome típico é tanto mais forte, quanto mais se tenha destruído a situação, e simultaneamente, aparecem os

desejos para manter a normalidade, isto é, os procedimentos para reconstruir a compreensão da realidade e restabelecer a ordem social. O que tem o problema para o sujeito, nas situações experimentais, de que tem de ser compartilhado, ou seja, que exige o acordo do experimentador. O ciclo completo da investigação Etnometodológica culmina com a descoberta destes procedimentos (Skidmore, 1975). As experiências de Garfinkel evidenciam a existência e a importância de umas regras ou normas táticas que regem e estabilizam a interação. Nisto consiste a ordem social. Mas esta ordem não resulta da estrutura e conteúdo das regras, as quais se baseiam no senso comum, mas são arbitrarias. Resulta da capacidade das pessoas para as criar e as manter.

A ordem não é, pois, dada. Não existe por si mesma, acontece que é constituída pelas pessoas com os seus procedimentos e estratégias de interação, para dar significados, partilhá-los e aceitá-los tacticamente. A ordem social é, em última instância precária mas estável, e oferece segurança. A segurança baseia-se na invisibilidade das regras e entendimentos. Ao torná-los visíveis com o resultado das suas experiências, as regras mostram toda a sua fragilidade. Eis, aí, o corpo teórico, não formulado formalmente, por Garfinkel. Turner (1974) tentou retirar basicamente dele, uma série de “assunções metafísicas”, que considera próprias da Etnometodologia. São as seguintes:

- a) em toda a interação, as pessoas procuram construir uma aparência de consenso acerca dos traços que definem a situação;
- b) estes traços incluem atitudes, opiniões, crenças e outras cognições sobre a natureza da situação;
- c) para construir, manter ou alterar a aparência de consenso. As pessoas realizam uma variedade de práticas, explícitas ou implícitas, e de métodos;

- d) tais práticas e métodos produzem a percepção de que a moldura em que se interactiva tem uma estrutura ordenada e compreensível;
- e) a aparência do consenso resulta do acordo sobre a substância e o conteúdo do conjunto e das regras que definem a interacção e reflecte a conformidade de cada participante com as ditas regras;
- f) em cada situação, as regras são únicas nalgum aspecto (não sendo, pois, inteiramente generalizáveis), pelo que os homens têm de utilizar métodos interpessoais diferentes para conseguir um acordo sobre aquelas regras e
- g) em consequência com o anterior, para construir estas regras, reafirmá-las ou alterá-las, os membros são capazes de oferecer ao outro, em cada situação, a aparência de um mundo ordenado e coerente, que “está lá fora”, como algo independente, e obriga a certas percepções e acções da sua parte.

### **Desenvolvimento sobre o uso e a interpretação das regras**

A Etnometodologia estuda a linguagem em dois aspectos: a linguagem do discurso quotidiano e a interacção linguística nas conversações

Os etnometodólogos interessam-se pela linguagem diária das pessoas, para ver como é que os indivíduos interpretam o seu próprio mundo, tornando-o inteligível para si mesmos. Para isto, recolhem, investigam e analisam linguagens do quotidiano, como as conversas no autocarro, interrogatórios de polícia, a gíria sub-cultural, entre outras (Giner, 1974). A linguagem permite ver como se utilizam e interpretam as regras. Cicourel (1972), estudando a linguagem entre crianças surdas-mudas, doentes mentais e, inclusive, debruçando-se sobre a inteligência artificial, mostrou que, quando um falante tem

interlocutor, além de ser capaz de produzir sons e de usar um código, sempre diz mais do que parece dizer. Adverte que falar e escutar é esperar, adivinhar e, por último, criar significados. Sudnow (1978) afirmou que a linguagem é como o Jazz, não basta aprender a tocar piano, há que saber improvisar. Cicourel distingue entre as regras superficiais, que se referem à superfície da estrutura social e vem coincidir com os modelos ou normas, nos estudos de Parsons (1964), e as regras interpretativas ou básicas, que são os procedimentos para dar sentido àquelas. Estes procedimentos sobre o uso e a interpretação das regras, que tornam possível que o actor possa manter um mesmo sentido através de contextos diferentes, referem-se à estrutura profunda (Wolf, 1979). As práticas de explicação e interpretação (relato), constituem os procedimentos de uso e interpretação das regras por excelência. Mediante elas, o sujeito afirma e negocia a existência de regras, e faz com que as acções sejam acessíveis, triviais e reconhecidas como familiares e quotidianas (Garfinkel, 1967). Consistem em diferentes fórmulas e estilismos que o sujeito introduz no seu discurso, com fins diversos. Para interpretar acções como apropriadas a uma regra e negociar a sua aplicação, empregam-se fórmulas “ad hoc” como “deixa correr” ou “a menos que”. Podemos encontrar um exemplo desta última, num dos estudos de Sudnow (1967) :

*“Num hospital existia a regra (norma) de não considerar humanos / os fetos com menos de 550g, 30cm e 20 semanas, mas apesar da precisão da norma, havia a prática “ad hoc” de que se os fetos apresentassem algum tipo de comportamento humano, como chorar ou respirar, ao não resistirem, considerava-se que, não obstante a norma, se registavam mortes”. Neste caso, a regra implícita era : não se trata de pessoa, a menos que respire ou chore.*

Uma fórmula “ad-hoc” que interessou os etnometodólogos, foi a cláusula “etcetera”, que implicitamente admite mais aspectos contingentes, empregue para fazer uma norma mais ajustada à situação e, assim, poder estabelecer um maior acordo. Outras fórmulas de interpretação evidenciam de que maneira se compreendeu algo (em princípio, no fundo, por exemplo, por assim dizer,...).

Vejamos duas características importantes das práticas do discurso a que os etnometodólogos chamam de **reflexibilidade e indiciabilidade**. São importantes, porque são constituintes da mesma realidade quotidiana.

Nas matemáticas e em gramática, a reflexibilidade é uma propriedade daqueles objectos que se relacionam consigo mesmos. Os etnometodólogos encontram nesta propriedade uma manifestação de que a realidade é conhecida e, por si mesma, construída ao interactuar.

As práticas interpretativas quotidianas envolvidas na construção de uma experiência, ao que Pollner (1974), chamou de raciocínio mundano, são reflexivas no sentido de que fazem parte da mesma experiência que constroem, quer dizer, as exposições e explicações das pessoas sobre as acções, produzem a racionalidade destas, tornando-as, assim, compreensíveis e formando um mundo objectivo e partilhado.

A reflexibilidade dá-se nos enunciados correctíveis (Zimmerman, 1974). A diferença dos enunciados insusceptíveis de engano, por conseguinte incorrectíveis, (por exemplo:  $5+5 = 10$ ) e que nada dizem fora de si mesmos, é que eles informam sobre o que significaria corrigi-los e o que significa mantê-los sem correcção. A reflexibilidade refere-

se, neste caso, ao facto de proporcionar, não só informação, mas também, criá-la. Zimmerman ilustrou engenhosamente este fenómeno, com duas figuras em que um mesmo contexto é informado e, por sua vez, criado por um vocábulo distinto em cada caso :

Côncavo

Convexo

Fig. 1 - O termo cria o contexto (Zimmerman, 1974).

Quando na vida quotidiana assumimos como incorrigível, algo que é corrigível, tal gera explicações que, para além de proporcionar informação a cria, ou seja, que informam sobre a incorrigibilidade da realidade e, ao mesmo tempo, constituem-na como incorrigível.

Duas estratégias linguísticas particulares, que representam dois procedimentos reflexivos, são a desculpa e a justificação. Quer numa, quer noutra, trata-se de informar o interactuante sobre as acções consideradas inapropriadas, por este, embora funcionem em sentido inverso (Scott e Lyman, 1978). Na desculpa aceita-se que haja erro, mas nega-se que haja responsabilidade e vice-versa, na justificação.

Para avaliar a reflexibilidade (Cicourel 1972), recomenda que quando por exemplo um grupo de pessoas que se encontram, se devem registar as conversas em vídeo, visioná-las para cada um dos participantes, incluindo o próprio investigador, perguntar pelo significado da interacção, “o que realmente aconteceu”. Depois, pergunta-se pelas versões dos demais e comparam-se todas, para ver se revelam a existência de práticas interpretativas comuns.

Um aspecto especialmente relevante da reflexibilidade é o oferecido pelas expressões indiciais. Assim chama Garfinkel (1967), às numerosas expressões da linguagem quotidiana, cujo significado deriva da situação em que são utilizadas. Aqui, agora, esse, eles, ou seja, referem-se a algo mais além da sua entidade. Por conseguinte, não se pode entender plenamente o seu sentido, nem saber a sua relevância sem conhecer a ocasião ou o contexto específicos a que se referem.

A indiciabilidade depende de como, quando, onde e por quem é utilizada uma expressão: é comunicação subjectiva. A objectiva, pelo contrário, entende-se igual para todos, mesmo sem conhecer o contexto (Bar-Hillel, 1954). Segundo Garfinkel, a comunicação incluindo a não verbal, é sempre indicial, porque não poderá compreender-se a fundo se se a descontextualizar. Por comunicação entendem os etnometodólogos, tanto as palavras, como os gestos, os conceitos ou ideias, incluindo as actividades que umas e outros designam, e as próprias regras da ordem social. De novo, em Sudnow (1967), podemos encontrar um exemplo.

*“Num hospital, para além da morte biológica e da morte clínica, existe a morte social, que consiste em tratar, ainda, o paciente como se tivesse já falecido biológica ou clinicamente. São os casos da enfermeira que fecha os olhos da moribunda porque, uma vez morta isto seria muito mais difícil, devido à rigidez cadavérica e porque, deste modo facilita o transporte mais rápido do cadáver, ou da outra enfermeira que deixa o paciente moribundo na mesma maca que chega, para evitar a desinfeção e limpeza de todo o seu quarto e da cama e, unicamente o muda para esta se, na manhã seguinte, ao chegarem os médicos ele ainda respira”.*

Wolf (1979) ao recolher este exemplo explica que existe em todo ele “uma espécie de tratamento indexical da morte”, ao demonstrar a racionalidade da acção por meio das justificações utilizadas a propósito da mesma acção.

As expressões indiciais não são evidentes por si mesmas. Por isto, introduzem a ambiguidade ou o sentido vago no discurso e na realidade. E do mesmo modo, são usando o vocábulo espanhol “comodines”, cujo significado depende da situação em que se empregam. Como consequência, ajudam a definir, a criar, a aludida situação ou o contexto. As pessoas, inclusive a própria ciência, procuram explicar aquela ambiguidade para a tornar objectiva e dispor deste modo, de uma realidade racional, estável e organizada.

O ênfase que a Etnometodologia põe na indiciabilidade tem consequências radicais. A Etnometodologia convida-nos a substituir a crença intuitiva de que há procedimentos que transcendem as situações particulares, pela crença mais incómoda, de que os factos podem ser diferentes coisas, quando examinados a partir de contextos diferentes e utilizando procedimentos diferentes (Lauer e Handel, 1977). Posto isto, era de esperar que Garfinkel propusesse como problema, a questão da indiciabilidade do processo de conhecimento e interpretação, pelo qual se estabelece o que de facto é e o que é compreendido como tal, a partir do ponto de vista do significado. E para o definir recorre ao método de interpretação documental de Mannheim (1952). Este último tinha observado que cada geração de historiadores apresenta uma visão nova, “a sua”, versão não só referida a valores, mas também, a factos sobre o que “realmente” aconteceu no passado.

Deduz-se que o conhecimento do científico social não pode ser cumulativo, ou seja, definitivo, objectivo ou correcto, como nas ciências naturais. Unicamente parece correcto durante um tempo e num grupo ou grupos dados : a verdade, pois, depende de uma visão partilhada do mundo. Isto significa que é um conhecimento corrigível e, por conseguinte, indiciável. E para “corrigir”, não basta a mera observação directa e natural, que é enferma de parcialidade e superficialidade. Há que referir o conhecimento assim obtido a algo mais além de si, ou seja, há que interpretá-lo, contextualizadamente, tratando de chegar através das aparências reais ou evidentes, tomadas como documentos (o que quer dizer que se interpõem entre o investigador e o investigado), até às leis subjacentes, as quais dão significado àquelas.

### **A análise conversacional**

Uma forma particular de utilizar e interpretar as normas na linguagem é a conversação. Daí que, em alguns trabalhos, a Etnometodologia adopte uma orientação particular e determinada para uma análise conversacional, dirigida ao uso da linguagem nas interacções coloquiais e no contexto das situações quotidianas, análise que vai muito mais além da Semântica e mesmo de toda a Gramática. São os trabalhos fundamentais de (Hans Sacks, 1973), de (Schegloff, 1972) e (Jefferson, 1972), assim como alguns de (Garfinkel, 1967) e (Cicourel, 1975), (Schegloff, 1968, Garfinkel e Sacks, 1970, Schegloff e Sacks, 1974), à parte dos apontamentos inéditos deste último, que datam de 1966, cit. por Wolf, 1974), um antecedente interessante, não reconhecido, todavia, o da análise conversacional encontra-se de facto, na obra desenvolvida a partir da metade dos anos cinquenta, pelo Sociólogo educacional Inglês, Basil Bernstein, onde se analisam conversações de crianças nas salas de aula. Também Goffman inspirou, directamente, os

analistas conversacionais. O material analisado por estes é muito variado: conversas telefônicas com intenções suicidas (Sacks, 1966), aberturas ou inícios de conversas telefônicas (Schegloff, 1968), trocas de cumprimentos (Sacks, 1973), diálogos entre médicos e doentes (Cicourel, 1975), conversas em autocarros, gírias subculturais, entre outros.

Os procedimentos reguladores destas relações ocuparam a maior parte da atenção. Como é que se repartem as intervenções dos falantes para tornar uma conversa numa sequência ordenada? Pela norma do turno, ou da vez, que mostra estarmos perante uma actividade, não só aprendida, mas também, negociada, e por isto mesmo, muito difícil para as crianças. Estudou-se esta norma em diferentes aspectos, com ênfase especial nas suspensões e violações da mesma.

Uma norma e estratégia subjacente referem-se à correcção de equívocos ou enganos (Schegloff, Jefferson e Sacks, 1977). Uma vez que alguém cometa um erro, os outros esperam com uma pausa inadvertida, antes de retomar a sua vez de falar, que aquele se autocorrija.

As formas de abertura e de conclusão ou fecho da conversação também foram analisadas. As intervenções, nestes casos, têm um sentido próprio. No cumprimentar, por exemplo dizer “Como é que está?” não requer socorrer-se da vez para explicar o seu estado de saúde ou problemas pessoais que perturbam. Por seu lado, se é formulado pelo médico ou pelo psiquiatra como abertura de conversa, não se considera como cumprimento. E na despedida, um “deixa correr” significa convidar a renunciar à vez.

A sequência formada por um par de intervenções que têm de ser ligadas, sendo o par mais genérico, a pergunta-resposta foi denominada por (Jefferson, 1972), como a lei do par adjacente, e enquadra-se na norma de turno, ou vez. Outras sequências são o convite-aceitação (ou recusa), a reclamação-concessão (ou não), a interpelação-resposta, entre outras. Esta última (por exemplo: O Senhor Sérgio? – Sim), tem propriedades diferentes da pergunta-resposta, pois não é terminal, irrepitível e se aquele a quem disser respeito não responder, saber-se-á que o outro retirará significado do seu silêncio (Schegloff, 1968). “Quis tacet, consentire videtur” (quem cala parece consentir), ou melhor “Quis tacet, cum loqui potuit ac debuit, consentire videtur” (quem cala, quando pode e deve falar, parece consentir). Trata-se, enfim, do consentimento tácito.

A lei do par pode suspender-se intercalando uma sequência, ou seja, outro par ligado com o primeiro, não para violar aquela lei, mas ao contrário, para facilitar o seu cumprimento e o desenrolar da conversação.

Por exemplo : Sujeito 1 – O que fazes esta manhã?

Sujeito 2 – Porquê?

Sujeito 1 – Irei a casa de Aleixo.

Sujeito 2 – Bom, eu ficarei com a Olga.

### **Abordagem Etnometodológica**

As histórias assentam também no que Garfinkel considerou de Etnometodologia, ou seja, o estudo de práticas de acção de acordo com regras, assim como dos fenómenos de produção, das descobertas e métodos que acompanham a sua utilização.

Assim, um domínio infinitamente grande de conjuntos apropriados pode ser localizado se utilizar a política de procura em qualquer ocasião, onde quer que seja examinada, para as características de “escolha” em conjunto com sentidos alternativos, facilidade, objectividade, causa, explicação e comunhão de acções práticas. Um projecto de acções dos membros com esta utilização, requer todo o tipo imaginário a partir da teoria física, em que reclama os nossos interesses como práticas sociais organizadas.

Estas estruturas sociais das actividades diárias, fornecem contextos, objectos, fontes, justificações, tópicos problemáticos, para práticas e produtos que permitem estabelecer a legibilidade para o nosso interesse de todos os modos de investigação, sem excepção.

Nada pode ser excluído, não interessa onde ou quando eles ocorrem, não interessa a trivialidade e vastidão do seu alcance, organização, custo, duração, consequências, onde quer que tenham sucesso, seja qual for a sua prática, as suas reclamações ou as suas filosofias.

Procedimentos e resultados de fascinação, divindade, exactidão, sociologia – seja ou não feito por profissionais – são endereçados de acordo com a política de todas as características do sendo e facto, para o método dos casos particulares da pesquisa, sem excepção. É a aquisição principal dos conjuntos organizados de acções práticas que determinam particulares, as práticas dos membros de consistência, que completa a relevância, a reprodução das suas práticas e resultados – da fascinação para a topologia – são adquiridas e asseguradas, apenas particularmente, na organização localizada de práticas completas.

Membros para uma organização que é continuamente conectada no sentido de decidir, reconhecer, persuadir ou tornar evidente o racional; a carência ou a consistência, ou a escolha ou, ainda, o preenchimento que pode ser total, efectivo, metodológico ou de carácter de reconhecimento dessas actividades quanto às suas inquirições no contabilizar, planificar, interrogar, simplificar, relatar, planejar, tomar decisões e outros. No sentido de descrever como os procedimentos de investigação actual são adquiridos como acções racionais reconhecidas em ocasiões actuais, não é satisfatório dizer que os membros invocam algumas regras com as quais se definem a coerência, a consistência ou a plenitude, isto é, racional o carácter das suas actividades actuais. Nem isso é satisfatório, no sentido de propor que as propriedades dos membros racionais inquiridos sejam produzidos pelos membros das regras de submissão inquiridas. Em vez disso, “demonstração adequada”, “relatórios adequados”, “evidências suficientes”, “conversa franca”, “inferência necessária”, “estrutura de alternativas restritas”.

Em resumo, qualquer tópico de “lógica e metodologia”, incluindo estes dois títulos são interpretadas como fenómeno organizacional. Este fenómeno é contingente quanto à aquisição de organização de práticas comuns e com a aquisição de contingentes. São variavelmente disponíveis para os vários membros como normas, tarefas problemáticas, em vez de serem categorias invariantes ou princípios gerais definidos por eles “discursos adequados solicitados”.

Então uma política de liderança é necessária para recusar sérias considerações para a proposta em que prevalece essa eficiência, eficácia, inteligência, consistência, variedade de ideias, tipicidade, uniformismo, reprodutividade das actividades – isto é, propriedades racionais de actividades práticas – serem avaliadas, reconhecidas, categorizadas, descritas

pela utilização da regra ou da standardização obtida de alguma forma, mas fora do conjunto actual dentro do qual essas propriedades são reconhecidas, utilizadas, produzidas e faladas pelos membros do grupo. Todos os procedimentos, sejam ou não lógicos e de características metodológico-práticas e que resultam das inquisições que são alcançadas, nas suas características gerais, pela regra, estão fora do interesse como fenómeno para estudos etnometodológicos. Em vez disso, estruturas que diferem de práticas organizadas das actividades diárias, devem ser vistas e examinadas para a produção, origens e reconhecimento e representação de práticas racionais. Todas as acções “tópicas” e “metodológicas” de propriedade, todas as características das actividades de senso, os factos, as objectividades, as contabilizações, as orientações comunitárias, sem excepção, são para serem tratados, como contingente de aquisição de organização social das práticas comuns. Em resumo, não são dadas, mas sim obtidas.

A politica de que nenhum conjunto deve ser visto como auto-organizado, respeitante ao carácter inteligente das suas aparências, ou de representação, ou das ordens das evidências sociais, foi recomendado. Qualquer conjunto, organiza as suas actividades no sentido de executar as suas propriedades como sendo ambientes organizados de actividades práticas detectáveis, contabilizáveis, recordáveis, relatáveis. Contar uma história acerca de analisável – em resumo, contabilizáveis. Arranjos organizados consistem em vários métodos para aquisição da contabilização dos vários modos da organização de grupos, no que diz respeito a empreendimentos.

Toda a reclamação pela prática de efectivação, clareza, consistência, tonalidade, eficiência.

Todas as considerações para evidências adequadas, demonstrações, descrições ou relevâncias, obtêm o seu carácter como um fenómeno da persuasão corporativa deste empreendimento e dos modos de vários ambientes organizacionais. Isto, pela razão das suas características como actividades organizacionais de suporte “facilidade” e resistência, entre outras.

Estes métodos para executar as suas tarefas contabilizam – assuntos – para – todas - as – práticas de objectivo. Exactamente do mesmo modo que o conjunto é organizado, isto consiste nos métodos dos membros para tornar evidente que os conjuntos têm modos claros, coerentes, engenhosos, consistentes, selectivos. Conhecimento e uniformidade, com reprodução de conexão, isto é, ligação racional. Do mesmo modo, que as pessoas são membros para organizar as tarefas, eles estão envolvidos no trabalho de série e prático de detecção, demonstração, persuasão através da demonstração nas ocasiões vulgares da sua interacção de aparências de consistência, coerência, clareza e escolha de arranjos completos. Os modos exactos nos quais um conjunto é organizado, consistem nos métodos onde quer que os membros providenciam com contabilização dos grupos, o historial, o proverbial, a comparação, a representação, isto é, acontecimentos contabilizáveis.

Todo o tipo de pesquisa sem excepção, consiste em organizar práticas totais de arte, onde quer que propriedades racionais de provérbio, conselhos praticamente formulados ou parcialmente descritos, de expressão elíptica, marcas de passagem, fábulas, contos de precaução e as semelhanças evidentes são demonstradas. As demonstrações racionais de expressão de ocasião e as acções ocasionais são um avanço de actividades organizadas da vida diária. Aqui se encontra o coração da questão, a produção responsável deste fenómeno dentro de todos os aspectos, de todas as perspectivas e em todos os estados retém o

carácter da série de membros, tarefas práticas, sujeito de todas as exigências de conduta de organização localizada.

## Representações Sociais

Definida, basicamente, a Etnometodologia e remetendo o método a utilizar para o Capítulo II, vamos agora considerar o conceito com que principalmente, os psicólogos sociais Franceses abordam problemas como o desta investigação, as representações sociais.

Serge Moscovici, considera ser difícil e desapropriada uma definição precisa de representações sociais afirmando que estas ocupam uma posição “mista” composta por conceitos sociológicos e psicológicos, Moscovici (1976).

No entanto assevera Vala (1993) que a dificuldade na conceptualização sobre o conceito, “...não tem constituído um obstáculo à investigação teórica e empírica neste domínio” e cita o próprio Moscovici, Representações Sociais são:

*“um conjunto organizado de conceitos, preposições e explicações criadas na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual. São o equivalente na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ainda ser vistas como a versão contemporânea do senso comum”.*

Ao analisar a formação das representações sociais, Moscovici (1961) explica dois processos – **objectivação e ancoragem** – que evidenciam o modo como, por um lado, o social transforma um conhecimento em representação e como por sua vez, essa representação transforma igualmente o social.

Estes processos são fundamentais à elaboração e funcionamento de uma representação social e têm por princípio clarificar a forma como a integração da novidade se traduz na principal função de representação social.

**A objectivação e a ancoragem** interessam pois ao estudo científico das representações sociais, porque permitem a análise dos processos pelos quais os indivíduos em interacção social constroem teorias sobre os objectos sociais.

**A objectivação** – tem a ver com a forma como se organizam os elementos constituintes da representação e com o percurso através do qual tais elementos adquirem materialidade e se formam expressões de uma realidade vista como natural, (Vala, 1997 citando Moscovici).

Ou seja, ela transforma os elementos abstractos em concretos e explica como os elementos representados de uma teoria, se integram enquanto termos da realidade considerada.

**A ancoragem** – este processo consiste na integração do objecto representado no sistema de pensamento pré-existente e nas transformações que daí decorrem, quer do objecto, quer no sistema em que é integrado, (Moscovici 1961).

A ancoragem torna o não familiar em familiar, (Moscovici 1984) e ao construir a representação tem em conta as referências às crenças, os valores e os saberes pré-existentes que evidenciam a especificidade do grupo

Refere Vala (1997) que os fenómenos descritos através do conceito de ancoragem são próximos dos que alimentam o conceito de categorização. As teorias sobre o processo de categorização, (Kosch 1978), partem de um pressuposto comum, a gestão do fluxo de

informação que atravessa o nosso quotidiano, faz-se através da mobilização de uma estrutura semântica organizada em categorias.

Para Vala (1997) as representações sociais são o quadro no interior do qual adquirem sentido os sistemas de categorização para funcionarem como estabilizador do meio e permitirem que a ancoragem seja simultaneamente esse estabilizador e o redutor de novas aprendizagens.

A ancoragem remete pois de novo à classificação e à identificação dos objectos sociais através de um processo de categorização, na medida em que permite a integração cognitiva do que é novo e não familiar, conduzindo à transformação do sistema categorial. Ou seja, a ancoragem proporciona uma orientação das condutas e das relações sociais.

### **A teoria do núcleo central**

Abric (1976-1984), propõe que a estrutura interna duma representação social tem como característica essencial estar organizada em torno de um núcleo central. Este núcleo é o elemento ou conjunto de elementos que dá à representação a sua coerência e significado global. O núcleo central é, também, o organizador e estabilizador da representação. A ausência ou transformação dos seus elementos provoca uma desorganização do significado da representação.

Quanto aos elementos *periféricos*, estes organizam-se em torno do *núcleo central*. Constituem a parte mais acessível e quantitativamente maior da representação e o essencial do seu conteúdo abarcando o *sistema periférico* as informações retidas, seleccionadas e

interpretadas, os julgamentos estabelecidos acerca do objecto e da sua envolvente, os estereótipos e as crenças.

O *sistema periférico* constitui ainda o complemento fundamental ao sistema central, do qual depende. Assim enquanto o sistema central é essencialmente *normativo*, o sistema periférico é essencialmente *funcional*, ou seja, é através dele que a representação se pode ancorar na realidade imediata do momento.

Considera Abric (1994), que o núcleo central ou núcleo estruturante, é caracterizado por duas funções, uma *geradora*, a outra *organizativa* e que possui ainda uma propriedade indispensável que é a *estabilidade*.

A **função geradora** é a condição pela qual se cria, ou se transforma a significação dos outros elementos da representação, fazendo com que adquiram sentido e tenham um valor na significação.

A **função organizativa** possibilita que o núcleo central relacione entre si os elementos da representação determinando o lugar que cada um deles ocupa.

A **condição de estabilidade** garante a perenidade, mesmo em contextos dinâmicos e evolutivos da representação, é o elemento do núcleo central mais resistente à transformação completa da representação, é esta característica que permite também o estudo comparativo das representações sociais.

Abrie (1994), considera ainda que a centralidade de um elemento não pode ser reportada exclusivamente a uma dimensão quantitativa mas também a uma dimensão qualitativa., no sentido de compreender a sua organização e significado, ou seja, a frequência do seu aparecimento, não é, portanto um critério suficiente para determinar a centralidade.

Moliner (1994), faz notar que duas representações são diferentes se o seu núcleo central for diferente, parece pois possível comparar a representação de diferentes indivíduos ou grupos.

As primeiras tentativas de verificação do núcleo central , basearam-se numa perspectiva quantitativa das cognições que estavam em relação com o objecto da representação. Esta distinção foi insuficiente e criou inicialmente uma confusão da noção de centralidade, considerando que o número de vezes que uma cognição surge na representação é uma consequência e não uma causa da sua centralidade. Uma cognição relaciona-se com as outras e ocorre mais vezes porque é central e não o contrário.

No entanto, as cognições têm uma propriedade quantitativa que exprime a própria natureza de centralidade, mas cuja origem essencial é qualitativa. (Moliner 1988/89), com os seus estudos, pôde distinguir as propriedades qualitativas e quantitativas da noção de centralidade e iniciar alguns métodos de as verificar. Duas das propriedades qualitativas que Moliner atribuiu, então, às cognições centrais são: **Valor Simbólico e Poder Associativo**, e outras duas quantitativas são : **Saliência e Conexidade**.

**Valor Simbólico** – dizem-se com propriedade simbólica, os termos evocados a propósito, e que não podem ser dissociados do objecto de representação, mantendo uma ligação indispensável ao próprio significado do objecto, como por exemplo, no estudo de Moscovici (1961), as noções de complexo e de recalçamento, intimamente ligadas ao objecto da representação – a psicanálise.

**Poder Associativo** – manifestam poder associativo, as noções que se caracterizam pelos seus vários sentidos e que apresentam capacidade associativa em relação a outros termos. O poder associativo tem, pois, a ver com a variedade das relações que as cognições centrais são capazes de sustentar com outras cognições, podendo assumir diversas formas gramaticais (substantivo, verbo, adjectivo), susceptíveis de receberem diferentes significados. O poder associativo possibilita, ainda, modificar o sentido das palavras às quais essas noções são associadas.

**A Saliência** – é uma consequência do valor simbólico das cognições centrais. Por isso, no estudo de uma representação reconhece-se que certas cognições aparecem com mais frequência no discurso dos sujeitos, ou seja, no campo semântico definido pela representação, a etiqueta verbal de uma cognição é mais numerosa que uma outra.

**A Conexidade** – se o poder associativo determina a capacidade de uma cognição estar em relação com um grande número de outros elementos da representação, a conexidade põe em evidência o lugar na estrutura de relações estabelecidas entre os diferentes termos. Algumas destas propriedades estão implicadas na análise de similitude (Flament 1986), indica esta, que dois itens serão mais próximos, na representação, quanto maior for o número de sujeitos que os tratem da mesma forma (escolha, rejeição, evocação). Esta

análise permite conhecer as relações de proximidade e semelhança entre os diferentes itens de um conjunto, a partir do índice de similitude (coeficiente de contingência), conseguindo-se uma matriz e respectivo gráfico, que pode ser simplificado encontrando a árvore máxima, que corresponde ao maior índice encontrado na relação dos itens entre si. Este tratamento metodológico resulta da Teoria dos Grafos, que é uma técnica de análise de dados que permite explorar o grafo numa relação que liga os elementos do conjunto dois a dois, e enquanto modelo matemático, expressa certa objectividade de análise.

### **Objectivos do estudo**

Julgamos pertinente as abordagens à Etnometodologia e às Representações Sociais, como forma de resolver o problema proposto no início, definindo assim os seguintes objectivos:

- Como é constituída e descrita pelos portugueses a interacção com os espanhóis segundo uma abordagem etnometodológica
- Conhecer a representação social dos sujeitos sobre os espanhóis
- Comparar os resultados comuns do estudo nacional numa “aproximação ao núcleo central e sistema periférico”

## **II - MÉTODO**

Não perdendo de vista o problema central e os objectivos a atingir, é propósito deste capítulo fazer a descrição do método utilizado, para a condução da investigação.

### **Sujeitos e Procedimentos**

Este estudo foi realizado na área da grande Lisboa e na zona fronteiriça de Vilar Formoso, em 1997.

A selecção dos sujeitos, de ambos os sexos com idades, cultura e profissão variadas foi feita de forma probabilística e pelo método polietápico, percorrendo ruas das duas zonas, abordando pessoas que se dispuseram a colaborar tendo aceite 41 sujeitos.

Aos indivíduos assim abordados, foi pedido que relatassem histórias ou episódios em que intervissem espanhóis.

### **Material**

Para o tratamento das histórias recolhidas construiu-se uma grelha de análise com os seguintes itens:

Tipo de História

Contexto Geográfico e Cultural

Intervenientes

Interacção entre os Personagens

## Elementos Analíticos

### Principais Induções

No item *Tipo de História*, considerou-se se a história era relato do quotidiano, conto popular ou fábula.

Em relação ao *Contexto Geográfico e Cultural*, considerou-se se a história fora obtida em zona rural ou urbana. O aspecto cultural atendeu ao nível de escolaridade dos respondentes.

Quanto ao item *Intervenientes*, verificou-se se eram portugueses, espanhóis ou de outra nacionalidade.

No que respeita à *Interacção entre os Personagens*, determinou-se como se desenrolaram os acontecimentos narrados, a comunicação e a acção dos intervenientes nas histórias.

O item *Elementos Analíticos*, foi trabalhado através da selecção das palavras chaves contidas no texto.

Quanto às *Principais Induções*, consideraram-se as principais conclusões que se podiam retirar de cada história

Posteriormente as palavras chaves das histórias foram categorizadas, neste processo procurou-se manter as categorias do estudo nacional, por forma a tornar possível a comparação com o estudo nacional, para o efeito consideraram-se as seguintes regras:

- As formas verbais devem ser transformadas em adjectivos ou substantivos;
- Os adjectivos e substantivos devem ser mudados para o singular e para o feminino ou masculino, consoante o caso;
- Os sinónimos devem ser mudados para a forma mais frequente que for utilizada, no conjunto de todos os dicionários construídos.
- Esta fase da análise de conteúdo, requer contudo, cuidados especiais a fim de evitar fazer juízos de valor ao pensamento dos sujeitos. Para tal, utilizou-se um conjunto de juízes para, individualmente, classificarem as palavras com a mesma (ou quase igual) significação, ou não. Sendo apenas consideradas sinónimas, as palavras em relação às quais, o acordo entre os juízes rondou os 80%. As palavras seleccionadas devem aparecer na sua forma mais simples, retirando-se-lhes os sufixos, prefixos, bem como as formas negativa e, ainda, abreviar todas as frases em código.

Por último, as categorias assim constituídas, foram analisadas através dos gráficos de semelhanças, verificando-se, depois, as relações entre as várias categorias através do suporte informático de análise, construído por P. Vergés (1993)

### III – RESULTADOS

Neste capítulo faz-se a apresentação dos resultados, estes iniciam-se com as histórias resumidas em tabelas (em anexos pode-se verificar a transcrição completa das mesmas). Segue-se depois a tipologia das histórias e o relato etnometodológico. Encontra-se a seguir a representação social dos espanhóis, a ancoragem da representação, a árvore máxima das categorias e por último o estudo comparativo.

#### 1 – HISTÓRIAS

Foram recolhidas 41 histórias resumidas nas próximas tabelas.

<i>História</i>	<b>História 1</b>
<i>Tipo de História</i>	História do quotidiano
<i>Contexto Geográfico e Cultural</i>	Rural (em “Almeida”). Analfabeta.
<i>Intervenientes (Personagens)</i>	Viúva em “Mal Partida” e 10 espanhóis instalados numa pedreira da zona.
<i>Interação entre os Personagens</i>	Interação conflituosa e problemática com os espanhóis, porque estes incendiaram as redondezas, as populações querem dar de comer ao gado e não podem, não estando os espanhóis dispostos a pagar os prejuízos
<i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i>	Bons carros Boas casas Estudo Cuidados de Saúde Incêndio Prejuízo Pagamento Mau
<i>Principais Induções</i>	A viúva apresenta uma atitude negativa e reivindicativa, relativamente aos espanhóis.

<i>História</i>	<b>História 2</b>
<i>Tipo de História</i>	Relato de factos do quotidiano
<i>Contexto Geográfico e Cultural</i>	Rural (posto de turismo de Almeida). Licenciado em história.
<i>Intervenientes (Personagens)</i>	Responsável pelo posto de turismo de Almeida, sendo presidente do coro etnográfico, e os espanhóis que visitam a região.
<i>Interação entre os Personagens</i>	Interação baseada numa sã convivência desde sempre. Vê os espanhóis como tendo um grande sentido de preservação das espécies. As cegonhas lá, circulam livremente e há fortes e pesadas multas para quem as abate e destrói. Povo de tradições arreigadas, quando grupos de amigos se encontram costumam fazer a “merenda” (piqueniques). Povo divertido e alegre, conseguem estar uma noite inteira a tocar música e a festejar (bater palmas).

	No posto de turismo costuma estar atento porque os nossos postais e folhetos são muito cobiçados por eles.		
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Sã convivência Guerra Civil Assombramento Preservação/Cegonhas Destrói Valores Tocam	Divertimento Respeito Conservado Multas Merenda Música Bater palmas	Desaparece Cobiçados Campanhas Militares Abate Tradição Noite inteira Animam
<b>Principais Induções</b>	Atitude de agrado perante a maneira de ser dos espanhóis		

<b>História</b>	<b>História 3</b>
<b>Tipo de História</b>	Fábula
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (“Almeida”) Analfabeto
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um português e um espanhol
<b>Interação entre os Personagens</b>	Nesta fábula, verifica-se a vontade de o português enganar o espanhol e de este se deixar ir na conversa
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Cabeça gorda
<b>Principais Induções</b>	Os espanhóis por vezes deixam-se enganar, mostrando-se pouco inteligentes

<b>História</b>	<b>História 4</b>
<b>Tipo de História</b>	Relato de factos do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (“Almeida”) Proprietário - 4ª classe
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Proprietário do restaurante “O Lavrador” e os seus frequentadores espanhóis
<b>Interação entre os Personagens</b>	Os espanhóis são desregrados a comer Apreciadores de boa comida, de poucas cerimónias, barulhentos, acatam bem as ordens São pessoas muito alegres e dadas Abundantes a dar gorjetas No fim das refeições as suas mesas ficam uma lixeira
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Desregrados Apreciadores - comida Poucas cerimónias Barulhentos Acatam Alegres Gorjetas Lixeira
<b>Principais Induções</b>	O proprietário do restaurante considera os espanhóis pessoas agradáveis, demonstrando uma atitude positiva face a eles

<b>História</b>	<b>História 5</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (“Vilar Formoso”) Jovem frequentando o ensino superior
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um jovem residente em Vilar Formoso e uma rapariga espanhola (cigana)

<b><i>Interação entre os Personagens</i></b>	Apesar de no início deste episódio aparentemente parecer estar tudo bem, ou seja, tratar-se de uma relação agradável entre André e a rapariga, a situação complica-se quando André começa a entrar no mundo dela e se apercebe que ela é cigana, e de quais são as regras pelas quais ela se rege. Acabando no fim por se criar uma interação conflituosa
<b><i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i></b>	Discoteca Festa - espuma Rapariga atraente Dança Riso Beijo Convívio Noite Convite Bairro cigano Tiro Normas sociais Rígidas Casamento Virgens Pintura Tribo
<b><i>Principais Induções</i></b>	As normas sociais na etnia cigana espanhola são muito rígidas e quem as infringe é punido por isso

<b><i>História</i></b>	<b>História 6</b>
<b><i>Tipo de História</i></b>	História do quotidiano
<b><i>Contexto Geográfico e Cultural</i></b>	Rural (“Vilar Formoso”) Jovem frequentando ensino liceal Amigos espanhóis também frequentando ensino liceal
<b><i>Intervenientes (Personagens)</i></b>	Jovem residente em Vilar Formoso e amigos espanhóis (4)
<b><i>Interação entre os personagens</i></b>	Convivência amistosa entre o jovem português e os seus amigos espanhóis. A amizade deles destacou-se neste episódio, quando transportavam o Miguel de Espanha para Portugal
<b><i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i></b>	Discoteca Amigos Transporte
<b><i>Principais Induções</i></b>	Quando querem, os espanhóis sabem ser prestáveis e amigos

<b><i>História</i></b>	<b>História 7</b>
<b><i>Tipo de História</i></b>	História do quotidiano
<b><i>Contexto Geográfico e Cultural</i></b>	Rural (“Vilar Formoso”) Vinte amigos portugueses de Vilar Formoso (estudantes liceais) Jovem espanhola (estudante liceal)
<b><i>Intervenientes (Personagens)</i></b>	Vinte amigos portugueses de Vilar Formoso e uma amiga espanhola
<b><i>Interação entre os personagens</i></b>	Interação de grande confusão e alvoroço, pois na inauguração da discoteca, de repente começam todos à pancada (espanhóis) Surge um espanhol com uma fractura exposta numa perna e os amigos portugueses decidem alvoroçadamente abandonar a discoteca
<b><i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i></b>	Discoteca Carnaval Espanhola Pancada Fractura

<b>Principais Induções</b>	Neste episódio os espanhóis são considerados como desordeiros criando situações perigosas e de conflito
----------------------------	---

<b>História</b>	<b>História 8</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural ("Vilar Formoso") Casal - 4ª classe Filho - 3ª classe
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um casal de Vilar Formoso e o seu filho de oito anos Grupo de espanhóis visitando o zoo de Lisboa
<b>Interacção entre os personagens</b>	Os espanhóis são vistos aqui como pessoas que em grupo são capazes de gerar grande algazarra, risos e sons de vozes altíssimas. Todo este burburinho deixou os macacos transtornados e nervoso, fazendo com que investissem contra os espanhóis, chapadas e mais chapadas de água. Interação conflituosa
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Vizinhos Algazarra Risos Vozes altíssimas
<b>Principais Induções</b>	A criança concluiu de toda a cena que observou, que nem os macacos gostam dos espanhóis, tendo dito isso mesmo aos pais

<b>História</b>	<b>História 9</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vilar Formoso). Casal ela c/ o 12º ano)
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Casal: Ele espanhol ; ela portuguesa. Três espanhóis. Guarda Civil.
<b>Interacção entre os personagens</b>	O casal vê o grupo dos três espanhóis com indignação, perante o facto ocorrido, uma vez que para além do casal ter sido roubado, poderia até ter sido incriminado também no assalto ao banco, devido aos assaltantes terem utilizado um carro com a matrícula roubada ao casal. Interação conflituosa.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Passeio; Bebidas; Assalto; Matrícula roubada; Guarda Civil; Morte; Prisão.
<b>Principais Induções</b>	Existência de marginalidade e criminalidade nos espanhóis. Atitude negativa do casal, perante os espanhóis.

<b>História</b>	<b>História 10</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural ("Vilar Formoso") Rapaz, frequentando o liceu
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Rapaz residindo em Vilar Formoso Rapariga (espanhola) Grupo de amigos da espanhola ( 2 espanhóis) Amigos do rapaz ( 3 portugueses)
<b>Interacção entre os personagens</b>	Neste episódio o grupo de amigos da espanhola é visto, como criador de atritos e confusão, pois que já por duas ou três vezes andaram à pancada com o português, deixando-o com os olhos todos negros, por este gostar da espanhola. Interação conflituosa

<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Espanhola Namoro Ciúmes Pancada
<b>Principais Induções</b>	Atitude negativa do rapaz face aos espanhóis, dado o gosto pela turbulência e pela confusão destes e ainda pelo ciúme que demonstram

<b>História</b>	<b>História 11</b>
<b>Tipo de História</b>	Relato do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vilar Formoso); Comerciante português (5 ° ano liceal).
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um comerciante (português); Guarda Civil Espanhola.
<b>Interacção entre os personagens</b>	A Guarda Civil espanhola é extremamente rigorosa, quando os nossos comerciantes vão a Espanha levar mercadoria. Se esta é em quantidade superior à das facturas, é controlada e mandada para trás. No entanto quando os espanhóis nos mandam produtos, nós não nos preocupamos em ser rigorosos na sua apreciação. Por exemplo: Passam carne para cá para a engorda, sem inspecção veterinária (peste suína).
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Guarda Civil Controla; Mercadoria; Carne sem inspecção.
<b>Principais Induções</b>	Este episódio mostra-nos o carácter rigoroso dos espanhóis, nas suas práticas diárias, mas ao estabelecerem relações connosco, são fraudulentos e mal intencionados.

<b>História</b>	<b>História 12</b>
<b>Tipo de História</b>	Relato do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vermiosa) 20 anos Analfabeto
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Dois criadores de gado (portugueses) Dois criadores de gado (espanhóis)
<b>Interacção entre os Personagens</b>	Neste relato, os espanhóis são vistos com bons olhos, pois permitiam aos portugueses que o seu gado pudesse pastar numa área de aproximadamente 100m.. Já que os portugueses também deixavam os rebanhos espanhóis beber água dos poços do solo português, junto à fronteira
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Gado Vizinhos Bons prados Boas amizades Bons poços
<b>Principais Induções</b>	

<b>História</b>	<b>História 13</b>
<b>Tipo de História</b>	Relato do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vermiosa); 17 anos; Analfabeto.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Grupos de excursionistas (portugueses); Guarda Civil (espanhola).
<b>Interacção entre os Personagens</b>	A ocorrência é passada há cerca de 17 anos, quando para se ir a Espanha era necessário ainda o passaporte. Os portugueses que queriam ir à festa do

	Senhor do Nazareno, em Espanha, tinham de ir sempre acompanhados pela Guarda Civil. Esta acompanhava-os, até ao acontecimento, esperava-os e escoltava-os de regresso até Portugal.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Festa Guarda Civil; Espera; Escolta.
<b>Principais Induções</b>	Deste relato, sobressai o rigor de actuação da guarda Civil (Acata rigorosamente o cumprimento das suas normas sociais).

<b>História</b>	<b>História 14</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Porto Seguro); 25 anos; Analfabeto.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Criador de gado (português); Velhote (português); Guarda Civil Espanhola.
<b>Interação entre os personagens</b>	Interação difícil entre portugueses e espanhóis. Sendo esta história passada há cerca de 25 anos, período de necessidades Sociais consideráveis, principalmente a nível da província. Quando os portugueses iam a Espanha em busca de alguns bens (o que com frequência acontecia por contrabando), já sabiam que de um momento para o outro lhes podia surgir pela frente a Guarda Civil, despojando-os de tudo o que eles pudessem trazer de Espanha. Nesta história o produto trazido (as amêndoas) conseguiu chegar a Portugal, não sem no entanto ter de ficar escondido nuns montes, de um dia para o outro.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Guarda Civil; Contrabando; Relações más.
<b>Principais Induções</b>	Os espanhóis não facilitavam a vida que na época não era nada fácil. Se não veja-se a alusão às alpercatas que nos foi ainda feita

<b>História</b>	<b>História 15</b>
<b>Tipo de História</b>	Conto popular
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Santiago quando se vai para Figueira); Analfabeto.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um espanhol; Um português.
<b>Interação entre os personagens</b>	Neste conto um espanhol, é convidado a ir a casa de um português, saborear umas morcelas. O espanhol deliciado com o petisco indaga qual é o segredo. O português diz-lhe: Vão-se tirando as taipas do cedro, vão-se atando, vão-se tirando e vão-se atando. Admiradíssimo, o espanhol quando de novo junto do português, confidenciou-lhe: Que se as taipas não tivessem sido feitas em suas casa, ele diria que elas eram de "mierda pura". O espanhol deixou-se enganar pelo Português.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Deliciado; Curioso; Petisco; Taipas; Mierda.
<b>Principais Induções</b>	Assim como há portugueses pouco evoluídos culturalmente, há igualmente espanhóis.

<b>História</b>	<b>História 16</b>
-----------------	--------------------

<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vermiosa); Analfabeto.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Grupos rebeldes de direita (espanhóis); Informador (português); Professor (espanhol).
<b>Interacção entre os personagens</b>	No tempo de Franco, havia grupos de rebeldes que matavam pessoas que consideravam indesejáveis para Espanha. Esses grupos tinham informadores e alguns deles eram portugueses. Houve uma vez, um informador português que ajudou a encontrar um professor espanhol da escola primária e em conjunto com um desses grupos, levaram-no para um recinto de touros, tourearam-no, farpearam-no, acabando por o matar. A interacção neste episódio é de colaboração do português com os espanhóis. O português estava aliado aos espanhóis para matar.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Franco; Rebeldes; Recinto - touros; Toureio; Farpeio; Morte.
<b>Principais Induções</b>	Os espanhóis são vistos aqui como aguerridos no seu querer, nas suas intenções. São vistos como Nacionalistas.

<b>História</b>	<b>História 17</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vilar Formoso); Português (4ª classe).
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Comerciante (Português); Senhora espanhola.
<b>Interacção entre os personagens</b>	Um comerciante português propunha-se vender um serviço de louça a uma senhora espanhola por 70.000\$00. A senhora espanhola queria pagar em pesetas, 50.000 pts. O comerciante recusou pois segundo ele, ao câmbio do dia as 50.000 pesetas valiam cerca de 68.000\$00. A senhora apresentou queixa às autoridades portuguesas e o caso foi para Tribunal. Embora o comerciante tivesse demonstrado com documentos de bancos desse dia que pelo câmbio das 50.000 pesetas, apenas lhe seria entregue cerca de 68.000\$00, este foi condenado a pagar uma multa de 300.000\$00.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Espanhola; Queixa.
<b>Principais Induções</b>	Deste incidente realça-se a arrogância e má intenção da senhora espanhola.

<b>História</b>	<b>História 18</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vilar Formoso). Gerente de Hotel (ensino liceal).
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Gerente de um hotel (português); Um espanhol; Guarda Civil.
<b>Interacção entre os personagens</b>	Neste episódio, em que o espanhol paga a sua estadia no hotel português, com dinheiro falso, a reacção do gerente perante o facto é de desconfiança. Por outro lado o gerente considera a intervenção da Guarda Civil excelente, ao conseguir apanhar o transgressor passado cerca de 10 minutos, depois do incidente ter ocorrido.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Dinheiro falso; Guarda Civil; Transgressor; Boa - Polícia

	Trabalho.
<b>Principais Induções</b>	Existência de marginalidade e criminalidade, nalguns elementos da sociedade espanhola. Eficácia da actuação policial espanhola.

<b>História</b>	<b>História 19</b>
<b>Tipo de História</b>	Relatos do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vilar Formoso) Liceu
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Comerciante (português) com lojas também em Madrid e Barcelona
<b>Interacção entre os personagens</b>	Neste relato os espanhóis são vistos como gostando de partilhar uns com os outros, quando em grupo. Não têm preconceitos de classe social e o convívio em sociedade é bom
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Amigos Festas Discotecas Passeios Copo Partilha Oferece - tabaco Paga - bebida Despreconceituados Convívio sem barreiras Tú Nome próprio Títulos Graus académicos Profissão Roupa
<b>Principais Induções</b>	Os espanhóis apresentam espírito de grupo em sociedade e demonstram sã convivência, independentemente do estrato social, profissões e grau cultural de cada um. A indumentária também não é factor discriminatório entre si

<b>História</b>	<b>História 20</b>
<b>Tipo de História</b>	Relatos do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (aldeia do Bispo) em Almeida; Analfabeta.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Uma portuguesa casada com um espanhol; Grupos de espanhóis (extremistas).
<b>Interacção entre os personagens</b>	Interacção prudente por parte da mulher, para com os espanhóis, uma vez que ela não queria confusões, e para isso quando aparecia propaganda de direita ela levantava a mão para cima e quando aparecia propaganda da esquerda ela fechava os punhos. Iguamente interacção prudente dos portugueses que estavam em Portugal (zona de fronteira) e que duma forma ou doutra, contactavam com os espanhóis fugidos de Espanha.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Reclames de direita; Reclames de esquerda; Guerra Civil; Fuga; Bombas.
<b>Principais Induções</b>	Nas pessoas mais idosas à associação de Espanha à guerra civil e às marcas deixadas por esta, principalmente nas zonas fronteiriças (crianças mortas e outras deficientes motoras).

<i>História</i>	<b>História 21</b>
<i>Tipo de História</i>	História do quotidiano.
<i>Contexto Geográfico e Cultural</i>	Rural (Almeida); Português - Analfabeto.
<i>Intervenientes (Personagens)</i>	Um idoso de 84 anos (português); Uma espanhola.
<i>Interacção entre os personagens</i>	Nesta história o português ainda com sessenta e tal anos vê a espanhola como uma mulher interessante e com quem gostaria de se divertir.
<i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i>	Contrabando; Espanholas; Baile; Mui velho.
<i>Principais Induções</i>	Nesta história fica evidenciado o espírito alegre e jovem da mulher espanhola, ao considerar que um homem de sessenta e tal anos, já era “mui velho”, para com ela se divertir.

<i>História</i>	<b>História 22</b>
<i>Tipo de História</i>	História do quotidiano.
<i>Contexto Geográfico e Cultural</i>	Rural (Almeida); Analfabeto.
<i>Intervenientes (Personagens)</i>	Um português; Uma espanhola.
<i>Interacção entre os personagens</i>	A interacção neste episódio, entre o português e a espanhola, falha devido à falta de respeito do português pela espanhola.
<i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i>	Quaresma; Festas; Baile; Divertimento; Dança; Bons momentos; Espanhola; Animal.
<i>Principais Induções</i>	Aqui está manifestado que os espanhóis, são um povo devoto à religião. São alegres, festivos, não gostam no entanto que abusem deles.

<i>História</i>	<b>História 23</b>
<i>Tipo de História</i>	Relatos do quotidiano
<i>Contexto Geográfico e Cultural</i>	Rural (aldeia do Bispo); Português (4ª classe).
<i>Intervenientes (Personagens)</i>	Um português (ex-contrabandista), hoje em dia criador de gado (ovelhas); Espanhóis.
<i>Interacção entre os personagens</i>	O português deste relato vê “com bons olhos”, inclusive costuma ir a Espanha comprar animais (ovelhas), porque lá são seleccionadas.
<i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i>	Agricultura; Enfermeira; Emparcelamento; Apoio - saúde; Boas sementes; Boa - Educação; Ovelhas; Cidade Rodrigo; Animais seleccionados; Salamanca; Médico;
<i>Principais Induções</i>	Deste relato pode-se concluir que o português tem uma atitude positiva face aos espanhóis, porque eles têm uma boa agricultura, bons serviços de saúde, e um estado que intervém positivamente no campo da educação.

<i>História</i>	<b>História 24</b>
<i>Tipo de História</i>	Relatos do quotidiano.

<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Almeida); Analfabeto.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um português (já de meia idade); Espanhóis.
<b>Interação entre os personagens</b>	Dos relatos deste português percebe-se uma interação de apoio existindo já no tempo de Franco. E hoje em dia é apontado o País Basco, com toda a sua problemática, não deixando de surgir a referência aos atentados. Situação que deixa transparecer alguma inquietude na relação com os espanhóis.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Guerra Civil; Fugitivo; Franco; Problema; Atentados. Contras; Carabineiros; País Basco; Traumatizados;
<b>Principais Induções</b>	Por um lado verifica-se o apoio dos portugueses a alguns espanhóis fugidos no tempo de Franco. Por outro uma atitude negativa pelos acontecimentos contemporâneos relacionados com o movimento independentista Basco.

<b>História</b>	<b>História 25</b>		
<b>Tipo de História</b>	Relatos do quotidiano.		
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Almeida). 4ª classe.		
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um português emigrante no país Basco (de férias em Almeida); Povo Basco.		
<b>Interação entre os personagens</b>	Do que nos foi relatado por este emigrante português, radicado no país Basco, depreende-se que existe uma boa interação de trabalho com os Bascos. No entanto a sobrevivência do dia a dia é difícil, embora a sociedade de uma forma geral, esteja bem estruturada.		
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Morte de Franco; Dependência de moeda e exército; Boa convivência Falha - Agricultura; Touros- Festa Desporto Parlamento Corrupção Eficientes;	Democracia; Comércio poderoso; Falha - energia; Música Festas Empreendedores; Terrorismo Desenvolvidos.	Autonomia; Educação; Petróleo Turismo de negócios; Futebol; Católicos Saúde Polícia
<b>Principais Induções</b>	Os espanhóis são vistos como tendo uma boa estruturação social, verificada ao nível da saúde, educação, comércio e indústria. Dão uma imagem menos positiva pelo desemprego, corrupção e terrorismo.		

<b>História</b>	<b>História 26</b>	
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.	
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Almeida); Ano de 1914; 4ª classe.	
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um espanhol; Um jovem português; Um casal português com três filhos rapazes e duas raparigas.	
<b>Interação entre os personagens</b>	Interação difícil, uma vez que o espanhol era muito severo com o criadito português, não o deixando comer nada daquilo que lhe iam oferecendo pelo caminho. Assim, quando o criadito saía para pedir, o seu patrão media-lhe a barriga e no regresso ao palheiro, a barriga era de novo medida, para o seu patrão saber se ele tinha comido alguma coisa enquanto pedia.	
<b>Elementos Analíticos</b>	Chapéus de chuva;	Louça de barro;

<b>(Palavras Chaves)</b>	Mandava; Media - barriga; Chegada.	Patrão; Saída;
<b>Principais Induções</b>	Este espanhol era mal intencionado, maltratava o jovem português que o acompanhava e ajudava.	

<b>História</b>	<b>História 27</b>	
<b>Tipo de História</b>	Conto.	
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vermiosa); 4ª classe.	
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um espanhol; Um português.	
<b>Interação entre os personagens</b>	Neste conto o espanhol e o português encetavam um diálogo no qual o espanhol valoriza e questiona o porquê da valentia e de ganharem sempre as lutas. Ao que o português responde que quando as crianças nascem, são colocadas a dormir sobre o telhado numa noite de gelo. O espanhol refere que fará o mesmo quando o seu filho nascer. Só que o resultado que obtém é diferente. Aparente interação estável, mas com um desfecho infeliz para o espanhol.	
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Tesito; Mortito.	
<b>Principais Induções</b>	Este conto mostra a pouca inteligência do espanhol porque não atinge o sentido da resposta do português.	

<b>História</b>	<b>História 28</b>	
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.	
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Rural (Vermiosa); Analfabeto.	
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Dois espanhóis; Três portugueses; Guarda Fronteiraça espanhola (dois).	
<b>Interação entre os personagens</b>	Esta história remonta ao período pós guerra civil em Espanha, época de grandes dificuldades alimentares para este país. Tendo os espanhóis sabido da morte (doença) de um porco em Vermiosa, convencem os portugueses a troco de remuneração a darem-lhes o animal e a ajudarem-nos a transportá-lo para Espanha. Os portugueses acedem ao pedido, mas quando chegam ao destino surge a Guarda Fronteiraça que os intimida e assusta para que fujam, o que acabam por fazer à excepção de um. Com o aparecimento da Guarda, os espanhóis montaram uma armadilha aos portugueses, pois não sendo permitido o transporte do animal e com a Guarda em cena, os espanhóis jamais pagariam o prometido. O último, o português mais tímido que amedrontado não abandonava o local, foi ameaçado. Ou fugia ou então era preso. A interação nesta história é pois de conflito.	
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Vizinho Tempos - hostilidade; Carabineiros; Assustados; Pagamento; Preso.	Pós guerra civil; Carência - alimentos; Intimação; Estratégia; Fuga;
<b>Principais Induções</b>	Os espanhóis enganaram os portugueses falseando o acordo inicial. Não cumpriram o combinado e criaram uma hipotética situação de perigo e medo para os portugueses.	

<b>História</b>	<b>História 29</b>
-----------------	--------------------

<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Vilar Formoso (rural); André - frequenta a faculdade.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	O André (português) com um grupo de amigos portugueses; Um espanhol com um grupo de amigos espanhóis.
<b>Interação entre os personagens</b>	Neste relato do quotidiano, o André quebra as regras sociais ao urinar na rua perto de uma esplanada, em Espanha. Um espanhol chama a atenção ao André com violência pelo sucedido e o André responde-lhe. Depois o espanhol vai chamar mais amigos espanhóis para o ajudarem a resolver a situação. Só que os que vêm resolver a situação, conhecem o André e são seus amigos. Assim quando se encontram, abandonam o espanhol e iniciam um diálogo cordial e sereno com o André. Há uma interação conflituosa quando o André rompe as normas sociais, ao urinar na rua, mas quando se encontra com os seus amigos espanhóis estabelece-se uma interação harmoniosa.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Noite; Violência; Amizade; Alegres; Partilha; Aumenta; Boémia; Dialogo; Amigos; Grupo; Tristes.
<b>Principais Induções</b>	Quando as normas sociais em Espanha são quebradas, os espanhóis indignam-se. No entanto se há proximidade, conhecimento e amizade com os portugueses, os espanhóis tornam-se seus cúmplices.

<b>História</b>	<b>História 30</b>
<b>Tipo de História</b>	Conto.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Urbano (Lisboa). 4ª Classe.
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um português; Um espanhol; Um francês.
<b>Interação entre os personagens</b>	Este conto tem a ver com três desempregados que resolveram procurar trabalho, sendo um português, um espanhol e um francês. Cada um deles levava consigo um alimento. Chegado o anoitecer, resolveram ir descansar num monte abandonado. Entretanto o espanhol pergunta ao português o que este tem de comida. Ao que o português responde que tem um pão, o espanhol diz que tem chouriço e o francês diz que tem vinho. O espanhol na tentativa de os enganar, sugere-lhes que sendo a comida pouca eles fariam o seguinte: Iriam dormir e no dia seguinte quem tivesse tido o sonho mais bonito é que comeria a comida. No dia seguinte ao acordarem o espanhol questionou quais tinham sido os sonhos de cada um. Só que o português fez questão de ser o último a falar. E assim reuniu o conteúdo dos sonhos dos seus dois companheiros no seu sonho, criando ele o sonho mais interessante e bonito, ganhando por isso a comida. Neste conto o espanhol tenta enganar os seus companheiros, mas não consegue.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Procura de trabalho; Comida; Espertalhão; Alto voava Portuguesito; Chouriço; Engano; Lua.
<b>Principais Induções</b>	Tentativa por parte do espanhol de enganar os seus companheiros. Há menosprezo pelo português quando o espanhol o chama de portuguesito. Mas o português sai ganhador deste episódio.

<b>História</b>	<b>História 31</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.

<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Lisboa. Formação superior.	
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Uma família portuguesa composta por quatro elementos , 1 casal e 2 filhos, em viagem, passando por Espanha; Uma empregada espanhola a trabalhar num hotel espanhol.	
<b>Interacção entre os personagens</b>	Neste episódio a interacção que se estabelece é de teimosia. Uma vez que a empregada não quis reconhecer que efectivamente os lençóis estavam sujos e necessitavam de ser mudados. Pelo contrário referiu que os lençóis eram sempre limpos e ofendida quando os portugueses lhe mostraram a sujidade. Disse que não via absolutamente nada. Pasmada a família abandonou o hotel convencida de que os quartos e toda a roupa, só deviam ser limpos uma vez por semana, independentemente do número de hóspedes que por lá passassem.	
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Hotel; Dispersos; Ofendida; Atrevimento;	Lençóis enxovalhados; Empregada; Sujidade; Teimosia.
<b>Principais Induções</b>	Os espanhóis são pouco asseados e teimosos, pois mesmo em situações nas quais não têm razão, mantêm a sua opinião apesar de ela não ser a correcta	

<b>História</b>	<b>História 32</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Lisboa Filha curso superior
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Casal português e a filha Motorista de táxi, espanhol
<b>Interacção entre os personagens</b>	Estava um casal com a filha em Madrid numa estadia curta. Saíram do aeroporto e apanharam um táxi que os levou ao hotel. Durante a viagem o taxista, muito simpático e falando imenso, ia abordando futebol, política. Já perto do , diz o taxista que a conta eram três mil pesetas. O marido deu uma nota ao taxista e este agradeceu com um grande sorriso. Todos acharam o taxista comunicativo e afável. Mais tarde no quarto o marido exclama surpreso “então não querem lá verque em vez de lhe dar uma nota de 3.000 pesetas ao motorista, lhe dei uma nota de 30.000 pesetas. Neste episódio, houve uma excelente interacção com o espanhol. Só no fim é que o casal viu que havia sido enganado.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Madrid Hotel Taxista Falava pelos cotovelos Simpático Real Filipe Gonzales Charlatão Pesetas Sorriso Gracias amigo Palmada nas costas Afável Comunicativo
<b>Principais Induções</b>	Destaca-se o espírito vivo, comunicativo, educado e simpático dos espanhóis. Mas na primeira oportunidade enganam os seus parceiros.

<b>História</b>	<b>História 33</b>
<b>Tipo de História</b>	Relato do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Lisboa (urbano); Formação superior.

<b><i>e Cultural</i></b>	
<b><i>Intervenientes (Personagens)</i></b>	Um casal português; Um amigo espanhol.
<b><i>Interacção entre os personagens</i></b>	Este episódio descreve uma conversa em família de um casal, em que participa também um amigo espanhol. O amigo conta que desde pequeno, vem a Portugal pelo menos uma vez por Ano, na Páscoa com toda a sua família. Todos gostam de Portugal e acham que evoluiu muito nos últimos 6 anos. O Juan (amigo espanhol), já não vinha a Portugal há cerca de 5 anos. A amiga portuguesa aproveita para perguntar qual tinha sido a evolução que ele tinha sentido. E ele vai descrevendo, os portugueses eram muito “parolos” sem gosto para se vestirem, as raparigas novas vestiam-se como as “quarentonas” e as quarentonas como “velhas” sempre de preto. Os homens também pouco arranjados e com pouco interesse aparente pelas mulheres. Os portugueses não saíam à noite e não faziam vida nocturna mesmo no Verão. Ao entrar em Portugal tinha a sensação de entrar num país aí uns 40 anos atrasado. Desta vez achou diferença. Rapazes e raparigas com roupas modernas, Lisboa com animação nocturna, tudo nas ruas, imensos espectáculos interessantes (concertos, museus, exposições, etc...). Parecia que estava em Madrid. Neste relato a interacção é prazenteira e de agrado.
<b><i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i></b>	Conversa animada; Amigo; Páscoa; Roupas modernas; Animação nocturna; Espectáculos; Museus; Exposições; Madrid.
<b><i>Principais Induções</i></b>	Durante esta última visita a Portugal o amigo do casal nota diferenças nos portugueses. As pessoas já se vestem melhor. Lisboa já com muita animação nocturna e vários espectáculos interessantes, tal como em Madrid.

<b><i>História</i></b>	<b>História 34</b>																																						
<b><i>Tipo de História</i></b>	Relato do quotidiano																																						
<b><i>Contexto Geográfico e Cultural</i></b>	Lisboa Formação universitária																																						
<b><i>Intervenientes (Personagens)</i></b>	Um português Espanhóis																																						
<b><i>Interacção entre os personagens</i></b>	Neste relato apercebemo-nos que o português não gosta dos espanhóis, apesar de reconhecer neles vários aspectos positivos. Faz igualmente referência a outros tantos aspectos negativos. A interacção é de desprezo por Espanha																																						
<b><i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i></b>	<table> <tr><td>Pobre</td><td>Compra - géneros</td></tr> <tr><td>Inveja</td><td>Pesetas</td></tr> <tr><td>Rica</td><td>Sobranceria</td></tr> <tr><td>Páscoa</td><td>Férias</td></tr> <tr><td>Natal</td><td>Invadem Portugal</td></tr> <tr><td>Enchem - estradas</td><td>Enchem - hotéis</td></tr> <tr><td>Livros</td><td>Espojam-se - praias</td></tr> <tr><td>Cansativos</td><td>Barulhentos</td></tr> <tr><td>Cultos</td><td>Ilustrados</td></tr> <tr><td>Cosmopolitas</td><td>Seguros</td></tr> <tr><td>Selvagens</td><td>Arrogantes</td></tr> <tr><td>Marialvas</td><td>Aldrabões</td></tr> <tr><td>Voz - espanholas</td><td></td></tr> <tr><td>Espécies</td><td>Grito</td></tr> <tr><td>Cala</td><td>Discução</td></tr> <tr><td>Conversa</td><td>Protesto</td></tr> <tr><td>Olho esbugalhado</td><td>Gesto desatinado</td></tr> <tr><td>Veia inchada</td><td></td></tr> <tr><td>Literatura</td><td>Pintura</td></tr> </table>	Pobre	Compra - géneros	Inveja	Pesetas	Rica	Sobranceria	Páscoa	Férias	Natal	Invadem Portugal	Enchem - estradas	Enchem - hotéis	Livros	Espojam-se - praias	Cansativos	Barulhentos	Cultos	Ilustrados	Cosmopolitas	Seguros	Selvagens	Arrogantes	Marialvas	Aldrabões	Voz - espanholas		Espécies	Grito	Cala	Discução	Conversa	Protesto	Olho esbugalhado	Gesto desatinado	Veia inchada		Literatura	Pintura
Pobre	Compra - géneros																																						
Inveja	Pesetas																																						
Rica	Sobranceria																																						
Páscoa	Férias																																						
Natal	Invadem Portugal																																						
Enchem - estradas	Enchem - hotéis																																						
Livros	Espojam-se - praias																																						
Cansativos	Barulhentos																																						
Cultos	Ilustrados																																						
Cosmopolitas	Seguros																																						
Selvagens	Arrogantes																																						
Marialvas	Aldrabões																																						
Voz - espanholas																																							
Espécies	Grito																																						
Cala	Discução																																						
Conversa	Protesto																																						
Olho esbugalhado	Gesto desatinado																																						
Veia inchada																																							
Literatura	Pintura																																						

	Música	Arquitectura
	Teatro	Dança
	Futebol	Cinema
	Investigação científica	Indústria
	Agricultura	Comercio
	Turismo	Hospitais
	Restaurantes	Violência
	Morte	Sadismo
	Roubo	Fumo
	Bebida	Desporto
	Cultura	Política
	Cíume	Desejo
	Doidos	Virilidade
<b>Principais Induções</b>	Como país, este português considera Espanha um país rico e desenvolvido em grandes áreas da sociedade como: Literatura, pintura, música, dança, futebol, imprensa escrita, ( jornais e revistas), ensino, cinema, investigação científica, indústria, agricultura, comércio, estradas, turismo, hospitais. Mas como pessoas acha-os violentos, selvagens, arrogantes, marialvas, aldrabões e olhando-nos com sobrançeria. Ele despreza Espanha	

<b>História</b>	<b>História 35</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Lisboa Taxista (4ª classe)
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um taxista português Dois casais espanhóis Um empregado de restaurante (português)
<b>Interacção entre os personagens</b>	Interacção pouco amistosa por parte dos espanhóis Estes apercebendo-se que o motorista apenas tinha uma “sandes” para o almoço alhearam-se disso e apenas pensaram neles
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Almoço Boa comida Espera
<b>Principais Induções</b>	Estes espanhóis foram antipáticos e egoístas, não se preocuparam absolutamente nada com o português, pois nem comida, nem dinheiro lhe ofereceram

<b>História</b>	<b>História 36</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Lisboa Taxista ( 4ª classe)
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um taxista português Um espanhol
<b>Interacção entre os personagens</b>	A interacção aqui decorreu sem problemas .O português foi prestável para o espanhol, até lhe emprestou dinheiro para o jogo. Só que o espanhol não soube agradecer
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Jogo Perdido Dinheiro Malandro Sem gratificação Nem obrigado
<b>Principais Induções</b>	Este espanhol foi mal agradecido e mal educado para o português

<b>História</b>	<b>História 37</b>
-----------------	--------------------

<b><i>Tipo de História</i></b>	Relato do quotidiano
<b><i>Contexto Geográfico e Cultural</i></b>	Lisboa O Português- formação universitária
<b><i>Intervenientes (Personagens)</i></b>	Um português (engenheiro da EDP) Empresa espanhola de electricidade
<b><i>Interacção entre os personagens</i></b>	Deste relato da vivência diária de Portugal com Espanha no campo da produção e distribuição de energia eléctrica, conclui-se que a interacção decorre de uma forma pacífica, não problemática e inserida num quadro de trabalho onde as duas empresas intervenientes colaboram e se respeitam mutuamente
<b><i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i></b>	Vizinhos Produção Distribuição / energia eléctrica Comunicação Investimento Aproveitamento hidroeléctrico Estratégia Bilbau Madrid Plano hidrológico espanhol Peso histórico Conflitualidade Abertura Simpatia Mentalidade evoluída Profissional Acolhedora Pouco chauvinista
<b><i>Principais Induções</i></b>	Apesar deste protagonista português ter intitulado o seu relato com “ De Espanha, nem bons ventos nem bons casamentos” ou seja, nada do que vem de Espanha, nem do que se faz com Espanha é bom, pode-se apontar o seguinte: Sendo estes dois países vizinhos, o seu relacionamento mútuo é indispensável. Portugal está interligado com Espanha a nível de redes eléctricas. Espanha investiu fortemente no aproveitamento hidroeléctrico, o que não aconteceu em Portugal. Portugal está por isso fortemente dependente da rede espanhola bem como dos caudais que chegam aos rios Lima, Douro e Tejo. O sistema electroprodutor português é assim estabelecido em função da estratégia espanhola. Portugal tem, por seu lado, exigido que seja a Espanha a adaptar-se às nossas necessidades e vontades. No entanto Espanha tem assumido uma atitude de grande abertura, simpatia e acolhimento perante os nossos pedidos. O que não seria inteiramente de esperar dada a dependência existente de Portugal por Espanha, já que poderiam ser eles a ditar as regras, mas não o fazem.

<b><i>História</i></b>	<b>História 38</b>
<b><i>Tipo de História</i></b>	História do quotidiano.
<b><i>Contexto Geográfico e Cultural</i></b>	Lisboa; Frequência da faculdade (jovem portuguesa).
<b><i>Intervenientes (Personagens)</i></b>	Uma jovem portuguesa; Um grupo de 3 espanhóis; Um coleccionador de moedas portugueses.
<b><i>Interacção entre os Personagens</i></b>	A interacção nesta história decorre de uma forma calma. Mas no fim a jovem vê que foi enganada.
<b><i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i></b>	Férias; Pesetas; Rei.

<b>Principais Induções</b>	Neste episódio os espanhóis enganaram a jovem portuguesa.
----------------------------	---

<b>História</b>	<b>História 39</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano.
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Espanha; Casal português (4ª classe).
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Um casal português; Donos de uma loja espanhola (mãe e filho).
<b>Interação entre os Personagens</b>	A interação entre os espanhóis decorreu sem incidentes aparentemente. No entanto quando os portugueses já em sua casa se encontram a arrumar o que tinham comprado vêem que faltam objectos que foram roubados pelos espanhóis.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Férias; Compras; Sem caramelos e perfume.
<b>Principais Induções</b>	O casal português foi enganado pelos espanhóis donos da loja.

<b>História</b>	<b>História 40</b>
<b>Tipo de História</b>	História do quotidiano
<b>Contexto Geográfico e Cultural</b>	Lisboa A relatora da história tem formação superior
<b>Intervenientes (Personagens)</b>	Donos da casa Filho dos donos da casa Neta dos donos da casa Um dos irmãos dos donos da casa A esposa O filho A noiva A jovem que conta a história, é amiga da neta dos donos da casa Senhor espanhola Marido Filho
<b>Interação entre os Personagens</b>	A interação nesta história é saudável, verificando-se perfeita harmonia e inteiro equilíbrio entre os elementos portugueses da família e os elementos espanhóis da mesma família.
<b>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</b>	Efusiva espanhola Controla Domina Forma alegre Desinibida Ordena Verborreia Gestos largos Azáfama Artista de circo Estudo Aventuras Gáudio Carinhosa
<b>Principais Induções</b>	Tratava-se de uma família semelhante a tantas outras, mas que continha elementos espanhóis que lhe emprestavam colorido e uma alegria e força de viver contagiante. A senhora espanhola não poderia ser olhada como autoritária ou dominadora, pois as suas atitudes eram sempre de uma

	simpatia e calor humano que não poderíamos considerar como tal, mas antes como comportamentos característicos de uma personalidade viva, preocupada e activa. Além disso, os familiares olhavam-na com um carinho e atenção que não desmentiam as considerações necessariamente superficiais, de um elemento estranho à família.
--	--

<i>História</i>	<b>História 41</b>
<i>Tipo de História</i>	Relato do quotidiano.
<i>Contexto Geográfico e Cultural</i>	Portugal (Lisboa). O relator tem formação universitária.
<i>Intervenientes (Personagens)</i>	Um casal e os seus três filhos; A mãe portuguesa; O pai catalão; Três irmãos portugueses (um é o relator).
<i>Interacção entre os Personagens</i>	A interacção neste relato é vivenciada numa forma confusa e revoltante, pois o nosso relator enquanto criança e jovem, a viver em Portugal, foi sempre considerado “espanhol”, com um certo ar de desprezo pelos seus colegas portugueses. Estes olhavam para ele sempre intrigados e incomodados.
<i>Elementos Analíticos (Palavras Chaves)</i>	Desprezo mal digerido; Sociedade ; Espanhol Identificação social; Português e catalão.
<i>Principais Induções</i>	A sociedade portuguesa para a pessoa que nos faz este relato impõe-lhe a escolha dum identidade, o que para ele se torna complexo visto a mãe ser portuguesa e o pai catalão. Com o tempo ele acaba por encontrar a solução, nem português, nem espanhol, mas ambos e ainda catalão.

## 2 - TIPOLOGIA DAS HISTÓRIAS

As histórias recolhidas, definidas como um conjunto de expressões não escritas, produzidas pelos 41 portugueses respondentes, elaboradas na sua forma e no seu conteúdo para serem representativas e transmitidas por este grupo de sujeitos - a esta definição é sabido denominar-se literatura oral.

Fazem parte da recolha efectuada:

- *histórias do quotidiano*, que caracterizamos como narrações críticas e pormenorizadas de factos sociais, culturais, políticos e económicos entre outros;
- *contos populares*, caracterizados como narrativas que vêm de longe e se transmitem de geração em geração, com uma certa duração no tempo e aí vivem;
- *fábulas*, caracterizadas como narrativas de acontecimentos inventados para ilustrar, moralizar ou divertir em que geralmente entram animais; ficção, pessoa ou coisa de quem se fala para zombar ou criticar.

Tabela 1 – Distribuição em percentagem do tipo de histórias

<b>Tipos de Histórias</b>	<b>n</b>	<b>%</b>
Histórias do quotidiano	36	87,80
Contos populares	4	9,75
Fábulas	1	2,45
<b>TOTAL</b>	<b>41</b>	<b>100</b>

Através da tabela 1, verifica-se que 87,80% ou seja, a maioria das histórias recolhidas corresponde a histórias do quotidiano e que 9,75% corresponde a contos populares.

Tabela 2 – Relação entre o contexto geográfico e níveis de escolaridade

<b>NÍVEIS DE ESCOLARIDADE</b>	<b>CONTEXTO GEOGRÁFICO</b>	
	<b>URBANO</b>	<b>RURAL</b>
1) ANALFABETO	-	12
2) 4º ANO / 9º ANO	4	7
3) 12º ANO	-	7
4) FORMAÇÃO SUPERIOR	8	3
<b>TOTAL</b>	<b>12</b>	<b>29</b>

Pela tabela 2, verifica-se que 12 respondentes pertencem ao contexto rural e são analfabetos. Com o 4º ano / 9º ano existem 4 respondentes pertencendo ao contexto urbano e 7 ao contexto rural. Possuindo formação superior existem 8 sujeitos provenientes do contexto urbano e 3 do contexto rural.

### 3 - RELATO ETNOMETODOLÓGICO

As histórias recolhidas sugerem que da época franquista perdura a ideia de terem sido tempos difíceis, de pobreza e carência de géneros alimentícios, os espanhóis vinham a Portugal comprar géneros que não havia em Espanha. Contrabando para Portugal, faziam só o possível, porque as autoridades espanholas exerciam apertada repressão nesta prática. Também deste período se mantém viva a lembrança da Guerra Civil nas pessoas mais idosas e das marcas deixadas por esta, principalmente nas zonas fronteiriças, onde crianças morriam e outras ficavam deficientes motoras, com bombas que encontravam e que explodiam enquanto com elas brincavam.

Da mesma época sobressai a ideia do Nacionalismo e da violência que um regime autoritário como o de então, podia gerar. Grupos rebeldes matavam pessoas que consideravam indesejáveis para Espanha, procuravam-nas, levavam-nas para recintos de touros, toureavam-nas, farpeavam-nas e abandonavam-nas já mortas.

A ideia de criminalidade e violência nos nossos dias aparece também na opinião dos portugueses quando são relatados episódios de espanhóis que pagam as contas do hotel com dinheiro falso, outros roubam matrículas de carros portugueses onde fogem fazendo assaltos a bancos.

Episódios de degeneração de violência em locais de diversão envolvendo espanhóis em cenas de pancadaria com o desfecho de braços e pernas partidos. E a imagem de Espanha prossegue com esta caracterização do social, percebendo-se a existência de uma

sociedade violenta por excelência, onde se morre de qualquer maneira e em qualquer sítio. Os espanhóis matam para roubar, fumar ou beber. Matam no desporto e na política. Matam por ciúme e desejo<sup>1</sup> dizem-nos.

De igual modo transparece actualmente uma imagem desfavorável de insegurança social, quando é mencionado o País Basco, este arrasta consigo lembranças de atentados e mal estar geral, sobretudo nos portugueses mais idosos. Aos portugueses mais novos, entre os 30 e 40 anos, este país sugere-lhes para além do terrorismo a que fazem alusão. Ideias positivas ligadas a uma sociedade desenvolvida e avançada no campo de infra-estruturas (estradas) e modernizada a nível tecnológico e industrial<sup>2</sup>.

A mesma ideia de desenvolvimento é comungada pelos portugueses relativamente a Espanha, sendo esta vista como um país onde a agricultura tem qualidade, o comércio e a indústria são fortes, a educação merece referência, sendo as despesas escolares a partir do 9º ano, pagas pelo estado.

Na área da saúde, fica a ideia duma resposta rápida às solicitações das pessoas que a ela recorrem. Na vertente cultural são feitas alusões à literatura, pintura, música, arquitectura, teatro, cinema e dança com agrado, sendo os espanhóis considerados melhores que nós, nestes campos.

Os espanhóis transmitem ainda imagens de alegria e entusiasmo únicos, das festas em que participam e dos divertimentos que eles próprios criam. Os portugueses

---

<sup>1</sup> Destaque para o relato do quotidiano nº 34 de um intelectual português, pela diversidade e aspectos que aponta

<sup>2</sup> Destaque também para o relato nº 25, dum emigrante português no País Basco, igualmente pelo extenso conjunto de aspectos mencionados

consideram que se as normas sociais em Espanha são quebradas, os espanhóis indignam-se. No entanto se houver proximidade, conhecimento e amizade com os protagonistas portugueses os espanhóis tornam-se seus cúmplices.

Vejamos, um português urinou numa rua em Espanha, a primeira atitude dos espanhóis presentes foi de revolta e agressividade para com ele, mas ao reconhecerem no infractor um dos seus amigos portugueses, logo iniciaram um diálogo apaziguador e simpático:

Então o que é que fazes?

Como é que estás, etc<sup>3</sup>

A amizade é pois um sentimento presente na opinião acerca dos espanhóis, especialmente quando se trata de grupos sociais próximos entre si, como sejam amigos, família e grupos de trabalho<sup>4</sup>. Quando em grupo são sociáveis, demonstrando sã convivência, amizade e não evidenciando preconceitos de qualquer espécie. Em família transmitem simpatia, calor humano e são olhados com carinho, estabelecendo à sua volta um forte elo de amizade. Em contexto de trabalho, como é o caso de empresas de produção e distribuição de energia eléctrica espanholas, a atitude que os nossos interlocutores espanhóis têm assumido reveste-se de uma enorme abertura, simpatia, amizade, colaboração e respeito face aos nossos pedidos.

---

<sup>3</sup> (Garfinkel, 1994), chamou a "etc.", " a menos que", "deixa estar" considerações "ad-hoc" e à sua prática "ad hocing". A cláusula "et cetera" é empregue para fazer uma norma mais ajustada à situação e, assim, poder estabelecer um maior acordo na conversação.

O que não seria inteiramente de esperar, dada a posição de dependência de Portugal e a desproporção dos dois parques energéticos, como nos foi relatado.

Uma ideia veiculada dos espanhóis é de ser uma sociedade acatando rigorosamente o cumprimento das suas normas sociais, como acontecia no tempo de Franco, quando a Guarda Civil acompanhava, esperava e escoltava portugueses que iam a manifestações religiosas em Espanha. Verificando-se o mesmo rigor nos dias de hoje, em diversas práticas do quotidiano, como acontece quando comerciantes portugueses transportam mercadoria até Espanha, se esta é em quantidade superior ao facturado, volta para trás, dizem. A esta imagem de um nitido rigor interno, contrapõe-se uma outra de contornos indefinidos e que assume uma matiz fraudulenta e mal intencionada, a partir do momento em que os espanhóis desrespeitam acordos assumidos com os portugueses, por ex.: não pagamento de dividas contraídas. Noutros casos, ausência de controle rigoroso nos produtos enviados para Portugal, por ex.: passam carne para cá, para a engorda sem inspecção veterinária.

Já na gastronomia persiste a ideia de que os espanhóis gostam de boa comida. Privilegiam a refeição habitualmente composta por dois pratos e antecedem-na quase sempre com uma entrada. Na bebida preferem o vinho verde e o rosê.

São generosos a dar gorjeta, especialmente na zona rural (Vilar Formoso). No entanto esta opinião acerca das gorjetas varia, pois já em zona urbana (Lisboa), relatos de

---

<sup>4</sup> Segundo (Garfinkel, 1967), a comunicação é sempre indicial, porque não poderá compreender-se a fundo se se a descontextualizar.

motoristas de taxi, consideram os espanhóis parcos nesta matéria<sup>5</sup>. No final das refeições é costume deixarem atrás de si, um rasto de lixo indescritível.

Outro aspecto evidenciado na característica do povo espanhol é o da religiosidade cultural presente nas referências às datas nunca esquecidas de festividades religiosas, como a Páscoa, o Natal e tantas outras do seu calendário religioso.

Os portugueses vêm as normas de vida da etnia cigana espanhola, como muito rígidas, visão que nos é transmitida pelo jovem André, por nós considerado como um informante privilegiado<sup>6</sup>, numa das suas histórias.

Relata ele que certa noite, estando a divertir-se numa discoteca em Espanha, viu uma bonita rapariga, e com ela começou a conviver. Convidando-o a rapariga para ir até a sua casa, o André ficou perplexo ao dar-se conta de que a sua acompanhante pertencia a uma comunidade cigana. Mas, como já tinha sido visto por vários ciganos ali residentes, suportou a situação de ter de andar com a rapariga, algum tempo, esperando que ela o deixasse. Caso contrário sujeitar-se-ia a ser atingido por um tiro.

O André acrescentou-nos ainda que os ciganos só se podem casar com ciganos, as mulheres casam-se virgens, e só lhes é permitido pintarem-se após o casamento<sup>7</sup>.

Aos portugueses, os espanhóis transmitem-lhes também uma ideia de algum desprezo por si, e por vezes manifestam o desejo de serem superiores.

---

<sup>5</sup> (Garfinkel, 1995) diz que as expressões indiciais são elementos constitutivos do discurso, constituído graças ao seu uso

<sup>6</sup> Para (Costa, 1986) é usual na pesquisa de terreno, cultivar-se um relacionamento mais frequente e mais intenso com algumas pessoas. O que para além de ser uma prática de inserção no tecido social local, se traduz numa permanente fonte de informação sobre outras pessoas, aspectos do contexto social em estudo e acontecimentos que nele se vão passando.

<sup>7</sup> Como afirma (Schutz, 1987) o real já se encontra descrito pelas pessoas. A linguagem comum diz-nos a realidade social, descreve-a e ao mesmo tempo, constitui-a.

É o que se verifica nesta história. Três homens, um português, outro espanhol e o último francês, deambulam à procura de trabalho. Encontram-se e verificando que o objectivo que os conduz é o mesmo, decidem juntar-se. Anotece, vão continuando na sua caminhada, encontram um monte abandonado e aí resolvem descansar. Antes, porém, pergunta o espanhol ao português:

O que é que tu trazes de comida ?

S1 Eu trago um pão, disse o português<sup>8</sup>

S2 O espanhol acrescenta, eu trago um chouriço

S3 E o francês conclui, eu trago vinho.

O espanhol, na tentativa de os enganar afirmou que, sendo a comida pouca, fariam o seguinte: iriam dormir e o que tivesse tido o sonho mais bonito, comeria os alimentos existentes.

Guardaram a comida e deitaram-se. Na manhã seguinte, ao acordarem o espanhol questiona de novo o que cada um deles tinha sonhado.

O português esquivava-se e tenta que os outros companheiros falem primeiro. Começa o francês, dizendo que o seu sonho o havia levado até às estrelas, onde encontrou muita comida e lindas mulheres. Seguiu-se o espanhol, contando que no seu sonho, voou, voou, tão alto voou que alcançou a Lua.

Chegada a vez do último personagem replicou-lhe o espanhol: E tu? Oh portuguesito... O que é que tu sonhaste ? Eu sonhei que vocês estavam lá tão alto, tão alto,

---

<sup>8</sup> Segundo (Sacks, 1974) a norma do turno ou da vez diz como se repartem as intervenções dos falantes para tomar uma conversa numa sequência ordenada. (Jefferson, 1972) diz que dentro desta norma, se encontra a lei do par adjacente ou sequência formada por um par de intervenções que têm de ser ligadas. O par mais genérico é a pergunta-resposta. O par adjacente mostra a forma da conversa, permite-nos compreendê-la e possibilita o seu prosseguimento.

tão alto<sup>9</sup>, que já não voltavam cá abaixo e então decidi comer o pão, o chouriço e beber o vinho.

Os portugueses deixam transparecer ainda a ideia de que os espanhóis são um povo muito barulhento.

Vejam os relatos engraçadíssimos de uma criança de oito anos, contando a ida dum grupo de espanhóis ao jardim Zoológico.

Chegados os nossos vizinhos ao espaço onde os tranquilos e pacatos macacos gozavam a quotidiana paz diária, vêm-se estes bombardeados repentinamente por sons de vozes altíssimas, risos infundáveis e uma algazarra incontrolável. Ficam os animais transtornadíssimos e nervosos e na contra-ofensiva, arremessam chapadas e mais chapadas de água aos perturbadores visitantes.

A criança que, desde o início tinha assistido atentamente a todo o episódio concluiu e comentou para os pais, que nem os macacos gostavam dos espanhóis!

De outros relatos acrescenta-se ainda que os espanhóis falam de forma ruidosa, com um som esganiçado e rachado.

Numa reunião de família é descrita a chegada de uma familiar espanhola e, a partir desse momento é ela quem passa a tomar conta da situação. Domina de forma alegre e desinibida as conversas, dá ordens e tudo num português espanholado, falado a uma

---

<sup>9</sup> Para Polner (1974), as práticas interpretativas quotidianas envolvidas na construção de uma experiência, a que ele chamou de raciocínio mundano, são reflexivas no sentido de que fazem parte da mesma experiência, que constroem, ou seja, as exposições e explicações das pessoas sobre as acções produzem a racionalidade destas, tornando-se assim compreensíveis e formando um mundo objectivo e partilhado

velocidade estonteante e acompanhado de gestos largos. Os elementos masculinos fogem de toda esta azáfama e vão conversar para o alpendre da casa.

Uma outra ideia que fica dos espanhóis é a sua preocupação com o meio ambiente, as cegonhas são uma espécie protegida e circulam livremente. Há pesadas multas para quem as abate e destrói.

Os portugueses pensam também que alguns espanhóis são pouco inteligentes e pouco evoluídos culturalmente, quando nalguns episódios simples que lhes são contados eles não conseguem perceber o sentido daquilo que lhes é dito.

## REPRESENTAÇÃO SOCIAL DOS ESPANHÓIS

### Objectivação e estrutura interna da Representação no presente estudo

Os dados recolhidos a partir do material das histórias, foram sujeitos a uma análise lexicográfica (Anexo II – base de dados brutos) e tratados com o programa informático desenvolvido por P. Vergés (1992). A análise lexicográfica classifica as palavras chaves de acordo com a frequência e a ordem média de aparecimento (Quadro 1).

A média da ordem de aparecimento, traduz a maior ou menor importância das palavras para os sujeitos que as produziram. A análise das frequências das palavras surgidas demonstra uma hierarquização, com base no número de vezes que cada uma delas aparece. Surgem 323 termos. O número de palavras diferentes foi de 283. A média da ordem de aparecimento foi de 6.04, dividindo no Quadro 1, as palavras acima e abaixo desse valor.

Quadro 1 – Palavras chaves, segundo as frequências e ordem média de aparecimento

Estrutura Interna da Representação Social no presente estudo

	++	<6.04		>6.04	+ -	
	%		média	%	média	
F>9	12,2	Guarda Civil	2.20			
	9,8	Discoteca	1.50			
	9,8	Espanhola	2.25			
F<9	7,3	Vizinhos	1.33	7,3	Madrid	9.67
	7,3	Guerra Civil	2.00	7,3	Musica	14.33
	7,3	Amigos	4.33	4,9	Pesetas	6.50
	4,9	Férias	1.00	4,9	Fuga	7.50
	4,9	Hotel	1.50	4,9	Simpatia	7.50
	4,9	Franco	2.00	4,9	Estudo	8.00
	4,9	Pascoa	2.50	4,9	Estratégia	8.00
	4,9	Passeio	2.50	4,9	Convívio	8.00
	4,9	Baile	2.50	4,9	Divertimento	12.00
	4,9	Dança	3.50			
	4,9	Festas	3.50			
	4,9	Pancada	4.00			
	4,9	Noite	4.50			
	4,9	Carabineiros	5.00			
	4,9	Partilha	5.50			
		-+				--

Legenda:

++ - Núcleo da representação	-	1º Nível
+ - Nível que envolve o núcleo	-	2º Nível
-+ - Nível de menor centralidade	-	3º Nível
-- - Nível mais periférico	-	4º Nível

Perante o conjunto de resultados apresentados, pode falar-se de duas dimensões. Uma dimensão colectiva, dada pelo número de vezes que uma palavra é enunciada no total de palavras (frequência), a outra, de carácter mais individual (ordem de aparecimento), tem a ver com uma operação individual em que o sujeito estabeleceu uma ordem entre os termos que produziu. É na combinação destas duas dimensões que resulta a objectivação da representação do povo espanhol e, também, a sua estrutura interna, ao classificarmos os

termos segundo o cruzamento dos dois eixos que representam as frequências e a ordem de aparecimento, obtemos os quadrantes que representam o sistema central e periférico.

À esquerda, em cima (++), os termos que de facto sobressaem e que são os mais significativos para toda a população, indicando este quadrante, o núcleo central.

À direita, em baixo (- -), os termos menos frequentes e evocados em último lugar, os menos característicos do povo espanhol, indicando este quadrante, os elementos periféricos.

Os outros dois quadrantes (+ -) e (- +), dão-nos informação contraditória em relação aos critérios que os dois eixos revelam (frequência e ordem de aparecimento), sendo interpretados por Vergès (1994), como traduzindo uma ambiguidade e correspondendo a uma zona de desequilíbrio e origem de futuras mudanças da representação.

Pelo Quadro 1, podemos então, verificar que o núcleo central deste estudo é composto pelos termos: **Guarda Civil, Discoteca e Espanhola.**

No nível mais periférico, surgem os termos: **Madrid, Música, Pesetas, Fuga, Simpatia...**, não se verificando grande diversidade de termos.

#### Ancoragem da Representação

Nos resultados da categorização das 29 categorias construídas no presente estudo, não se verificou o surgimento de *antipatia, corrupção, bonitos, flamenco e anti-portugueses*, encontradas no estudo nacional.

### **1 – Tauromaquia**

Reúne termos que se relacionam com a arte de lidar touros, tais como: arena, toureo, farpeo, marialvas. É uma prática que se encontra inserida na cultura ibérica, sendo composta por vários rituais, símbolos e imagens próprias.

### **2 – Alegria**

Categoria que caracteriza o povo espanhol, com um comportamento onde a alegria é nota dominante. Categoria que integra, no seu campo semântico, termos como : alegres, aventuras, bater palmas, gáudio, risos. Enfim, um estado de alma que só mesmo espanhóis sabem transmitir.

### **3 – Espanholas**

Os termos pertencentes a esta categoria congregam um conjunto de atributos, de valor estético e, simultaneamente, de vida e de grande sensibilidade, atribuídos à mulher espanhola, como : rapariga atraente, namoro, espanholas.

### **4 – Monarquia**

Os termos que surgem nesta categoria têm a ver com o momento presente e referem-se a rei, títulos, entre outros.

### **5 – Férias**

Os elementos que aparecem nesta categoria, férias, hotel, passeios, turismo-negócios, referem-se a gosto pelas viagens, actividades de lazer e turismo, que podem ser desfrutadas.

### **6 – Ciganos**

Categoria muito ampla no que respeita a tradições, rituais, influências culturais de uma etnia. Os termos encontrados expressam um modo de vida e uma forma particular de estar em sociedade, como: bairro-cigano, normas sociais rígidas, tiro, tribo, virgens.

### **7 – Simpatia**

Esta categoria engloba uma temática sócio-relacional e um nível de aproximação social, com atributos que qualificam os termos surgidos (Ex.: acatam, afável, beijo, carinhosa, comunicação, delicado, gracias). Pensamos ter a ver com a proximidade, relações de vizinhança e sentimentos de dedicação entre os dois povos.

### **8 – Gastronomia**

Os termos mencionados nesta categoria são: animais seleccionados, apreciadores – comida, merenda, petisco, taipas.

### **9 – Religião**

Nesta categoria são apresentados termos como: católicos, festa-religião, Natal, Páscoa, Quaresma. As citações das festas associadas às datas religiosas que obtivemos, deixam-nos imagens das práticas religiosas da vida do quotidiano deste povo, bem como do seu fervor religioso.

## **10 – Compras**

São referidos termos como: compras, perfumes, roupa. Tratam-se de produtos geralmente adquiridos como elementos de recordação ou, por vezes, com mais frequência.

## **11 – Monumentos**

Os termos surgidos nos discursos referem-se a: museus, conservação, entre outros, sobressai a preocupação dos espanhóis em manter os seus monumentos em bom estado.

## **12 – Aspectos sócio-políticos**

Nesta categoria é feita alusão a uma política mais antiga, da época de Franco, com termos como : tempos-hostilidade, carência-alimentos, reclames-direita, fugitivo. Quanto ao tempo presente é referida a política interna respeitante à agricultura, com benefícios no aspecto do emparcelamento dos terrenos, as sementes de boa qualidade. A peseta como moeda forte. Ao País Basco, são associados termos como: democracia, parlamento próprio, dependência moeda – exército, falha-agricultura, falha-energia.

## **13 – Desenvolvimento**

Os elementos que surgem nesta categoria: cuidados de saúde, boa - educação, boas – casas, petróleo, aproveitamento hidroeléctrico, distribuição de energia, mentalidade – evoluída... transmitem uma perspectiva de organização, disciplina e evolução social, com um adequado acompanhamento de infra-estruturas técnicas e meios humanos, igualmente

## **14 – Conflitos**

A esta categoria estão associados termos que traduzem instabilidade social, verificada, quer num passado mais longínquo (Guerra Civil), quer verificada nos dias de hoje. Cronologicamente, termos como: bombas, traumatizados, atentados, conflitualidade, pancada, violência.

## **15 – Cultura**

Nesta categoria aparecem termos que têm a ver com a arte espanhola, como : exposições, literatura, pintura, teatro.

## **16 – Regiões**

São apresentadas algumas regiões e habitantes: Bilbao, Cidade-Rodrigo, Salamanca, Catalão e, ainda, feita alusão à autonomia e ao poder autonómico do País Basco, sendo referenciadas particularidades linguísticas, económicas de organização social e política desta região.

## **17 – Desporto**

Os termos reunidos nesta categoria estão especialmente ligados ao desporto, futebol : Real-Madrid e ao jogo em Casino.

## **18 – Nacionalismo**

Categoria social que engloba termos como: Nacionalismo, Franco, a preferência pelas raízes da nação a que se pertence.

## **19 – História**

Categoria onde aparecem termos que nos conduzem a memória até ao Séc. XIX, como: campanhas militares de 1834, passando pela era de repressão franquista, com termos como: pobre, pós guerra-civil, chegando até à actualidade com a alusão a termos como: rica, domina, entre outros.

## **20 – Diversão**

Inclui esta categoria, termos como: animação-nocturna, artista de circo, baile, boémia, bons-momentos, convívio, festa de espuma. Podemos, pois, constatar algumas das formas através das quais os espanhóis distraem o espírito e espalham boa disposição.

## **21 – Traços negativos**

Neste estudo, esta categoria engloba aspectos menos positivos, que são vistos no povo ibérico e se traduzem por termos como : atrevimento, carne sem inspecção, charlatão, dinheiro-falso, inveja, lixeira, ódio.

## **22 – Superioridade**

Categoria que congrega termos como : cosmopolitas, lua, ofensa, patrão, portuguesito. Pensamos que têm a ver com um passado histórico, onde sentimentos de domínio, de invasão e alguma rivalidade de poderes se destacaram. Sentimentos esses que, certamente, perduraram no tempo.

## **23 – Trabalhadores**

Esta categoria contém termos como: bons, empreendedores, loiça-barro, procura-trabalho, taxista.

## **24 – Barulhentos**

A esta categoria surgem associados termos como : algazarra, barulhentos, cansativos, gritos. Pensamos que se prendem com características próprias e inatas, da maneira de ser dos espanhóis.

## **25 – Amigos**

Fazem parte desta categoria termos como : boas-amizades, despreconceituados, diálogo, grupo, partilha, respeito, vizinhos. Estes elementos indicam relações assentes em estima e amizade, principalmente quando estas são próximas e as pessoas se conhecem.

## **26 – Extroversão**

Alguns dos sintagmas incluídos nesta categoria: azáfama, curioso, efusiva-espanhola, gesto-largos, olho-esbugalhado, veia-inchada, verborreia, elucidam a trepidante extroversão do povo espanhol.

## **27 – Desconfiados**

Nesta categoria surgem termos como: chegada, saída, media-barriga, pagamento, queixa, que nos fazem pensar que os espanhóis por vezes duvidam, de quem com eles se relaciona.

## **28 – Criminalidade**

O conjunto de termos surgidos : assalto, contrabando, morte, matrícula-roubada, preso, prisão, patenteia a presença do fenómeno criminalidade na sociedade espanhola.

## **29 – Individualistas**

Categoria que descreve um comportamento assumido pelos espanhóis, com termos como : plano hidrológico. Traduzindo, sobretudo, a preocupação que têm em obter soluções válidas para as suas necessidades, mas esquecendo-se dos outros, que os ladeiam como país.

A tabela nº 3 apresenta o valor absoluto dos termos e a sua percentagem em relação ao total dos 323 termos surgidos, aparecendo ainda o numero de palavras diferentes para cada uma das categorias surgidas, neste estudo

Tabela nº 3 - Distribuição por categoria das palavras surgidas e percentagem de aparecimento, no presente estudo

Categorias	Termos	(F <sub>1</sub> %)
1.Tauromaquia	4	1,2
2.Alegria	8	2,5
3.Espanholas	4	2,2
4.Monarquia	2	0,6
5.Férias	5	2,5
6.Ciganos	5	1,5
7.Simpatia	10	3,4
8.Gastronomia	13	4,0
9.Religião	5	1,9
10.Compras	4	1,2
11.Monumentos	3	0,9
12.Aspectos sócio-políticos	34	11,1
13.Desenvolvimento	19	6,2
14.Conflitos	7	2,5
15.Cultura	8	2,5
16.Regões	6	2,5
17.Desporto	6	1,9
18.Nacionalismo	7	4,6
19.História	6	1,9
20.Diversão	28	12,1
21.Traços negativos	33	10,5
22.Superioridade	8	2,5
23.Trabalhadores	10	3,1
24.Barulhentos	6	1,9
25.Amigos	15	6,2
26.Extroversão	12	3,7
27.Desconfiados	5	1,5
28.Criminalidade	9	3,1
29.Individualistas	1	0,3

Na tabela 3, verifica-se que as categorias que mais se destacam relativamente ao número de termos são: *aspectos sócio-políticos (34)*, *traços negativos (33)* e *diversão (28)*, respectivamente.

A categoria que menos se destaca é *individualistas*, contando apenas com 1 termo.

No que respeita à percentagem de aparecimento das palavras, verifica-se que a categoria que sobressai em primeiro lugar é *diversão (12,1)* seguida de *aspectos sócio-políticos (11,1)* e *traços negativos (10,5)*, respectivamente.

A categoria que aparece em último lugar com percentagem mais baixa (0,3) é *individualistas*.

#### Matriz de semelhança do presente estudo

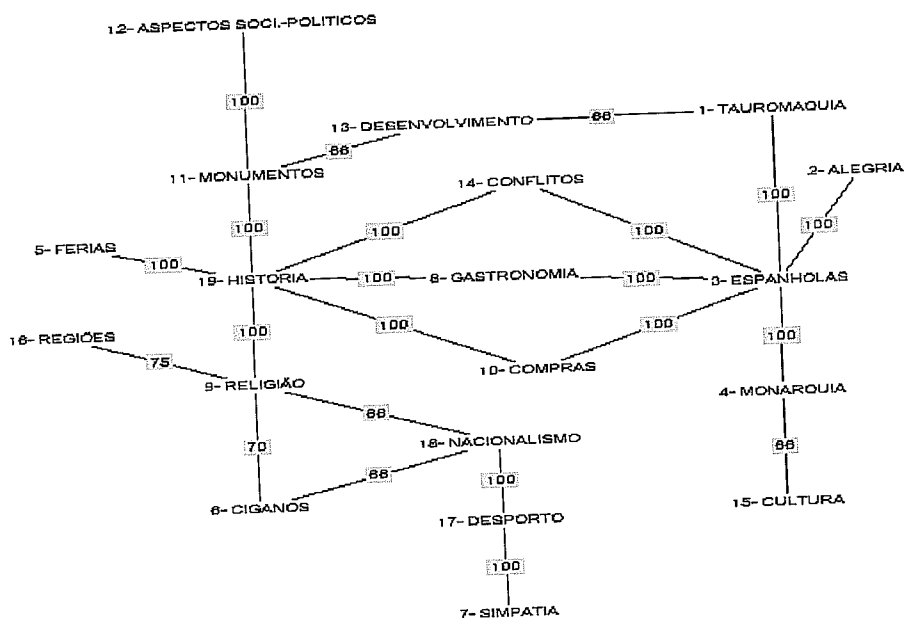
Partindo dos resultados anteriores, foi feito um agrupamento de categorias por significado homogéneo, analisando-se a relação estabelecida entre as várias categorias, a partir duma dada análise de correspondência gráfica, baseada no índice de implicação em que os termos surgem em conjunto, nos vários sujeitos, podendo-se, desta forma, determinar a ancoragem da representação.

Utilizando os resultados da categorização, procedeu-se à construção da matriz de semelhanças (anexo) calculando-se o índice de implicações, este pretende mostrar a forma como as categorias se relacionam entre si, ou seja, o grau em que uma categoria aparece em simultâneo com outra, no conjunto da amostra. Este índice estuda as relações de proximidade entre os diferentes elementos do conjunto, sendo dois itens tanto mais próximos quanto mais idêntico for o modo como foram abordados pelos sujeitos.

Partindo da matriz de semelhanças foi efectuada uma análise de correspondências em modo gráfico-arvore máxima (que representa as maiores relações que unem os itens entre si).

As várias categorias aparecem ligadas por linhas que quanto à espessura , vão de tracejado a contínuo de diferentes espessuras, de acordo com o número de sujeitos que estabelecem essa relação. Sobre a linha consta o valor do índice de implicação gráfica obtida para a árvore máxima (cálculo automático de valor máximo do índice de implicações entre as diferentes categorias, é apresentado na figura 2).

Figura 2 – Árvore máxima das categorias do presente estudo



São evidentes na figura 2, dois polos associativos: espanholas e história (ambos com seis ligações), destaca-se a existência do valor máximo possível, do índice de implicação – 100 – entre espanholas e monarquia, alegria, tauromaquia, conflitos, gastronomia e compras.

A categoria história apresenta por sua vez o índice máximo de implicação com as categorias compras, gastronomia, conflitos, monumentos, férias e religião, ou seja, sempre que surgiu um termo de uma categoria, surgiu igualmente um termo da outra categoria ou vice-versa.

De referir ainda que as categorias religião (4 ligações) e nacionalismo (3 ligações), obtêm também um valor significativo na ancoragem da representação.

Na matriz de semelhanças, aparecem duas estruturas em estrela, para Vergès na estruturação em estrela o sujeito relaciona vários termos em torno de um outro, surgindo o aspecto gráfico, uma estrela e, considerando-se em estrela uma noção à qual estão ligados cinco ou mais termos (Vergès, 1993).

Surge ainda na figura analisada, um triângulo, os triângulos representam esquemas cognitivos e ligam três noções duas a duas (Vergès, 1993). Podemos constatar assim que na matriz considerada, o triângulo existente, torna-se visível a partir da ligação de religião com ciganos e nacionalismo.

#### **IV –ESTUDO COMPARATIVO**

Serão agora comparados os resultados obtidos, com os do estudo nacional já referido anteriormente sobre os espanhóis e realizado no âmbito do curso do Mestrado em comportamento organizacional no Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa, nos anos de 1996/1997, apenas nos aspectos comuns.

O estudo de âmbito nacional envolveu uma amostra de 650 sujeitos distribuídos por oito zonas geográficas - Lisboa, Porto, Valência, Vilar Formoso, Vila Real de Trás os Montes, Vila Real de Santo António e Silves – no sentido de abranger as grandes cidades cosmopolitas, regiões fronteiriças e regiões do interior.

## Estrutura Interna da Representação Social dos dois estudos

### Quadro 2 - Presente estudo

	++ %	<6.04	média	%	>6.04	+ média	
F>9	12,2	Guarda Civil	2.20				
	9,8	Discoteca	1.50				
	9,8	Espanhola	2.25				
F<9	7,3	Vizinhos	1.33	7,3	Madrid	9.67	
	7,3	Guerra Civil	2.00	7,3	Musica	14.33	
	7,3	Amigos	4.33	4,9	Pesetas	6.50	
	4,9	Férias	1.00	4,9	Fuga	7.50	
	4,9	Hotel	1.50	4,9	Simpatia	7.50	
	4,9	Franco	2.00	4,9	Estudo	8.00	
	4,9	Pascoa	2.50	4,9	Estratégia	8.00	
	4,9	Passeio	2.50	4,9	Convívio	8.00	
	4,9	Baile	2.50	4,9	Divertimento	12.00	
	4,9	Dança	3.50				
	4,9	Festas	3.50				
	4,9	Pancada	4.00				
	4,9	Noite	4.50				
	4,9	Carabineiros	5.00				
	4,9	Partilha	5.50				
		-+					--

### Quadro 3 - Estudo nacional

	++ %	<2.90	média	%	>2.90	+ média
F>99	25,5	Alegres	2.40			
	17,7	Touradas	2.85			
	15,2	Desenvolvimento	2.70			
F<99	11,7	Simpatia	2.04	8,8	Rei	3.58
	9,4	Nacionalismo	2.79	6,5	Flamengo	3.40
	8,9	Antipatia	2.60	5,8	Corrupção	3.03
	7,7	Sevilhanas	2.58	5,1	Férias	3.30
	5,2	Espanholas	2.21	4,6	Praia	3.43
	4,9	Orgulhosos	2.63	4,3	Melhor nível de vida	2.93
	4,6	Arrogantes	2.70	4,0	Barulhentos	3.35
	4,2	Trabalhadores	2.26	3,8	Religiosos	3.36
	3,8	Compras	2.80	3,5	Turismo	3.40
	3,7	Noite	2.67	3,5	Monarquia	3.48
	3,5	Ciganos	2.09			
	3,2	Bonitos	1.86			
	3,2	Divertidos	2.76			
	3,1	Caramelos	2.60			
		-+				

Legenda:

++ - Núcleo da representação-	-	1º Nível
+ - Nível que envolve o núcleo	-	2º Nível
-+ - Nível de menor centralidade	-	3º Nível
-- - Nível mais periférico	-	4º Nível

No presente estudo, a nível do núcleo central, aparece o termo *discoteca*, no estudo nacional, surge o termo *alegres*, de alguma forma pode-se considerar existir entre os dois, certa proximidade semântica.

O termo *Espanhola* que no presente estudo faz parte do núcleo central, encontra-se no estudo nacional, no nível de menor centralidade.

*Férias* é uma palavra que surge em ambos os estudos, no presente estudo aparece no nível de menor centralidade, no estudo nacional aparece no nível mais periférico, os valores percentuais, que apresenta, respectivamente em cada estudo, encontram-se bastante próximos.

Permanecendo no quadrante (-+), nível de menor centralidade encontramos no presente estudo a palavra *Franco*, e no estudo nacional, a palavra *Nacionalismo*, também aqui se pode considerar a existência de alguma proximidade semântica.

Continuando no mesmo quadrante, verifica-se que nos dois estudos é comum a palavra *noite*, apresentando valores percentuais, relativamente aproximados.

Neste estudo, *Páscoa*, aparece no nível de menor centralidade, enquanto que no estudo nacional surge a palavra *religiosos*, no nível mais periférico da representação. Consideramos de novo, existir proximidade semântica entre estes dois termos. Depois, no nível mais periférico e no presente estudo, surge a palavra *música*, no mesmo nível e no estudo nacional surge a palavra *Flamenco*, também para estes dois termos nos parece que

haja proximidade semântica, os valores percentuais que apresentam também se situam perto um do outro.

Ainda no nível mais periférico e no presente estudo, surge a palavra *pesetas*, no estudo nacional e neste mesmo nível, surge *melhor nível de vida*, igualmente parece existir proximidade semântica entre estes dois termos. *Simpatia* é outra palavra que surge nos dois estudos, neste estudo aparece no nível mais periférico, no estudo nacional surge no nível de menor centralidade.

Uma outra palavra encontrada no presente estudo e no nível mais periférico é *divertimento*, no estudo nacional aparece como *divertidos* e no nível de menor centralidade. Quer uma, quer outra parecem traduzir de novo certa proximidade semântica.

Apresenta-se a comparação das categorias do presente estudo com as do estudo nacional.

Tabela nº 4 - Distribuição em percentagem dos termos e total de aparecimento por categoria, nos dois estudos

Categorias	Termos %		Aparecimento %	
	Est. Nacional	Presente Estudo	Est. Nacional	Presente Estudo
1 Tauromaquia	1,7	1,4	5,5	1,2
2 Alegria	1,3	2,8	6,6	2,5
3 Espanholas	1,1	1,4	4,0	2,2
4 Monarquia	1,1	0,7	2,5	0,6
5 Férias	4,2	1,8	5,5	2,5
6 Ciganos	0,2	1,8	0,8	1,5
7 Simpatia	2,3	3,5	4,3	3,4
8 Gastronomia	2,5	4,6	1,7	4,0
9 Religião	1,1	1,8	1,1	1,9
10 Compras	2,5	1,4	3,2	1,2
11 Monumentos	2,3	1,1	1,3	0,9
12 Aspectos sociais e políticos	5,5	12,0	2,4	11,1
13 Desenvolvimento	4,4	6,7	6,3	6,2
14 Conflitos	1,9	2,5	1,4	2,5
15 Cultura	4,0	2,8	2,7	2,5
16 Regiões	3,2	2,1	2,0	2,5
17 Desporto	1,9	2,1	1,5	1,9
18 Nacionalismo	2,1	2,5	3,4	4,6
19 História	3,6	2,1	1,3	1,9
20 Diversão	3,2	9,9	5,1	12,1
21 Traços negativos	9,5	11,7	6,9	10,5
22 Superioridade	2,7	2,8	5,1	2,5
23 Trabalhadores	3,6	3,5	3,9	3,1
24 Barulhentos	1,7	2,1	1,7	1,9
25 Amigos	4,9	5,3	3,0	6,2
26 Extroversão	1,7	4,2	1,6	3,7
27 Desconfiados	0,8	1,8	0,4	1,5
28 Criminalidade	1,7	3,2	0,5	3,1
29 Individualistas	0,6	0,4	1,4	0,3

As categorias apresentadas na tabela nº 4, no total de 29, são as que se observou serem comuns aos dois estudos, não se tendo verificado as seguintes categorias do estudo nacional: *antipatia, corrupção, bonitos, flamenco e antiportugueses*.

As categorias *traços negativos, amigos, trabalhadores, superioridade, desporto, barulhentos, tauromaquia, espanholas, monarquia e individualistas* apresentadas na tabela nº 4 indicam valores semelhantes quanto ao número de termos para os dois estudos.

Observando-se a diferença maior, quanto ao número de termos nas categorias *diversão* e *aspectos sócio-políticos*.

No que respeita à percentagem de aparecimento dos termos, as categorias *desenvolvimento*, *simpatia*, *cultura*, *barulhentos*, *desporto* e *monumentos* apresentam valores análogos, nos dois estudos.

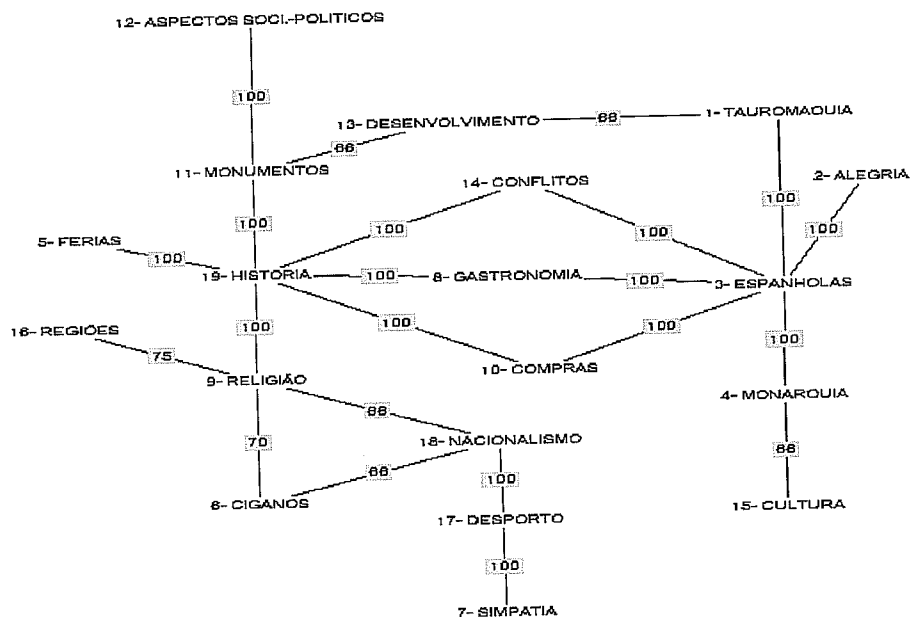
Verificando-se a diferença maior, relativa à percentagem de aparecimento dos termos nas categorias *aspectos sócio-políticos*, *diversão*, *tauromaquia*, *alegria* e *traços negativos*.

## Matrizes de semelhanças dos dois estudos

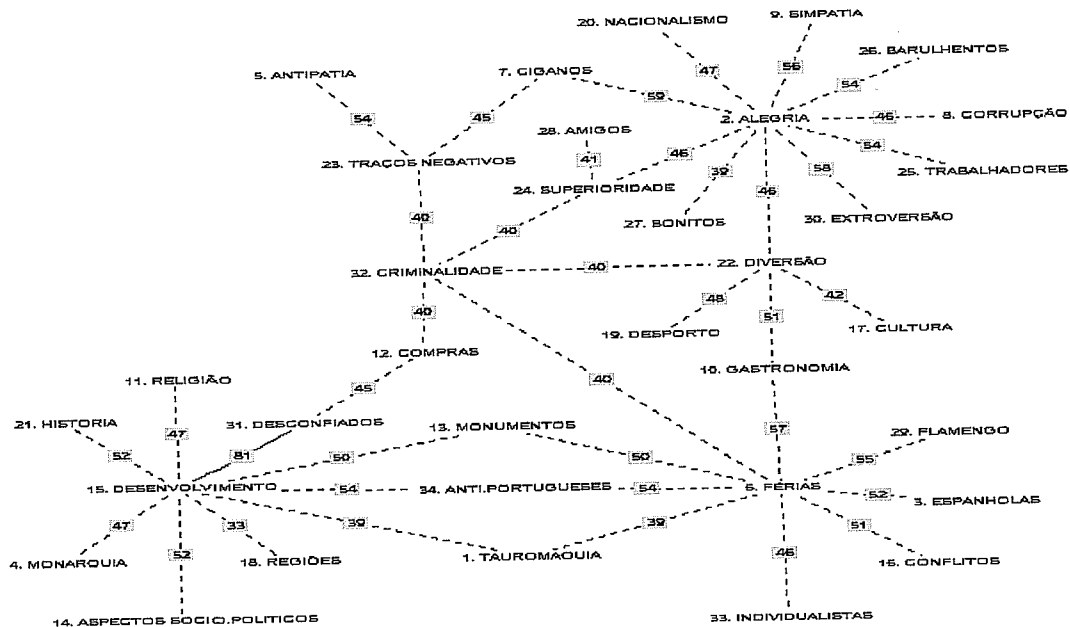
As representações gráficas obtidas para as árvores máximas (cálculo automático do valor máximo do índice de implicação verificado entre as diferentes categorias nos dois estudos), são apresentadas na Figura 2 para o presente estudo e na Figura 3 para o estudo nacional seguindo-se a comparação das duas matrizes.

# Árvores Máximas das categorias dos dois estudos

## Figura 3 - Presente Estudo



## Figura 4 – Estudo Nacional



A Análise de semelhanças das categorias, no presente estudo revela que na árvore máxima surgem dois agrupamentos distintos, um em torno de espanholas e outro em torno de histórias, ambos com seis ligações.

No estudo nacional os pólos associativos mais significativos, manifestam-se em torno de *alegria* (com dez ligações), *desenvolvimento* (nove ligações) e *férias* (nove ligações).

## V – DISCUSSÃO

Esta investigação, sobre como são encarados os espanhóis pelos portugueses, nas zonas de Vilar Formoso e Lisboa, utilizando uma abordagem etnometodológica permitiu alcançar o objectivo a que nos propusemos no início deste trabalho.

Atendendo aos resultados encontrados, parece-nos poder afirmar que nos foi possível conhecer e analisar as construções mentais dos actores que deram o seu contributo para este estudo através das análises das histórias por si contadas.

Em primeiro lugar surge o relato etnometodológico construído a partir das verbalizações e linguagens utilizadas nos relatos. Nele se destacam dolorosas recordações, alusivas à época Franquista, onde a Guerra Civil está presente e o Nacionalismo e a violência não se dissociam.

Igualmente se torna visível nos nossos dias a ideia de criminalidade e violência social. Ao País Basco é ligada a ideia de terrorismo, mas também a de um povo desenvolvido. De Espanha é captada uma ideia semelhante de evolução e desenvolvimento social, sobretudo em sectores como os do comércio, indústria, agricultura e cultura.

Ainda através do relato etnometodológico é possível perceber que o povo espanhol transmite uma alegria contagiante, à qual é difícil ficar-se indiferente, preza a amizade, e assume o seu fervor religioso como um ponto de honra, entre outros aspectos.

Quanto á representação social, foi feita uma aproximação às representações sociais enquanto “Conjunto de conhecimentos, crenças e opiniões partilhadas por um dado grupo, em presença de um dado objecto social” (Moscovici, 1986), e em particular à Teoria do Núcleo Central apresentada por Claude Abric (1976, 1984). Para a análise dos dados das representações sociais utilizamos o conceito de Análise de Similitude (Flament, 1986) e a operacionalização de Vergès (1992, 1994).

Tendo-se verificado que na estrutura interna o núcleo central é constituído pelos termos – Guarda Civil, discoteca e espanhola – elementos que conferem à representação a sua coerência e significado global, assegurando ainda a permanência e a estabilidade da representação social (Abric, 1994).

O sistema periférico é constituído entre outros, pelos termos – Madrid, música, pesetas, fuga e simpatia – elementos que se ordenam em torno dos elementos centrais e que exprimem a variabilidade e a diversidade do social, como um interface com a realidade quotidiana.

Quanto às categorias encontradas pelo agrupamento das palavras chave e respectiva matriz gráfica, sustenta-se a importância de uma dimensão histórica dado o poder associativo de “história”, bem como a contextualização no presente, evidenciado também por “espanholas” e pelo número de termos da categoria “aspectos sócio-políticos”.

No que respeita ao campo da ancoragem e comparando-se com o estudo nacional, verificam-se 29 categorias comuns.

Relativamente à estrutura e configuração da representação social o presente estudo apresenta duas estruturas em estrela, centradas respectivamente em histórias e espanholas e uma estrutura em triângulo compreendendo os elementos, religião, ciganos e nacionalismo.

Na comparação deste estudo com o estudo nacional parece-nos existir proximidade semântica;

- a nível do núcleo central, para os termos discoteca do presente estudo e alegres do estudo nacional.
- no nível de menor centralidade, para a palavra Franco do presente estudo e para a palavra Nacionalismo do estudo nacional.

Curiosamente a palavra noite aparece neste mesmo nível, nos dois estudos e com valores percentuais algo semelhantes.

- no nível mais periférico, para os termos pesetas do presente estudo e melhor nível de vida do estudo nacional.

Assim, podemos dizer que os portugueses encaram os espanhóis, como sendo Nacionalistas, pertencendo a uma sociedade onde a violência e a criminalidade têm algum peso, mas também desenvolvidos, alegres, amigos, bons gastrónomos, simpáticos por vezes e barulhentos.

Como limites deste estudo aponta-se o facto de os resultados não poderem serem generalizáveis, dado que a amostra não é representativa, numa visão metodológica que não é necessariamente a da etnometodologia em que a observação e a comparação são determinantes para a compreensão do objecto, não lhe interessando portanto dados estritamente quantitativos que fundamentem uma visão fixista dos fenómenos sociais.

Em conclusão, constatamos que a pesquisa qualitativa e pesquisa quantitativa podem com frequência encontrar-se na área das Ciências Sociais, podendo ser vistos estes dois modos de pesquisa, como contribuindo para a compreensão de aspectos diferentes do fenómeno em questão (Bryman, 1993). Ou seja, a utilização da metodologia etnometodológica pôde permitir uma análise mais profunda das questões indentificadas nas representações sociais, ao dar uma resposta mais vasta e contextualizada, na temática que pesquisámos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. C. (1971). Experimental Study of group creativity: task representations, group. Structure and Performance. *European Journal of Social Psychology*, 1, 3.
- Abric, J. C., Kahan, J. (1972). The effects of representations and behaviour in experimental games. *European Journal of Social Psychology*, 2, (2), 129-144.
- Abric, J. C.; Vaucherot, G. (1976). Méthodologie et étude expérimental des représentations sociales. *Bulletin de Psychologie*, 323, XXXIX : 14-15.
- Abric, J. C. (1984). A theoretical and experimental approach to the study of Social representations in a situation of interaction. In R.M. farr, S. Moscovici, *Social Representation*. Cambridge. Cambridge University Press, 169-183.
- Abric, J. C. (1984). L'artisan et l'artisanat --. Analyse du contenu et de la structure d'une représentation sociale. *Bulletin de Psychologie* 37, 336, 861-875.
- Abric, J. C (1987). Coopération, compétition et représentations sociales. Cousset, DelVal.
- Abric, J. C. (1989). L'Étude expérimental des représentations sociales: Système central et système périphérique. In : Structures et transformations des représentations sociales. In : D. Jodelet (Ed.), *Les représentations sociales*. PUF, 187-203.
- Abric, J. C. (1994). L'Organisation interne des représentations sociales : système central et système périphérique. In : Structures et transformations des représentations sociales. Delchaux et Niestlé. Paris, 73-83.
- Abric, J. C. (1994). *Pratiques sociales et représentations*. Presses Universitaires de France. Paris. PUF, 251.

Alcoforado, D. et al (1987). *Littérature orale traditionnelle populaire*. Actes du Colloque. Paris, 20-22 Novembre 1986. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

Anderson, R. J.; Sharrock, W. W. (1986). *The Ethnomethodologists*. Tavistock. London.

Barata, O. S. (1994). *Ciências Sociais*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70. Lisboa.

Bell, J. (1995). *Doing your research project*. Open University Press. Buckingham.

Benson, D.; Hughes, J. (1983). *The perspective of Ethnomethodology*. Harlow : Longman.

Berger, P.; Luckmann, T. (1986). *La construction sociale de la réalité*. Méridiens Klincksieck. Paris.

Bertaux, D. (1996). *Encontros de Sociologia dos paradigmas às práticas. Histórias de vida na abordagem etnosociológica*. Universidade Autónoma. Lisboa.

Bryman, A (1993). *Quantity and Quality in Social Research*. Routledge. London, 53-54, 93-94.

Button, G. (1993). *Ethomethodology and the human sciences*. Cambridge University Press, 77-109.

Carvalho, H. (1993). *Teoria dos grafos*. (2ª ed.) Giesta ISCTE .

Chaplin, J. P. (1981). *Dicionário de Psicologia*. Publicações D. Quixote. Lisboa.

Coulon, A. (1993). *Ethnométhodologie et éducation*. Press de France. Paris.

Coulon, A (1995). *Etnometodologia*. Vozes. Brasil.

Denzin, N. K.; Lincon, Y. S. (1994). *Handbook of qualitative research*. Sage Publications.

Festinger, L. (1974). *A pesquisa na psicologia social*. Editora da Fundação Getúlio Vargas. Brasil.

Flament, C. (1986). *L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales*. Im: Doise, W.; Palmonaire, A., *L'étude des représentations sociales*. Paris. Delachaux et Niestlé, 139-155.

Garfinkel, H. (1994). *Studies in ethnomethodology*. Polity Press. Cambridge.

Gumperz, J. J.; Hughes, D. (1986). *Directions in sociolinguistics. The ethnography of communication*. Basil Blackwell. New York, 301-345.

Heritage, J. C. (1984). *Garfinkel and Ethomethodology*. Polity Press. Cambridge.

Heritage, J.; Atkinson, J. (1994). *Structures of social action. Studies in conversation analysis*. Cambridge University Press.

Hilbert, R. (1992). *The classical roots of Ethnomethodology. Durkheim, Weber and Garfinkel*. Chapel Hill. University of North Carolina Press.

Lessard, M.; Goyette, H. G.; Boutin, G. (1994). *Investigação qualitativa : Fundamentos e práticas*. Instituto Piaget. Lisboa, 58.

Liberman, K. (1986). *Understanding interaction in central Australia : an ethnomethodological study of Australian Aboriginal people*. Reutledge and Kegan Paul. London.

Livingston, E. (1987). *Making sense of Ethnomethodology*. Reutledge and Kegan Paul. New York.

Marshall, C.; Rossman, G. (1995). *Designing quantitative research*. Sage Publications Ltd., London.

Mchoul, A. W. (1982). *Telling how texts talk : Essays on reading an Ethnomethodology*. Reutledge and Kegan Paul. London.

Moliner, P. (1988). *La representation sociale comme grille de lecture. Etude exprimentale de sa struture et aperçue sur ses processus de transformation*. Aix-en-Provence: Thèse de Doctorat de l'Université de Provence.

Moliner, P. (1988). *Validation exprimentale de l'hipothèse du moyau central des representations sociales*. *Bulletim de Psychology*, 42, pp 759-762.

Moliner, P. (1994). *Le modèle bi-dimensionnel des representations sociales*. *European Journal of Social Psychology*.

Moreira, C. D. (1994). *Planeamento e estratégias da investigação social*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Lisboa, 93-104.

Moscovici, S. (1984). *Psychologie Sociale*. Presses Universitaires de France. Paris.PUF, 566.

Munné, F. (1989). *Entre el individuo y la sociedad. Promociones y publicaciones Universitaria*. Barcelona. PPU, 275-302, 307-319.

Munné, F.(1995). *La interaccion social. Teorias y ámbitos*. PPU. Barcelona.

Pereira, O. G. (1997). *A emergência do paradigma americano*. In J. Vala; M.B. Monteiro. *Psicologia Social*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

- Ragin, C.C. (1994). *Constructing social research*. Pine Forge Press. California.
- Rocher, G. (1977). *Sociologia Geral*. Editorial Presença, (Vol. I). Lisboa, 22, 41-47.
- Rocher, G. (1979). *Sociologia Geral*. Editorial Presença, (Vol II). Lisboa, 100-105.
- Sacks, H. (1992). *Lectures on conversation*. Blackwell. London.
- Schutz, A. (1987). *Le chercheur et le quotidien*. Méridiens Klincksieck. Paris.
- Sharrock, W. W. (1974). *On owning knowledge*. In R. Turner (ed), *Ethnomethodology*. Harmondsworth. Penguin.
- Silva A. S., et al (1986). *Metodologia das Ciências Sociais*. Afrontamento, 101-105.
- Silverman, D. (1995). *Interpreting qualitative data*. Sage. London, 97-98, 196-211.
- Silverman, D. (1997). *Qualitative research*. Sage. London, 28-44, 80-96.
- Sudnow, D. (1967). *Passing on the social organisation of dying*. Prentice-Hall. (Buenos Aires, *Tiempo Contemporâneo*, 1971)
- Vala, J. (1997). *Representações sociais - para uma psicologia Social do pensamento social*. In J. Vala; M. B. Monteiro (Eds.) *Psicologia Social*-. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Vergès, P. (1993). *L'évocation de l'argent une méthode pour la definition du noyau central d'une représentation*. *Bulletin de psychologie*, tome XLV, n° 405, 203-209.
- Vergès, P. (1993). *Suporte informático para analisar o sistema central e periférico de uma representação*. CNRS. Aix-en-Provence.

Vergès, P. (1994). Approche du noyau central: propriété quantitatives et structurales.  
In: C. Guimelli (Ed.). Structures et transformations des représentations sociales. Paris:  
Delachaux et Niestlé.

# **ANEXOS**

## **Anexo I - *Histórias recolhidas***

## HISTÓRIA 1

Em Mal Partida, a 5 Km de Almeida, vivia um casal em que o marido cortava pedra (Granito bruto). O marido morreu, ficando cinco filhos, o mais novo de 14 anos e o mais velho, hoje já com 40. Como a mulher ficou sozinha e sem possibilidades de dar uma vida desafogada aos filhos, estes foram indo para Espanha.

Segundo a mãe, eles lá organizaram a sua vida, casaram com espanholas, e, actualmente, têm bons carros e boas casas. O filho mais novo, de 14 anos, também se encontra lá a estudar.

Há tempos a senhora, que conta 69 anos, teve um ataque de diabetes e os filhos levaram-na para Espanha, a fim de ser lá tratada, uma vez que se encontrava, mais perto, o apoio que devia ter. Gostou muito dos cuidados de saúde que recebeu. No mês passado, Junho de 1995, vieram uns espanhóis para Mal Partida, partir pedra, fizeram (chispa) – faísca, tendo-se originado um grande incêndio e ardido as redondezas. O prejuízo foi muito grande e eles não estão prontos a pagar. E agora vão para Tribunal. Foi mau para todos, as populações querem dar de comer ao gado e não têm...!

Eles estão a prejudicar-nos.

## HISTÓRIA 2

### POSTO DE TURISMO DE ALMEIDA

O responsável que nos atendeu e que está à frente deste posto, é licenciado em História, deu aulas na Escola Preparatória e é Presidente do Coro Etnográfico de Almeida.

Segundo ele, desde sempre, Portugal e Espanha tiveram uma sã convivência, já desde as campanhas militares em 1834.

Durante a Guerra Civil, quando procuraram o seu Infante D. Carlos, em Almeida, não praticaram, nem saques, nem tentativas de conquista e tiveram respeito pela população civil, bem como pela povoação de Almeida.

Em termos de recuperação de património, estamos a copiar o que eles fazem. Começamos a recuperar os centros históricos. O grande interesse deles virem visitar Almeida e o seu assombramento, é de como é que nós temos um monumentos (Castelo) tão bem conservado.

Mas eles têm um sentido de preservação que nós vamos perdendo, lá, por exemplo : as cegonhas circulam e há fortes e pesadas multas para quem abate e destrói estas espécies. Cá não temos essa preocupação. Como Presidente do Coro Etnográfico de Almeida, é convidado diversas vezes, para ir actuar em Espanha, com o seu grupo. Lá, nos momentos disponíveis as pessoas reúnem-se para fazer a merenda (piquenique) e mantêm essa tradição arreigada.

Quando eles vêm cá, nós levamo-los para o restaurante!

Estamos a ser aglutinados por expressões espanholas.

- Hoje em dia é muito frequente dizermos que vamos tomar um vaso (copo).

Eles preservam os seus valores. São muito firmes e agarrados nisso. É o único povo do mundo que praticamente fuma charuto.

O maravilhoso deles, por exemplo : a música – conseguem estar uma noite inteira a tocar música espanhola e a bater palmas (tudo, até Rock) e eles próprios se animam com esse divertimento. Em Portugal isso não acontece.

No posto de Turismo, quando aparecem os espanhóis, temos de estar com mil olhos na mesa, para ver o que está e o que desaparece, pois os nossos postais e folhetos são muito cobiçados por eles.

### HISTÓRIA 3

Numa aldeia situada no Concelho de Almeida, dois indivíduos foram à caça. Um caçou um mocho e o outro uma perdiz. Quando estavam a dividir as espécies caçadas, o português disse: “ou ficas tu com o mocho e eu com a perdiz ou então, se tu quiseres, eu fico com a perdiz e tu com o mocho”. O espanhol retorqui-lhe : “ não sei que voltas dás aos bichos, que me calha sempre o de cabeça gorda.

## HISTÓRIA 4

No Restaurante “O Lavrador”, em Almeida, o dono deu-nos a sua opinião sobre os fregueses espanhóis, frequentadores regulares do seu estabelecimento.

De uma maneira geral, são desregrados a comer, a refeição pode ser feita no mesmo prato, com o mesmo talher, não gostam de tantas cerimónias como nós, não se importam com isso. O que querem é que a comida seja boa. Estão habituados a comer dois pratos e pedem, sempre, uma entrada. Falam todos ao mesmo tempo, fazem muito barulho, são educados para fazer barulho. No entanto, acatam melhor as ordens que os portugueses. São pessoas muito alegres e dadas, tratam todos por tu. São mais abundantes a dar gorjetas que os portugueses. Quase todas as mesas dão gratificação.

É costume, no fim, da refeição, a sua mesa ficar uma lixeira. Em vinhos gostam muito do verde e do rosé.

As horas que destinam para o almoço situam-se entre as 3 e as 4 horas da tarde. Para o jantar, entre as 22,30 e as 24 horas.

## HISTÓRIA 5

Episódio relatado pelo André, um jovem de 23 anos, residente em Vilar Formoso, por nós considerado como um “informante privilegiado”.

Encontrava-se numa discoteca, em Cidade Rodrigo. Havia uma festa de espuma (espuma que depois se converte em água). Viu uma rapariga atraente e começou a dançar com ela., a rir, a imitá-la. Entretanto caíram . Depois, convidou-a a beber um copo, seguidamente começaram a beijar-se, a conviver e ela apresenta-lhe as suas amigas.

No final da noite, a rapariga convida-o a ir a sua casa, para mudarem de roupa, uma vez que esta se tinha molhado, com a água da espuma, ao caírem.

O André foi. Ao chegar fica abismado – “mas isto é um bairro cigano...!” Diz de si para si. Agora não posso voltar para trás. Além disso, tinha sido visto por inúmeros ciganos que se encontravam no bairro. Assim, teve de suportar a situação, namorando com a rapariga atraente algum tempo e esperando que ela o deixasse. Caso contrário, estava sujeito a levar um tiro. Em Cidade Rodrigo as normas sociais são muito rígidas:

Os ciganos só se podem casar com ciganos;

As mulheres casam-se virgens, e só se podem pintar depois do casamento;

De tribo para tribo, têm as suas normas próprias.

## HISTÓRIA 6

Um amigo do André, o Miguel, uma vez foi a Espanha, a uma discoteca. Esta fechou e ele não tinha transporte para Portugal. Então, alguns amigos espanhóis que estavam presentes, trouxeram-no de volta até casa.

## HISTÓRIA 7

Na inauguração de uma discoteca em Salamanca, pelo Carnaval, estava um grupo de vinte amigos portugueses. Um deles tinha, por par, uma espanhola. Um outro afastou-se por pouco tempo do grupo, vindo rapidamente ter com os seus amigos, dizendo-lhes : “ vamos embora daqui, que está tudo à tareia”. Entretanto, vêem um espanhol com uma fractura exposta da perna e decidem, alvoroçadamente, abandonar a discoteca.

## HISTÓRIA 8

Um casal, de Vilar Formoso, foi ao Jardim Zoológico de Lisboa com o filho, de oito anos. Ao passarem pela jaula dos macacos depararam com um grupo de turistas espanhóis, também a ver os animais. No seio dos visitantes vizinhos, reinava grande algazarra, risos e sons de vozes altíssimas. Os animais, perante tal burburinho, ficaram transtornados e nervosos, e vai de investir contra eles, chapadas e mais chapadas, de água.

A criança que atentamente tinha acompanhado todo o desenrolar da acção, comentou :  
“Olha..! Pais, nem macacos gostam dos espanhóis..!”

## HISTÓRIA 9

Um casal, em Vilar Formoso, ele espanhol e ela portuguesa, foram passear a Espanha e tomar umas bebidas. Ao chegarem junto do seu carro, este não tinha matrícula. Havia sido tirada por três espanhóis. Indignados perante tal facto, foram à Guarda Civil, dar queixa do ocorrido.

Entretanto, os espanhóis assaltaram um Banco, tendo utilizado um carro com a matrícula roubada.

O casal guardou o carro na garagem e esperou pelo evoluir dos acontecimentos. A Guarda Civil veio, passados aproximadamente três dias, confirmar a quem pertencia a matrícula. Decorrida uma semana, a Guarda Civil informou-os de que já tinha apanhado o grupo de espanhóis, e que um deles tinha morrido no assalto. Os restantes iriam cumprir oito anos de prisão.

## HISTÓRIA 10

### Paixão por uma espanhola

Um rapaz de Vilar Formoso, gosta de uma espanhola e namora com ela há já algum tempo, mas um dos grupos de amigos da espanhola tem ciúmes dele e, acontece, que já por duas vezes andaram à pancada.

Ora, os amigos portugueses já lhe disseram que deixasse a espanhola, porque senão levava mais. No entanto, ele diz que não, que pela espanhola vale tudo, até ficar com os olhos todos negros.

## HISTÓRIA 11

### Relato de um comerciante de Vilar Formoso

Quando os nossos comerciantes vão a Espanha, levar mercadoria, a Guarda Civil, lá, é extremamente rigorosa. Se levarmos quantidade a mais, a Guarda controla as facturas e a mercadoria é mandada para trás (fruta, artigos alimentares, roupa). Cá em Portugal, não nos importamos com nada que nos chega de lá. Não temos a preocupação de ser rigorosos. “Olhe por exemplo, passam carne para cá, para a engorda, sem inspecção veterinária”.

## HISTÓRIA 12

Na aldeia de Vermiosa, há cerca de 20 anos, criadores de gado (vacas, ovelhas e cabras), junto da fronteira, na Quinta da Machada, devido à localização estratégica de poços de água, aí existentes, deixavam que o gado dos seus vizinhos espanhóis também, neles bebessem. Por sua vez, os espanhóis que possuíam bons prados, permitiam aos portugueses, que o seu gado pudesse pastar numa área de, aproximadamente, 100m. Desde essa altura que se fizeram boas amizades, que ainda hoje, se mantêm.

Os espanhóis que são bons, que são bons mesmo.

## HISTÓRIA 13

Ainda na aldeia de Vermiosa, já lá vão perto de 16, 17 anos quando, para se ir a Espanha, ainda era preciso passaporte e os portugueses queriam ir à festa do Senhor do Nazareno, realizada em Espanha, era obrigatório serem acompanhados pela Guarda Civil. Esta, acompanhava os grupos de portugueses que se deslocavam para a dita festa, esperava-os e escoltava-os de regresso até Portugal.

## HISTÓRIA 14

Há cerca de 25 anos, em Porto Seguro, um criador de gado foi a Espanha comprar 14 quilos de amêndoas para vender. No caminho para Portugal, encontrou um velhote português, de 70 anos, que também tinha ido a Espanha comprar amêndoas, 5 quilos. O velhote, devido à sua idade avançada, apresentava certa dificuldade em se deslocar, e para dificultar mais o percurso, as alpercatas que trazia nos pés tinham-se rompido. Então, o velhote pediu ao acompanhante se este lhe trazia as suas amêndoas. Quando estavam a chegar, já perto do lugar, em Portugal, aparece-lhes a Guarda Civil. Eles fogem, pois tratava-se de contrabando e o criador de gado deixa a carga escondida nuns montes, indo buscá-la no dia seguinte.

Eram tempos difíceis, muito pouca gente ia a Espanha. Só os contrabandistas, e de noite. Nessa altura as relações com Espanha eram muito más.

Quanto às alpercatas foi-nos dito que eram uns chinelos de pano por cima, de borracha, por baixo e que duravam três dias novas

três dias rotas

e

três dias à espera de outras...

Muita gente as usava. Costumavam vir de Espanha, também por contrabando.

## HISTÓRIA 15

Em Santiago, quando se vai para Figueira (zona rural), um ex-contrabandista de nome João Espinha, contou-nos o seguinte episódio:

“Um dia veio um espanhol a casa de um português. Este deu-lhe a comer umas morcelas que o deixaram deliciado. Então o espanhol, curiosíssimo de saber como se fazia tal petisco, indagou qual o segredo. O português disse-lhe : Olha, vão-se tirando as taipas do cedro e vão-se atando. Vão-se tirando e vão atando. Admiradíssimo, o espanhol quando, de novo, junto do português, confidenciou-lhe : Olhe compadre, se as taipas não tivessem sido feitas em minha casa, eu te diria que elas eram de mierda pura”.

## HISTÓRIA 16

Em Vermiosa, no tempo de Franco, haviam grupos rebeldes que matavam pessoas que consideravam indesejáveis para Espanha. Esses grupos tinham informadores e, alguns deles, eram portugueses.

Houve, uma vez, um informador português que ajudou a encontrar um professor espanhol, da escola primária, e em conjunto com um desses grupos, levaram-no para um recinto de touros, tourearam-no, farpearam-no, acabando por o matar.

## HISTÓRIA 17

Em Vilar Formoso (zona urbana), um comerciante português propunha-se vender um serviço de louça, a uma senhora espanhola, por 70.000\$00. A senhora queria pagar, em Pesetas, a importância de 50.000. O comerciante recusou fazer a venda pelas 50.000 Pesetas, pois segundo ele, e ao câmbio do dia, as 50.000 Pesetas valiam mais ou menos 68.000\$00.

A senhora apresentou o caso às autoridades portuguesas, sob a forma de queixa,. Intervieram as actividades económicas e o caso foi a Tribunal. Embora o comerciante tivesse demonstrado, com documentos de dois Bancos portugueses e de um espanhol que, pelas tais 50.000 Pesetas, aos câmbios desse dia, apenas lhe seriam entregues cerca de 68.000\$00, este foi condenado a pagar uma multa de Escudos : 3.000.000\$00.

Nota : ( O serviço continua por vender e segundo a sua opinião, já não pode ser vendido por menos de 300.000\$00).

## HISTÓRIA 18

No hotel onde ficámos quando nos deslocamos a Vilar Formoso, para a colheita de histórias para este estudo, um dos Gerentes referiu-nos que uma vez um espanhol pagou a sua estadia com dinheiro falso. O Gerente, desconfiado daquele pagamento, tratou de obter informação acerca do mesmo.

Confirmadas as suas suspeitas, e tendo verificado que o espanhol prosseguia viagem com direcção a Espanha, telefonou imediatamente para a polícia espanhola (Guarda Civil), pondo-os ao corrente do facto e fornecendo-lhes sinais de identificação do indivíduo em causa.

Passados cerca de mais ou menos 10 minutos, a polícia tinha, já, capturado o transgressor. Por último, o Gerente observou : “ em termos de intervenção e actuação na sociedade, a polícia espanhola é rápida e pronta e podemos encontrá-los nos seus locais de trabalho quando são necessários.

## HISTÓRIA 19

Relato sobre os espanhóis, de um comerciante de Vilar Formoso que, para além das lojas em Portugal tem, também, lojas em Madrid e Barcelona.

É usual, em Espanha, quando os grupos de amigos saem para festas, discotecas, passeios, para tomar um copo, partilharem, uns com os outros, ou seja : se um vai fumar, oferece o tabaco a todos os outros do grupo. Se vão beber, um paga uma rodada aos restantes. Preconceitos de classe social, não existem.

Em Espanha, e no dia-a-dia, as pessoas falam umas com as outras, sem a preocupação dos estratos sociais serem diferentes. Há um bom convívio social, sem barreiras. Todos se tratam por tu, ou pelo nome próprio, independentemente dos títulos, dos graus académicos e da profissão que desempenham. A forma como cada um se veste, também não é objecto de reparo, por parte dos espanhóis.

## HISTÓRIA 20

Na Aldeia do Bispo, em Almeida, havia uma portuguesa casada com um espanhol. Vinham os reclames das direitas e ela levantava a mão para cima, vinham os reclames das esquerdas e ela fechava os punhos. Ela queria viver em paz.

Ainda no tempo da Guerra Civil, vinham espanhóis, fugidos do seu País, que traziam bombas e que as atiravam para debaixo das árvores. Várias crianças, quando andavam a brincar morriam, outras ficavam sem braços e sem pernas. Os pais recomendavam-lhes cuidado e que não pegassem em nada do que encontrassem.

## HISTÓRIA 21

Um idoso de 84 anos, solteiro, residente em Almeida (zona rural), contou-nos que, pelas épocas do contrabando, deveria ter ele, sessenta e tal anos, haviam, na região, umas espanholas que dormiam nuns estábulos e que estavam metidas no contrabando. Certo dia, houve um baile na aldeia em que estavam presentes essas espanholas e este homem. A dada altura, apresentaram-lhe uma dessas espanholas, à qual perguntaram : então, não gostas dele? Gostar, gosto, mas é mui velho!

## HISTÓRIA 22

Há cerca de 40 anos, em Espanha, pela Quaresma haviam grandes festas, a que os portugueses não costumavam faltar.

Uma delas, chamada o baile das Prenatas contava, pois, com a presença de alguns. Eles iam e lá se divertiam, dançavam e passavam bons momentos. Nessa festa, estava um português que dançava com uma espanhola, beijou-a e fez-lhe “mais alguma coisa”. Ele chamava-se Aníbal e ela disse-lhe : Está quieto, Animal.

## HISTÓRIA 23

Na Aldeia do Bispo, em Almeida, um ex-contrabandista, hoje em dia criador de gado (ovelhas), deu-nos a sua opinião sobre os espanhóis.

Estão muito bem na agricultura, fizeram emparcelamento de terrenos e isso só lhes trouxe vantagens. Cá, os portugueses não querem isso.

Têm bom a poio técnico, boas sementes. Têm bons lotes de ovelhas. Ele costuma lá ir comprar animais, porque lá são seleccionados.

Na saúde, têm um médico disponível, logo que solicitado. Telefona-se para o Centro de Saúde e vem o médico e a enfermeira e dão logo apoio às pessoas, no espaço de mais ou menos 20 minutos. Cá não. Vai-se ao Centro de Saúde e é-se mal recebido.

Funcionamos na base da simpatia e das amizades. Se se é conhecido, somos vistos, se não somos desprezados. Funciona um bocado a lei da sobrevivência.

A nível da Educação não existem escolas primária. As crianças vão da aldeias mais próximas para Cidade Rodrigo. A partir do 9º Ano, vão para Salamanca, com as despesas todas pagas pelo Estado.

## HISTÓRIA 24

Um residente em Almeida, pessoa já de meia-idade, contou-nos:

“ No tempo da Guerra Civil, Portugal acolheu muitos, vindos de Espanha, os chamados Contras. Uma vez, os carabineiros, procuravam um fugitivo, mas só sabiam o seu nome, não o conheciam. Por acaso encontraram-no, mas como o não conheciam, perguntaram-lhe se sabia de um homem, com o nome tal... Ele disse-lhes que não conhecia ninguém com esse nome. E assim que os carabineiros se foram embora, ele dirigiu-se rapidamente a casa de uns amigos e conhecidos portugueses, para aí se esconder.”

Esta pessoa referiu-nos, ainda, de que há a impressão de que Salazar deu bastante apoio a Franco. Se não fosse tão apoiado, não teria ganho a Guerra Civil. Hoje em dia, quando se fala em Espanha lembra-se do País Basco, e crê que esse problema nunca mais acabará. Não chegará à Guerra Civil, porque ficaram muito traumatizados, mas esta situação não terá fim, continuando, sempre, a haver atentados.

## HISTÓRIA 25

Relato sobre os espanhóis, dado por um emigrante português, de férias em Almeida, e há alguns anos radicado no País Basco:

“ Depois da morte de Franco, ficaram mais fanáticos com o Nacionalismo, o que leva a ser muito difícil viver-se lá. Com a Democracia tiveram o estatuto de autonomia, o que faz estar um pouco independentes de tudo, à exceção da moeda e do exército.

Também depois da autonomia, obrigaram as pessoas que lá estavam a falar o dialecto próprio.

No entanto, ele é bastante difícil. Nem em Espanha o falam. Mas ele é obrigatório nas escolas, na Administração Pública, nos Ministérios e nas Finanças. Reforço de novo que é uma língua difícilíssima de aprender. Eles mesmos não sabem donde vem. Eles ensinam a odiar o Castelhana.

É impossível hastear a bandeira espanhola, a não ser em instituições do Exército. Eles têm todo o poder em matéria da educação, eles ensinam a odiar Espanha. A convivência é boa, mas cada vez menos, se tem acesso aos postos de trabalho. Há muito desemprego, sobretudo na juventude. As percentagens rondam os 15% da população activa.

O comércio deles é bastante poderoso, bem como a indústria. Esta assenta, essencialmente, na área da extracção química. É, também, de realçar, nomeadamente os plásticos e as refinarias de petróleo.

Falha a agricultura e a energia. O seu território possui terrenos muito montanhosos, o que dificulta o trabalhar a terra. Não têm energia nuclear, o que a Espanha tem bastante.

Em relação ao turismo, existe pouco. Só o de negócios. O clima é húmido e chuvoso.

A sua cultura é anti-espanhola, os touros são considerados como a Festa Nacional Espanhola.

Têm a sua música própria.

Em matéria de desporto, gostam de futebol. Como desporto praticado, é frequente cortarem troncos de árvores e verem quem são os mais rápidos, os mais capazes, etc.. Duma maneira geral, as festas encontram-se ligadas ao mundo rural.

Relativamente à Religião, são Católicos, mas mais religiosos que os portugueses.

Têm um Governo próprio, Parlamento próprio, têm um Chefe e Ministros próprios.

Têm três aeroportos e alguns portos de mar. Saem com frequência para o exterior, são muito empreendedores, capazes de formar empresas. São trabalhadores.

A nível dos Serviços Públicos, são muito eficientes, quer em rapidez, quer em educação.

A saúde é boa, a taxa de nascimento é baixa e a mortalidade infantil muito pequena. Os reformados não fazem descontos, os medicamentos e a assistência, para eles, é gratuita.

A corrupção espanhola abunda, tendo por trás grupos empresariais. Mas o problema número um é o terrorismo. Existem os Nacionalistas moderados e os radicais. Estes últimos, levam os seus comportamentos ao extremo e só deixarão de o fazer, quando alcançarem a independência. No entanto, a polícia espanhola, está bem preparada para lutar contra eles.

No geral, gosta dos espanhóis, disse-nos: são muito eficientes.

Nos últimos 12 anos, Espanha modernizou-se muito (estradas, saúde, entre outros aspectos). Estamos a vários anos luz de diferença deles, e digo-o com profunda

tristeza. Em todas as áreas encontramos-nos imensamente atrasados, quando nos comparamos a eles”.

## HISTÓRIA 26

Episódio passado em Almeida (zona rural), corria o ano de 1914.

Na aldeia, andava um espanhol com um criadito, a compôr chapéus-de-chuva e louça de barro. Ele mandava o criadito, à noite, pedir nas casas mais abastadas, para lhe fazerem uma panela de sopa (sopa da pedra). Satisfeito o pedido, o rapazito levava-lhe a panela de sopa para o palheiro onde dormiam. Na casa onde a sopa era feita, tanto os filhos como os donos da casa, faziam perguntas ao rapazito, a fim de saberem como é que ele vivia com o patrão. Vendo que ele passava mal, ofereciam-lhe alguns alimentos para comer. Mas o rapazito recusava, dizendo que não podia comer nada, porque o patrão lhe media a barriga antes dele sair, para ir fazer a sopa e, depois tornava a medi-la, quando ele chegava junto de si.

Então as crianças que viviam na casa, ensinavam-lhe que, antes de sair devia espichar a barriga e quando regressasse a devia encolher. Assim, certamente que o patrão não descobriria que, afinal de contas, ele sempre tinha comido alguma coisa.

## HISTÓRIA 27

História relatada em Vilar Formoso (zona rural):

“ Um espanhol perguntou a um português, porque é que nos combates, os portugueses costumavam ser tão rijos e ganhar as lutas. Ao que o nosso conterrâneo respondeu : Sabe o que fazemos aos nossos filhos quando eles nascem? Pomo-los a dormir em cima do telhado. O espanhol retorquiu : Olhe a minha mulher está para ter um filho. Assim que nasça, faço-lhe o mesmo, para ver se ele sai rijo como os portugueses.

Passou-se algum tempo e um dia voltaram a encontrar-se, e o português perguntou-lhe : Então o seu filho é teso como os portugueses? Resposta do espanhol : Tesito, sim, mas mortito!

## HISTÓRIA 28

Morreu um porco em Vermiosa, última vítima da peste. Estava a vizinha Espanha no período pós-guerra civil. Eram tempos de hostilidade e de carência de géneros alimentícios.

Tendo sabido, os espanhóis, do facto sucedido ( a morte do porco), acorreram estes junto dos portugueses a solicitar a dádiva do mesmo. Após alguns momentos de conversa, os espanhóis convenceram os portugueses a irem ajudá-los a transportar o porco até Espanha. Aí viriam a ser remunerados pelo seu trabalho. Surpreendentemente, uma vez chegados ao destino e nesse preciso momento, surgiram, no local, os carabineiros (Guarda Fronteira), que com a sua presença intimidaram e assustaram os portugueses, tendo todos fugido, à excepção de um.

Como é típico dos espanhóis, a estratégia havia sido montada de forma a que assim sucedesse, pois sendo o acto ilícito, a presença dos carabineiros, poupar-lhes-ia o pagamento da importância prometida aos portugueses. Para que o mais tímido, que não fugiu, abandonasse o local, ordenaram-lhe os carabineiros, que fosse apanhar giestas para se aquecerem, com a intenção de ele fugir. Mas ele, tolhido pelo medo, trazia as giestas e não fugia. Por fim, disseram-lhe os carabineiros : Ou tu te vais embora, ou és preso.

## HISTÓRIA 29

Em Espanha, numa noite de boémia com um grupo de amigos portugueses, o André ficou bêbado. Quando se bebe de mais, tem-se vontade de urinar, fica-se mais desinibido e a pessoa, é ela mesma, sem a sua couraça, o que a leva a atropelar certas condutas morais. Neste estado, urinou numa esquina, perto de uma esplanada e houve alguém (um espanhol) que lhe chamou a atenção, ameaçando-o com violência (o reduto dos incompetentes é a violência). Mas sabendo isso, o André fez-lhe frente e retorquiu-lhe: "Tanto urino aqui, como nas tuas botas", não dando parte de fraco, uma vez que também tinha as costas quentes, devido à presença dos amigos portugueses. Passados alguns instantes, o espanhol foi chamar alguns amigos seus, espanhóis, uma vez que sozinho não estava a dar conta da situação. Quando estes chegaram e reconheceram o André, que também era amigo deles, desligaram-se do assunto e do rapaz que os tinha chamado, deixando-o à margem e encetaram diálogo com o André, perguntando-lhe: "Então o que é que fazes? Com é que estás, etc.. Termina o André, referindo que, quando existe amizade, e se é verdadeira nos seus amigos espanhóis, se estão alegres e em grupo, partilham e multiplicam essa alegria. Se os amigos espanhóis estão tristes é o André que vai ter com eles e os apoia.

## HISTÓRIA 30

Um português do Alentejo, como não tivesse trabalho na sua região, foi andando, andando, e chegou a um cruzamento, tendo encontrado um espanhol. Este perguntou-lhe : para onde vais? Vou à procura de trabalho. E o espanhol respondeu : eu também. Juntaram-se os dois e continuaram a andar. Mais adiante, noutra cruzamento, encontraram um francês que lhes fez a mesma pergunta Concluindo que a situação era semelhante à deles, resolveram juntar-se os três. E lá continuaram a caminhada até que escureceu. Viram um monte abandonado, nas proximidades, e foram para lá descansar. Nisto, diz o espanhol para o português : o que é que tu trazes de comida?

S1 Eu trago um pão.

S2 O espanhol respondeu : eu trago chouriço.

S3 E o francês disse : eu trago vinho.

O espanhol como era muito espertalhão, queria enganá-los e disse-lhes : Assim como o pão é só um, o chouriço também e o vinho, só uma pinguinha, vamos fazer uma coisa : Quem tiver o sonho mais bonito é que come o chouriço, o pão e bebe o vinho. Guardaram a comida e foram-se deitar. No outro dia de manhã, quando acordaram, o espanhol questionou o que é que cada um tinha sonhado.

O português afirmou : contem vocês primeiro o vosso sonho, que eu logo vos digo o meu. Disse o francês : eu sonhei que estava nas estrelas, que havia lá muito comer e muita mulher bonita. Foi um sonho maravilhoso. Continua o espanhol : Eu sonhei que ia voando, voando, tão alto voava que já estava na Lua. E tu, oh portuguesito?... o que é que tu sonhaste?

Eu sonhei que vocês estavam tão alto, tão alto, tão alto, que já não voltavam cá abaixo, e então, decidi comer o pão, o chouriço e beber o vinho!

## HISTÓRIA 31

Há já muitos anos ( mais ou menos 10 anos ), fiz uma viagem de férias à Holanda com alguns membros da minha família. Ao atravessar a Espanha e por já ser bastante tarde, parámos num “Hotel” de auto-estrada para passar a noite. O Hotel não tinha mau aspecto e marcámos dois quartos. Subimos para nos recolhermos e a minha mãe, ao abrir a cama, reparou que os lençóis estavam enxovalhados e com cabelos dispersos. Chamámos a empregada e pedimos para mudar os lençóis, pois talvez não tivessem sido mudados. A empregada ficou muito ofendida dizendo que os quartos eram sempre limpos. Mas os factos eram tão evidentes que a minha mãe lhe mostrou os lençóis e a sujidade. A senhora continuou muito ofendida, dizendo que não via absolutamente nada. Nós éramos quatro e todos ficámos pasmados com o atrevimento e a teimosia da empregada. De tal modo, que viemos embora, absolutamente convencidos, de que os quartos e toda a roupa, só deviam ser limpos uma vez por semana, independentemente do número de hóspedes que por lá tivessem passado.

## HISTÓRIA 32

Estávamos em Madrid, eu e o meu pai e minha mãe – era uma estadia curta, apenas de passagem. Saímos do aeroporto e apanhámos um táxi para o Hotel que ainda ficava longe. O senhor do táxi “falava pelos cotovelos” – muito simpático : Os seus temas favoritos eram futebol (Real Madrid era a equipa favorita) e política ( o Filipe Gonzalez era um grande charlatão). À porta do Hotel o taxista disse serem 3.000 Pesetas a conta. O meu pai deu-lhe a nota e o taxista, abrindo um grande sorriso disse : “Gracias amigo” e cumprimentou o meu pai com uma forte palmada nas costas, antes de se afastar no seu automóvel. Achámos, todos, que o motorista era uma pessoa muito afável e comunicativa, como aliás todos os espanhóis. Mais tarde, no quarto, o meu pai solta uma exclamação de surpresa e diz : “Então não querem lá ver, que em vez de dar uma nota de 3.000 Pesetas ao motorista, lhe dei uma nota de 30.000 Pesetas!!!

## HISTÓRIA 33

Em conversa amena, mas animada com um amigo espanhol – jovem arquitecto, colega e colaborador do meu marido, falava-se de espanhóis e portugueses.

O Juan contava, então, que desde pequeno vem a Portugal pelo menos uma vez por ano, pela altura da Páscoa, com toda a sua família ( 4 irmãos, pai e mãe). Todos gostam de Portugal e acham que Portugal e os portugueses evoluíram muito nos últimos 6 anos – ele já cá não vinha há mais ou menos 5 anos.

É claro que perguntei logo interessada e curiosa, que evolução tinha sido essa? Respondeu-me : sabes, os portugueses, para nós, sempre foram muito “parolos”, sem gosto para se vestirem, as raparigas novas vestiam-se como as quarentonas e as quarentonas como “velhas”, sempre de preto. Os homens também pouco arranjados e com pouco interesse aparente pelas mulheres.

Os portugueses não saiam à noite, não havia vida nocturna. Todos recolham às suas casas bem cedo, mesmo no Verão. Enfim, ao entrar em Portugal, entrava-se num país aí uns 40 anos atrasado. Agora, desta vez, achei uma diferença enorme – raparigas e rapazes bem arranjados, com roupas modernas, Lisboa com uma animação nocturna enorme, tudo nas ruas, imensos espectáculos interessantes (concertos, museus, exposições, etc.), até parecia que estava em Madrid. Não há dúvida que, de repente, o vosso país deu um salto que muito me surpreendeu. Até as pessoas parecem mais bonitas.

## HISTÓRIA 34

Quando era miúdo, nos anos quarenta, vivia eu perto da fronteira, a Espanha era mais pobre do que Portugal. Eu desprezava-a. Os espanhóis vinham a Portugal comprar géneros que não haviam lá. Olhavam para nós com inveja. Eu não gostava deles.

Um Escudo valia duas Pesetas. Hoje em dia, que sou graúdo, vivo longe da fronteira e a Espanha é muito mais rica que Portugal. Eu desprezo-a. Os espanhóis vêm a Portugal comprar géneros que lá já não há. Olham para nós com sobrançeria e eu não gosto deles.

Uma Peseta vale dois Escudos, ou quase. Na Páscoa, nas férias, no Natal e no resto do ano, invadem Portugal, enchem as estradas e os hotéis, espojam-se nas praias, compram os melhores livros, falam espanhol em todo o sítio, são cansativos e barulhentos.

Os espanhóis são mais cultos, mais ilustrados, mais cosmopolitas e mais seguros do que os portugueses. Odeio-os por causa disso. E também são mais selvagens, mais arrogantes, mais marialvas e mais aldrabões : detesto-os por isso mesmo.

A voz das espanholas é um dos mais baixos pontos atingidos pela evolução das espécies animais. Já ouviram uma mãe espanhola gritar com os filhos? Mandar os filhos calar-se? Falar com os filhos? Discutir com o marido? E conversar com outras espanholas? E protestar nas ruas? Ou protestar em casa?

Olho esbugalhado, o gesto desatinado, a veia inchada e, sobretudo, aquele som, altíssimo, esganiçado, rachado...

Nalgumas coisas, devo reconhecer, eles são melhores do que nós : na Literatura, na Pintura, na Música, na Arquitectura, no Teatro, na Dança, no Futebol, nos Jornais, nas Universidades, nas Livrarias, no Cinema, na Investigação Científica, na Indústria, na Agricultura, no Comércio, nas Estradas, nos Comboios, no Turismo, nos Hospitais e nos Restaurantes.

Seja, mas o nosso vinho é melhor. E a nossa televisão, também.

Além da morte natural, que é frequente, em Portugal, só se morre nas estradas e no trabalho, locais adequados a esse fim. Em Espanha, sociedade violenta por excelência, morre-se de qualquer maneira e em qualquer sítio.

Os espanhóis matam com requintes de sadismo. Matam para roubar, fumar ou beber. Matam no desporto, na cultura e na política. Matam por ciúme e desejo. Doidos, chamam a isso virilidade.

## HISTÓRIA 35

“ Eu, Alberto Cunha, industrial de Táxi em 1985, apanhei, no Hotel Alfa, dois casais de espanhóis para irem ao Convento, em Sintra. O passageiro que ia sentado ao meu lado, abriu o porta-luvas do meu carro. Eu levava lá, uma sandes para o meu almoço, e o cliente perguntou-me se a sandes era o meu almoço. Eu respondi sim, porque se se ganha pouco, também se tem de comer pouco. Depois de visitarem o Convento disseram-me que queriam almoçar que os levasse a um restaurante onde se comesse bem. Levei-os ao restaurante “Cantinho”, porque os donos do restaurante, quando os motoristas lá levam clientes estrangeiros, se os clientes não pagam a nossa despesa, a casa paga.

Depois de os levar ao restaurante, mandaram-me para o carro e que comesse a sandes e esperasse por eles. Eu respondi-lhes que ainda tinha dinheiro para comer ali, mais uma sandes.

E dito isto, encostei-me ao balcão e pedi uma sandes. O empregado disse-me para esperar um pouco, até que vagasse uma mesa, que o patrão dava-me o Almoço”.

## HISTÓRIA 36

“ Em 1986, pelas 22 Horas, apanhei um espanhol, na Praça de Táxis do Rossio, para o Casino Estoril. Combinei de esperar por ele duas horas, enquanto ia jogar. Passado meia-hora, chegou junto de mim e disse-me que tinha perdido 40 contos. Pediu-me para o levar ao hotel para ir buscar mais dinheiro. Eu disse-lhe que tinha comigo 10 contos e que lhos podia emprestar. Aceitou. Ao fim de 15 minutos, já estava outra vez junto de mim, dizendo que tinha perdido tudo. Regressámos ao hotel e fizemos as contas. Pois o malandro não me deu nem um centavo de gratificação e nem obrigado me disse.

## HISTÓRIA 37

De Espanha nem bons ventos nem bons casamentos...

Do simples facto de Portugal e Espanha serem vizinhos , o seu relacionamento mútuo, em variadas temáticas da sua existência, torna-se indispensável.

Assim acontece para as empresas que em ambos os países, se encarregam de produzir e distribuir a energia eléctrica.

Pretende-se aqui, realçar, a atitude das duas empresas, na necessidade que têm em comunicar entre si.

Importa traçar um quadro das referências em jogo que caracterizam a relação de forças e necessidades.

Por razões técnicas não existem redes eléctricas isoladas, mas sim interligações destas numa grande rede global.

Portugal está interligado com Espanha e esta com o resto da Europa.

A desproporção geográfica dos dois países (cerca de 5 vezes) reflecte-se, igualmente, nos respectivos consumos energéticos.

A Espanha investiu fortemente em anos passados no aproveitamento hidroeléctrico, o que não teve correspondência comparativa em Portugal.

Portugal está, assim, fortemente dependente (do ponto de vista eléctrico) da rede espanhola, bem como nos caudais que nos chegam nos rios Lima, Douro e Tejo, e nas linhas de interligação.

O planeamento e gestão do sistema electroprodutor português é, em consequência, estabelecido em função da estratégia espanhola.

O contacto entre os dois, estabelece-se entre os respectivos centros coordenadores, que funcionam em contínuo, nas 24 horas.

No dia-a-dia da actividade do despacho nacional, assim designado, as conversas com Espanha assumem lugar de destaque. Há dois tipos de contactos, fundamentalmente : Um, que é estabelecido com Bilbao que coordena o aproveitamento na bacia hidrográfica do Douro, e outro que é estabelecido com Madrid onde se tratam os assuntos de carácter geral.

Por dia, em regra, contacta-se com Espanha, umas duas vezes.

Descrito o enquadramento geral, tentaremos analisar alguns factos com o máximo de objectividade.

É Portugal que depende de Espanha e não o contrário.

- Da nossa parte tem existido, até no plano político, uma certa exigência a que seja a Espanha a adaptar-se às nossas vontades e necessidades (veja-se as questões relativas ao plano hidrológico espanhol).
- 
- A questão fundamental é a de que o peso histórico da conflitualidade entre os dois Estados e da desigualdade de meios possa comprometer a boa comunicação entre as duas empresas, a qual deverá, no entanto, ser sempre balizada por critérios estritamente profissionais.
- 
- A atitude que os nossos interlocutores espanhóis assumem é sempre a de uma grande abertura e uma enorme simpatia, o que não seria inteiramente de esperar, dada a posição de dependência de Portugal e a desproporção dos dois parques energéticos. Isto revela uma mentalidade evoluída e profissional e, seguramente, uma atitude acolhedora e muito pouco chauvinista.

A análise destes factos talvez pudesse ajudar numa discussão sobre qual seria a melhor estratégia de alianças preferenciais, pois nem sempre o relacionamento

externo português tem sido correspondido a uma valia de oportunidades, nomeadamente para as empresas nacionais. Recorda-se as antigas alianças com a Grã-Bretanha, com a França e, mais recentemente, com a Comunidade Europeia.

## HISTÓRIA 38

Uma jovem lisboeta foi passar férias a Espanha. Entrando num café, acercaram-se dela um grupo de três espanhóis, com umas moedas de 50 Pesetas, dizendo serem comemorativas do Rei. Ela, então, comprou uma das moedas por 300\$00, por ser comemorativa. Depois de estar em Lisboa, informou-se com um coleccionador de moedas e este disse-lhe que aquela, era apenas uma moeda vulgaríssima.

## HISTÓRIA 39

Um casal de Lisboa foi a Espanha passar férias e fazer algumas compras. Já em Espanha, num estabelecimento, compraram diversas coisas, entre elas também perfumes. Pediram à dona do estabelecimento se as podia guardar enquanto davam mais uma volta para passear e, eventualmente, fazerem mais compras. No regresso, quando foram buscar as compras que tinham ficado a guardar, o filho da dona da loja ofereceu-se para os ajudar a transportar as coisas até ao carro deles. Estes, depositando confiança nos donos da loja, não confirmaram a totalidade das compras. Chegados a Portugal, e já em sua casa, quando se encontravam a arrumar o que haviam comprado, aperceberam-se que faltavam duas embalagens de caramelos de 1,5 Kg e um frasco de perfume que lhes tinha custado 8.000\$00.

## HISTÓRIA 40

### Reunião de família

Domingo quente do Verão de 94. Por iniciativa da senhora mais idosa e dona-de-casa, sita perto de Sesimbra, alguns membros da família reúnem-se. Dessa reunião constava o casal dono-da-casa (80 anos), o filho (50 anos) e neta (24anos) do casal, um dos irmãos do dono-da-casa (75anos), esposa (70anos), filho (40anos) e noiva (26anos) do dono-da-casa e eu, amiga da neta.

A neta e eu encontrámo-nos a passar o fim-de-semana.

Primeiro, chegou o filho do casal que nos vinha buscar de volta a Lisboa. Cumprimentou carinhosamente a mãe, de uma forma distante, o pai, começou imediatamente a inteirar-se dos problemas da nova casa e ofereceu-se para resolver alguns, aqueles relacionados com papéis e que mais dificuldades apresentavam para o casal de idosos. Solicitamente, oferece os seus préstimos a nós a duas, que estávamos colocando a mesa para o almoço de família. Vai contando anedotas simpáticas e brincando com o nosso “bronze” de fim-de-semana no campo. Fala carinhosamente da esposa, ao relatar o seu estado de saúde durante o fim-de-semana em que a filha esteve ausente.

Pouco depois chegam os restantes familiares. Uma senhora loura (espanhola), passa a tomar conta da situação. Domina, de forma alegre e desinibida, as conversas, dá ordens e tudo num português espanholado falado a uma velocidade estonteante e acompanhado de gestos largos. Os elementos masculinos fogem de toda esta azáfama e vão conversar para o alpendre da casa. Eu e a neta “fugimos” com eles. Na cozinha, a ordem estabelece-se segundo os ditames da velha senhora dona-de-casa. Nenhuma das outras mulheres a contradizem e todas vão falando sobre os restantes membros da numerosa família, actualizando as novidades. Todos simpatizam com a senhora espanhola, antiga artista de circo. Era a partner do seu marido, mágico.

Entretanto, no alpendre, o “tomar de posições” não era assim tão pacato e agradável. Os dois irmãos degladiavam-se com histórias do passado e o visitante, fisicamente mais fraco (duas trombozes), vê-se obrigado, após uma seca troca de palavras, a afastar-se. Vem, então, ter com as “jovens senhoritas” e começa a contar episódios da sua juventude. De vez em quando pára para descansar. A esposa vem, por vezes, espreitar os seus queridos (filho e esposo). O filho estabelece uma animada conversa com o filho dos donos da casa. Fala espanhol, é muito simpático e solícito. Falam dos empregos e de quando eram jovens e brincavam juntos, antes do filho da senhora espanhola ter sido enviado para Espanha, onde acabou de estudar, para assim, escapar à guerra colonial.

O almoço é servido numa algazarra estimulante e acolhedora. Os assuntos inter cruzam-se até que a senhora espanhola inicia a descrição das suas aventuras quando trabalhava com o marido. Relata com maior gáudio os espectáculos que fez para soldados americanos durante a 2ª Guerra. É extremamente carinhosa para o marido e filho.

## HISTÓRIA 41

### A imposição da escolha da identidade

A minha mãe é portuguesa, o meu pai catalão. Nós, eu e os meus dois irmãos, nascemos em Portugal. Nunca sentimos como premência pessoal a necessidade duma nacionalidade concreta na definição da nossa personalidade. Mas viver em Portugal com um apelido claramente estrangeiro, intriga (ou mesmo incomoda) os outros. Isto, quer queiram, quer não, sempre nos afecta.

Quando uma questão é insolúvel, a melhor maneira de lidarmos com ela é ignorá-la. O nosso meio, no entanto, nem sempre o permite.

Na escola, em Portugal, fui sempre considerado “espanhol”, com um tom de um certo desprezo mal definido, é claro. Nunca o compreendi. Eu também era português, não era ? Não passa pela cabeça, numa sociedade de tradição matriarcal, desprezar a herança materna e a linha familiar. É uma situação confusa e revoltante para qualquer criança.

Quando a família se deslocou para Espanha, nas idas de 1974, pensei que me livraria, por uns tempos, duma “etiqueta” socialmente incómoda. Sim, mas não. Passei a ser “o português”, é claro, mas pelo menos sem qualquer conotação perjurativa, a qual já não era mau, mas representando, ainda, uma negação social da realidade dual do “eu”.

Com o tempo, facilmente encontrei a solução para esta difícil identificação social, que eu não necessitava, mas a Sociedade exigia : nem português, nem espanhol, mas ambos e catalão!

Quando voltei a Portugal, a história recomeçou...

## **Anexo 2 - Base de dado brutos**

us avons en entrée le fichier : LUZ

		RANGS							
		:FREQ.:	1 *	2 *	3 *	4 *	5 *		
te		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	0* 0*	1*						
rtura		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	0* 0*	0*	1*					
tam		: 1 :	0*	0*	0*	0*	1*		
vel		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
rangs	6 à 15	0* 0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1
gricultura		: 1 :	1*						
gres		: 1 :	0*	0*	0*	1*			
azarra		: 1 :	0*	1*					
ocar		: 1 :	1*						
o-voava		: 1 :	0*	0*	1*				
go		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	1*							
gos		: 3 :	1*	1*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	0* 0*	0*	0*	1*				
moyenne :	4.33								
zade		: 1 :	0*	0*	1*				
macao-noturna		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	0* 0*	1*						
mais-seleccionados		: 1 :	0*	0*	0*	0*	1*		
mal		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	0* 0*	1*						
imam		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
rangs	6 à 15	0* 0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0
rangs	16 à 25	0* 1*							
io-saude		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	0* 0*	0*	1*					
eciadores-comida		: 1 :	0*	1*					
roveitamento-hidroelectrico		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	1*							
ena		: 1 :	0*	1*					
ista-circo		: 1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15	0* 0*	0*	0*	0*	0*	1*		
salto		: 1 :	0*	0*	1*				





unicativa		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
rangs	16 à 25		1*								
flitualidade		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		1*						
servado		:	1	:	0*	0*	0*	1*			
trabando		:	2	:	1*	1*					
moyenne	: 1.50										
tras		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		1*								
atrola		:	1	:	0*	1*					
atrole-situacao		:	1	:	0*	1*					
aversa-animada		:	1	:	1*						
aversar		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
nvite		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		0*	1*					
nvivio		:	2	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		1*	0*	1*				
moyenne	: 8.00										
po		:	1	:	0*	0*	0*	0*	1*		
smopolitas		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		0*	1*					
idados-saude		:	1	:	0*	0*	0*	1*			
ltos		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		0*	1*					
urioso		:	1	:	0*	1*					
unça		:	2	:	0*	0*	1*	1*			
moyenne	: 3.50										
alicado		:	1	:	1*						
smocracia		:	1	:	0*	1*					
pendencia-moeda-exercito		:	1	:	0*	0*	1*				
esporto		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*	0*	
rangs	6 à 15		0*		0*	0*	0*	0*	0*	1*	
espreconceituados		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*		0*	1*					
espresado		:	1	:	0*	0*	1*				
esregrados-comer		:	1	:	1*						
estroi		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		

	rangs	6 à 15	0*	0*	0*	1*								
alogo			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*				
	rangs	6 à 15	0*	0*	0*	1*								
nheiro			:	1	:	0*	0*	1*						
nheiro-falso			:	1	:	1*								
scoteca			:	4	:	3*	0*	1*						
	moyenne :	1.50												
spersos			:	1	:	0*	1*							
stribuicao-energia			:	1	:	0*	0*	1*						
vertimento			:	2	:	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
	rangs	6 à 15	1*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
	rangs	16 à 25	0*	0*	1*									
	moyenne :	12.00												
mina			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*				
	rangs	6 à 15	1*											
ucação			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*				
	rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	1*							
usiva-espanhola			:	1	:	1*								
parcelamento			:	1	:	0*	1*							
preendedores			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
	rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
pregada			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*				
	rangs	6 à 15	1*											
chem-estradas			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*	1*			
fermeira			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*				
	rangs	6 à 15	0*	0*	1*									
ngano			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*				
	rangs	6 à 15	1*											
scolta			:	1	:	0*	0*	0*	1*					
spanhol			:	1	:	0*	0*	0*	0*	1*				
spanhola			:	4	:	2*	0*	1*	1*					
	moyenne :	2.25												
spanholas			:	1	:	0*	1*							
species			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
	rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*	
spera			:	1	:	0*	0*	1*						
sperar			:	1	:	0*	0*	1*						
spetaculos			:	1	:	0*	0*	0*	1*					

strategia		:	2	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		1*	0*	0*	1*			
	moyenne : 8.50										
tudar		:	2	:	0*	0*	1*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		0*	0*	0*	0*	0*	1*	
	moyenne : 8.00										
posicoes		:	1	:	0*	0*	0*	0*	1*		
lava-cotovelos		:	1	:	0*	0*	0*	1*			
lha-agricultura		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		0*	1*					
lha-energia		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		0*	0*	1*				
rpear		:	1	:	0*	0*	1*				
rias		:	2	:	2*						
	moyenne : 1.00										
sta-espuma		:	1	:	0*	1*					
sta-religiao		:	1	:	1*						
stas		:	2	:	0*	1*	0*	0*	1*		
	moyenne : 3.50										
lpe-gonzales		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		0*	0*	1*				
orma-alegre		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		1*						
ractura		:	1	:	0*	0*	0*	0*	1*		
ranco		:	2	:	1*	0*	1*				
	moyenne : 2.00										
iga		:	2	:	0*	0*	0*	1*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		0*	0*	0*	1*			
	moyenne : 7.50										
igitivo		:	1	:	0*	1*					
mar-beber		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		1*						
itebol		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		1*								
ado		:	1	:	1*						
audio		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*	0*	
	rangs 6 à 15		0*		0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
	rangs 16 à 25		1*								0*
estos-largos		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		0*	0*	1*				
orgeta		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		
	rangs 6 à 15		0*		1*						
racias		:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*		

rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*		
ande-sorriso		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*			
aus-academicos		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*		
itos		:	1 :	0*	0*	0*	1*				
ipo		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	0*	1*				
arda-civil		:	5 :	2*	2*	0*	0*	1*			
moyenne :	2.20										
erra-civil		:	3 :	1*	1*	1*					
moyenne :	2.00										
tel		:	2 :	1*	1*						
moyenne :	1.50										
entificacao-social		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	1*									
cendio		:	1 :	0*	0*	0*	0*	1*			
comodo		:	1 :	0*	1*						
timacao		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	0*	0*	1*							
trigante		:	1 :	1*							
veja		:	1 :	0*	1*						
vestimento		:	1 :	0*	0*	0*	0*	1*			
ogar		:	1 :	1*							
encois-enxovalhados		:	1 :	0*	0*	0*	0*	1*			
literatura		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	
rangs	16 à 25	0*	0*	1*							
ivros		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	1*									
ixeira		:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	0*	0*	1*							
oiça-barro		:	1 :	0*	1*						
ua		:	1 :	0*	0*	0*	1*				
adrid		:	3 :	1*	0*	0*	0*	0*			
rangs	6 à 15	0*	0*	0*	1*	0*	0*	0*	0*	0*	
rangs	16 à 25	0*	0*	0*	1*						
moyenne :	9.67										
alandro		:	1 :	0*	0*	0*	1*				
andava		:	1 :	0*	0*	1*					

cialvas			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			
	rangs	6 à 15		0*		0*	0*	0*	0*	1*			
s-relações			:	1	:	0*	0*	1*					
tar			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			
	rangs	6 à 15		1*									
trricula-roubada			:	1	:	0*	0*	0*	1*				
u			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			
	rangs	6 à 15		0*		0*	1*						
dia-barriga			:	1	:	0*	0*	0*	1*				
dico			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			
	rangs	6 à 15		0*		1*							
ntalidade-evoluida			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			
	rangs	6 à 15		0*		0*	0*	0*	0*	1*			
arcadoria			:	1	:	0*	0*	1*					
arda			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			1*
renda			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		0*		0*	0*	1*					
orte			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		1*									
orte-franco			:	1	:	1*							
ortito			:	1	:	0*	1*						
ii-velho			:	1	:	0*	0*	0*	1*				
uito-alegres			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		1*									
ultas			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		0*		1*							
useus			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		0*		0*	1*						
usica			:	3	:	0*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		0*		0*	0*	0*	1*	0*		1*	0*
	rangs	16 à 25		0*		0*	1*						0*
	moyenne :	14.33											
amoro			:	1	:	0*	1*						
atal			:	1	:	0*	0*	0*	1*				
em-obrigado			:	1	:	0*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		1*									
oite			:	2	:	1*	0*	0*	0*	0*			0*
	rangs	6 à 15		0*		0*	1*						

moyenne :		4.50									
ite-inteira			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*
me-proprio			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	0*	0*	0*	1*			
rmas-soaias-rigidas			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*		
io			:	1 :	0*	0*	0*	1*			
endida			:	1 :	0*	0*	1*				
ho-esbugalhado			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*
rangs	16 à 25		1*							0*	0*
dena			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	1*						
relhas			:	1 :	0*	0*	0*	1*			
gamento			:	1 :	0*	0*	0*	0*	1*		
ugar			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	1*							
ais-basco			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	1*						
almada-costas			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*
ancada			:	2 :	0*	0*	0*	2*			
moyenne :	4.00										
arlamento			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	0*	1*
artilha			:	2 :	0*	0*	0*	0*	1*		
rangs	6 à 15		1*								
moyenne :	5.50										
ascoa			:	2 :	0*	1*	1*				
moyenne :	2.50										
assear			:	2 :	1*	0*	0*	1*			
moyenne :	2.50										
asseios			:	1 :	0*	0*	0*	1*			
atrao			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		1*								
erdido			:	1 :	0*	1*					
erfumes			:	1 :	0*	1*					
esetas			:	2 :	0*	1*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	0*	0*	0*	0*	1*			
moyenne :	6.50										
eso-historico			:	1 :	0*	0*	0*	0*	0*		
rangs	6 à 15		0*	1*							







DISTRIBUTION TOTALE		: 323 :									
LANGS	6 à 15	23*	21*	18*	14*	11*	11*	9*	8*	7*	7*
LANGS	16 à 25	5*	3*	2*	3*	1*	0*	0*	0*	0*	0*
LANGS	26 à 30	0*	0*	0*	0*	0*					

nombre total de mots différents : 283  
 nombre total de mots cités : 323

moyenne générale : 6.04

DISTRIBUTION DES FREQUENCES

freq.	* nb. mots
1	* 255
2	* 20
3	* 5
4	* 2
5	* 1

**Anexo 3** – *Lista das categorias e distribuição das palavras  
pelas categorias*

LISTE DES MOTS AVEC LEUR CATEGORIE PAR ORDRE ALPHABETIQUE

12 1 abate  
26 1 abertura  
7 1 acatam  
7 1 afavel  
12 1 agricultura  
2 1 alegres  
24 1 algazarra  
8 1 almocar  
22 1 alto-voava  
25 1 amigo  
25 3 amigos  
25 1 amizade  
20 1 animacao-noturna  
8 1 animais-selecionados  
26 1 animal  
20 1 animam  
13 1 apoio-saude  
8 1 apreciadores-comida  
13 1 aproveitamento-hidroelectrico  
1 1 arena  
20 1 artista-circo  
28 1 assalto  
11 1 assombramento  
21 1 assustaram  
14 1 atentados  
21 1 atrevimento  
25 1 aumenta  
2 1 aventuras  
26 1 azafama  
20 2 baile  
6 1 bairro-cigano  
24 1 barulhentos  
2 1 bater-palmas  
20 1 bebidas  
7 1 beijo  
12 1 bem-arranjados  
16 1 bilbao  
20 1 boa-convivencia  
13 1 boa-educacao  
13 1 boa-policia  
25 1 boas-amizades  
13 1 boas-casas  
12 1 boas-sementes  
20 1 boemia  
14 1 bombas  
23 1 bons  
12 1 bons-carros  
20 1 bons-momentos  
12 1 bons-prados  
21 1 cabeça-gorda  
24 1 calar  
19 1 campanhas-militares

12 1 dinheiro  
7 1 carencia-alimentos  
20 1 carinhosa  
21 1 carnaval  
16 1 carne-sem-inspecao  
9 1 catalao  
23 1 catolicos  
21 1 chapeus-chuva  
27 1 charlatao  
16 1 chegada  
21 1 cidade-rodrigo  
8 1 ciumes  
10 1 comer-bem  
8 1 comercio-poderoso  
10 1 comida  
7 1 compras  
26 1 comunicacao  
14 1 comunicativa  
11 1 conflitualidade  
28 1 conservado  
12 2 contrabando  
18 1 contras  
13 1 controla  
20 1 controle-situacao  
20 1 conversa-animada  
20 1 conversar  
20 1 convite  
20 2 convivio  
22 1 copo  
13 1 cosmopolitas  
15 1 cuidados-saude  
26 1 cultos  
20 1 curioso  
7 2 danca  
12 1 delicado  
12 1 democracia  
17 1 dependencia-moeda-exercito  
25 1 desporto  
21 1 despreconceituados  
8 1 despresado  
21 1 desregrados-comer  
25 1 destroi  
13 1 dialogo  
21 1 dinheiro  
20 1 dinheiro-falso  
11 4 discoteca  
3 1 dispersos  
0 1 distribuicao-energia  
9 2 divertimento  
3 1 domina  
1 1 educaçao  
1 1 efusiva-espanhola  
1 1 emparcelamento  
1 1 empreendedores  
1 1 empregada  
1 1 enchem-estradas  
1 1 enfermeira  
1 1 engano  
1 1 escolta

1 espanhol  
4 espanhola  
1 espanholas  
1 especies  
1 espera  
1 esperar  
1 espetaculos  
2 estrategia  
2 estudar  
1 exposicoes  
1 falava-cotovelos  
1 falha-agricultura  
1 falha-energia  
1 farpear  
2 ferias  
1 festa-espuma  
1 festa-religiao  
2 festas  
1 filipe-gonzales  
1 forma-alegre  
1 fractura  
2 franco  
2 fuga  
2 fugitivo  
3 fumar-beber  
7 futebol  
8 gado  
2 gaudio  
6 gestos-largos  
1 gorgeta  
7 gracias  
7 grande-sorriso  
25 graus-academicos  
24 gritos  
25 grupo  
18 guarda-civil  
18 guerra-civil  
5 hotel  
12 identificacao-social  
21 incendio  
21 incomodo  
21 intimação  
12 intrigante  
21 inveja  
13 investimento  
17 jogar  
21 lencois-enxovalhados  
15 literatura  
15 livros  
21 lixeira  
23 loiça-barro  
22 lua  
16 madrid  
21 malandro  
22 mandava  
1 marialvas  
21 mas-relações  
28 matar  
28 matricula-roubada  
21 mau

27 1 media-barriga  
13 1 medico  
13 1 mentalidade-evoluida  
13 1 mercadoria  
8 1 merda  
8 1 merenda  
28 1 morte  
18 1 morte-franco  
28 1 mortito  
20 1 mui-velho  
2 1 muito-alegres  
12 1 multas  
11 1 museus  
20 3 musica  
3 1 namoro  
9 1 natal  
21 1 nem-obrigado  
20 2 noite  
20 1 noite-inteira  
25 1 nome-proprio  
6 1 normas-soaiiais-rigidas  
21 1 odio  
22 1 ofendida  
26 1 olho-esbugalhado  
26 1 ordena  
8 1 ovelhas  
27 1 pagamento  
21 1 pagar  
16 1 pais-basco  
7 1 palmada-costas  
14 2 pancada  
12 1 parlamento  
25 2 partilha  
9 2 pascoa  
5 2 passear  
5 1 passeios  
22 1 patrao  
17 1 perdido  
10 1 perfumes  
12 2 pesetas  
19 1 peso-historico  
8 1 petisco  
13 1 petroleo  
15 1 pintura  
29 1 plano-hidrologico  
19 1 pobre  
12 1 politica  
22 1 portuguesito  
19 1 pos-guerra-civil  
8 1 poucas-cerimonias  
21 1 prejuizo  
12 1 preservacao  
28 1 preso  
28 1 prisao  
12 1 problema  
23 1 procura-trabalho  
13 1 producao  
23 1 profissao  
23 1 profission  
9 1 quaresma

17 1 queixa  
3 1 rapariga-atraente  
.7 1 real  
.2 1 rebeldes  
.2 1 reclames-direita  
.2 1 reclames-esquerda  
12 1 refugio  
4 1 rei  
25 1 respeito  
2 1 rica  
2 1 riso  
28 1 risos  
10 1 roubo  
12 1 roupa  
20 1 roupas-modernas  
20 1 sa-convivencia  
27 1 saida  
16 1 salamanca  
13 1 saude  
21 1 selvagens  
21 1 sem-gratificacao  
7 2 simpatia  
12 1 sociedade  
21 1 sujidade  
8 1 taipas  
23 1 taxista  
15 1 teatro  
21 1 teimosia  
12 1 tempos-hostilidade  
12 1 tesito  
6 1 tiro  
4 1 titulos  
20 1 tocar  
1 1 tourear  
23 1 trabalhadores  
23 1 trabalho  
15 1 tradiçao  
21 1 transgressor  
12 1 transporte  
14 1 traumatizados  
6 1 tribo  
25 1 tristes  
5 1 turismo-negocios  
15 1 valores  
26 1 veia-inchada  
26 1 verborreia  
14 1 violencia  
6 1 virgens  
25 1 vizinho  
25 3 vizinhos  
24 1 voz-espanholas